



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CAMPUS CATALÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM, CULTURA E IDENTIDADE

ANA PAULA CORRÊA PIMENTA

A REPRESENTAÇÃO DO LÉXICO RURAL EM *ERMOS E GERAIS*
DE BERNARDO ÉLIS

CATALÃO (GO)

2013

ANA PAULA CORRÊA PIMENTA

**A REPRESENTAÇÃO DO LÉXICO RURAL EM *ERMOS E GERAIS*
DE BERNARDO ÉLIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - nível de Mestrado - da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Língua, linguagens e cultura

Orientador: Prof. Dr. Braz José Coelho

CATALÃO (GO)

2013

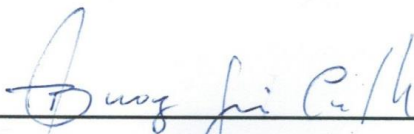
ANA PAULA CORRÊA PIMENTA

**“A REPRESENTAÇÃO DO LÉXICO RURAL EM *ERMOS E
GERAIS* DE BERNARDO ÉLIS”**

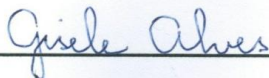
Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Linguagem, área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Aprovado em **31 de julho de 2013**.

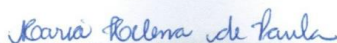
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Braz José Coelho
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão



Profª Drª Gisele Alves
Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SMEC



Profª Drª Maria Helena de Paula
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão

Dedico este trabalho às pessoas que me são tão valiosas, Sr. Luiz, meu pai, Sr^a Voner, minha mãe, Adryan e Ariany, meus filhos amados, e Fernando, meu companheiro fiel de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido forças e sabedoria nessa caminhada se fazendo presente em todos os momentos da minha vida.

Aos meus pais, verdadeiros exemplos de coragem, persistência, humildade e sabedoria, que fizeram dos meus sonhos seus próprios objetivos e das minhas metas sua própria luta.

Aos meus filhos, Ariany e Adryan, pela compreensão nos momentos de ausência.

Ao meu esposo Fernando, por sempre acreditar nos meus sonhos e no meu sucesso, por caminhar ao meu lado mesmo nos momentos difíceis e por ser um esteio nas horas amargas.

Aos meus irmãos Marcelo e Renato, pelo carinho e incentivo.

Aos meus avós, Manoel e Mariana, que com tanto amor me fizeram trilhar pelos seus caminhos, ensinando-me os valores e os princípios da vida. Da singeleza de suas vidas de roceiros, das suas sábias palavras, herança valiosa que nos fizeram conhecer e compartilhar, surgiu toda a inquietação deste estudo. Em suas pisadas, coloco os meus pés, nos seus rastros, faço minhas páginas.

À Profa. Dra. Maria Helena, pelas excelentes sugestões e ideias na ocasião da elaboração do projeto de pesquisa, o qual deu origem a esta dissertação.

Especialmente, ao professor e orientador desta dissertação, Braz José Coelho, que com muita sabedoria, paciência, dedicação e carinho conduziu cada momento deste trabalho, cedendo seu precioso tempo para que fosse hoje concluído e o meu sonho realizado. Mais que orientador, amigo, a quem devo respeito, admiração, carinho e gratidão.

A todos os meus amigos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho. Em especial, à Veridiana e Rosimeire, verdadeiras amigas que sempre estiveram ao meu lado, encorajando-me nos momentos difíceis e aplaudindo-me nos momentos de glória.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de Bolsa de Estudos, imprescindível ao desenvolvimento desta pesquisa.

A todos os professores do departamento de Letras de Catalão e funcionários, os meus sinceros agradecimentos.

As palavras, as frases têm para mim vida à parte, sabor, cor, cheiro, som, personalidade e sentimentos. Para mim, a literatura (como arte de unir palavras e lhes dar um sentido) é o deus que cria o mundo e a vida. Ao escrever me sinto mais próximo de minha integralidade como ser humano, não apenas para ver o belo e dignificante, como para ver o feio, o horroroso e o degradante.

Bernardo Élis

RESUMO

Esta pesquisa estuda o léxico rural da obra *Ermos e Gerais* de Bernardo Élis, um livro de contos regionalistas publicado em 1944 pela Bolsa de Publicações “Hugo de Carvalho Ramos”. O objetivo deste estudo é a elaboração de um glossário com um arranjo de itens suficientemente abrangente no que se refere à representação do léxico rural da obra em questão. Para tanto, fez-se uma análise das lexias presentes em cada conto por meio de consultas ao *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2010) e ao *Dicionário do Brasil Central – subsídios à Filologia* de Bariani Ortêncio (2009) e também pelo contexto da enunciação, verificando quais unidades lexicais se configuram como rurais. Aplicam-se apropriadamente os contos de Bernardo Élis como *corpus* de análise porque os itens lexicais representativos do dialeto rural são recorrentes, já que o autor procurou fixar no plano literário a geografia física e humana de seu Estado Natal - Goiás, demonstrando os aspectos históricos, políticos, socioculturais e, especialmente, linguísticos. Após a análise dos dados constatou-se um número significativo de lexias rurais, o que evidencia que o repertório lexical do *corpus* está assentado nos interesses da pesquisa. Os resultados deste estudo ressaltam a importância do léxico na história e na cultura de um povo e, sobretudo, a relevância da variedade linguística rural na história da língua portuguesa em Goiás.

Palavras-chave: Língua. Cultura. Léxico rural. Ermos e Gerais. Bernardo Élis

ABSTRACT

This research studies the lexicon of rural work *Ermos e Gerais* Bernardo Élis, a storybook regionalist published in 1944 by the Exchange Publications "Hugo de Carvalho Ramos". The aim of this study is to prepare a glossary with an arrangement of items sufficiently comprehensive as regards the representation of the lexicon of rural work in question. As such, there is an analysis of lexis present in each tale through consultations *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2010) and *Dicionário do Brasil Central – subsídios à Filologia* of Bariani Ortêncio (2009) and also by the context of utterance, checking which lexical units are configured as rural. Apply appropriately tales Bernardo Élis as corpus analysis because the lexical items representing the rural dialect are recurrent, since the author tried to fix on the literary the physical and human geography of their home state - Goiás, demonstrating the historical, political, socio-cultural and especially linguistic. After analyzing the data it was found a significant number of rural lexis, which shows that the lexical repertoire of the corpus is seated in the interests of research. The results of this study emphasize the importance of the lexicon in the history and culture of a people, and especially the importance of linguistic variety in rural history of the Portuguese language in Goiás.

Keywords: Language. Culture. Lexicon countryside. Ermos e Gerais. Bernardo Élis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto n.º 1 – Monjolo.....	15
Foto n.º 2 – Manuel e Mariana (avós maternos) na Fazenda Bom Sucesso.....	21
Foto n.º 3 – Carro de boi.....	48
Foto n.º 4 – Bernardo Élis.....	59
Foto n.º 5 – Tucano no pé de mamão.....	77
Foto n.º 6 – Manuel e Mariana no fogão caipira.....	86
Foto n.º 7 – Pássaro – “João-bobo”.....	175
Foto n.º 8 – Capivara à beira da represa.....	198
Foto n.º 9 – Manoel e Mariana na bica d’água.....	202

LISTA DE TABELAS

Tabela nº 1 – Exemplo da distribuição das lexias em campos lexicais.....	81
Tabela nº 2 – Exemplo da ficha lexicográfica apresentada no capítulo 4.....	82
Tabela nº 3 – Distribuição dos campos lexicais.....	170

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico n.º 1 – Número de lexias encontradas em cada dicionário.....	167
Gráfico n.º 2 – Distribuição percentual das lexias dicionarizadas e não dicionarizadas.....	168

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A – dicionarizado no Aurélio

A/B – dicionarizado no Aurélio e no Bariani

adj. – adjetivo

adv. – advérbio

B – dicionarizado no Bariani

conj. – conjunção

exp. – expressão

fig. – sentido figurado

interj. – interjeição

loc. adv. – locução adverbial

loc. s. – locução substantiva

n/d – não dicionarizado em nenhuma das obras consultadas

n/e – não encontrado

prep. – preposição

pron. – pronome

s. – substantivo

v. – verbo

Siglas para os títulos dos contos

AM – As morféticas

AL – André Louco

CBT – A crueldade benéfica de Tambiú

CEDC – cenas de esquina depois da chuva

CIOL – O caso inexplicável da orelha de Lolô

DL – O diabo louro

LS – O louco da sombra

MCA – A mulher que comeu o amante

MMA – O menino que morreu afogado

NACC – Nholá dos Anjos e a cheia do Corumbá

NSJ – Noite de São João

OESR – O erro de Sá Rita

OESV – O engano do seu vigário

OP – O papagaio

PN – Pai Norato

PNL – Papai Noel ladrão

TV – Trecho da vida

UAT – Um assassinato por tabela

UDNV – Um duelo que ninguém viu

VSQJ – A virgem santíssima do quarto de Joana

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
1.1 A relação entre língua e cultura	22
1.1.1 A Sociolinguística	26
1.1.2 A variação linguística	29
1.2 Dialetoлогия	32
1.2.1 A Dialetoлогия no Brasil	34
1.3 Léxico e cultura	37
1.3.1 Lexicologia	40
1.3.2 Lexema e lexia	41
1.3.3 Lexicografia	42
1.3.4 Dicionário, vocabulário e glossário	43
II BERNARDO ÉLIS: VIDA E OBRA	49
2.1 Sobre o autor	49
2.1.1 Características do autor	54
2.2 Sobre a obra	60
III PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	78
3.1 A coleta de dados	78
3.2 A escolha dos dicionários	78
3.3 A descrição dos dados	80
3.4 A ficha de análise	82
3.5 Macro e microestrutura do Glossário	83
IV APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	87
4.1 As fichas lexicográficas	87

4.2 Análise quantitativa -----	166
4.2.1 Quanto ao número de lexias que aparecem nos dicionários recorridos -----	166
4.2.2 Quanto às lexias dicionarizadas e não dicionarizadas -----	167
4.3 Distribuição das lexias em campos lexicais -----	168
V GLOSSÁRIO -----	176
CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	199
REFERÊNCIAS -----	203



Foto n°1: Monjolo (Acervo particular)

INTRODUÇÃO

O estudo da linguagem como parte da cultura e da sociedade constituiu-se em um dos campos mais férteis da pesquisa linguística a partir dos anos 50. O debate sobre as evidências dessa relação vem, não apenas aprimorando muitos argumentos favoráveis a ela, como também proporcionando novas visões da questão.

Nas últimas décadas do século XX surgiram muitas pesquisas, com enfoque no léxico, que investigam estas influências. Esses estudos têm demonstrado que o léxico é o domínio da língua que mais se aproxima da realidade extralinguística, posto que representa os elementos culturais e sociais de uma determinada comunidade. Trata-se de um acervo vocabular que se vincula ao modo como cada cultura interpreta a realidade, resultando em um processo de nomeação e de cognição nos mais diferentes registros linguísticos.

Assim sendo, este trabalho está assentado na perspectiva de que o estudo do léxico não pode ser dissociado da cultura, já que o léxico representa hábitos, costumes, valores e crenças de um povo, de uma sociedade. Ele inclui vocábulos linguísticos e não linguísticos referentes ao mundo físico e cultural, por isso é considerado como uma parte do idioma que mais se associa ao extralinguístico. É por meio dele que todo saber adquirido em vários momentos da vida dos indivíduos é transmitido às gerações seguintes, destarte, não por acaso é geralmente definido como um patrimônio vocabular de um povo ao longo de sua história.

Partindo dessa perspectiva, propõe-se um estudo lexical na obra *Ermos e Gerais* (2005)¹ de Bernardo Élis, tendo como respaldo o tripé léxico, cultura e sociedade. A finalidade deste estudo é a elaboração de um glossário que inclua um arranjo de itens suficientemente abrangente no que se refere à representação do léxico rural da obra em questão. Para tanto, fez-se uma análise das lexias (consideradas rurais) presentes em cada conto por meio de consultas ao *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2010) e ao *Dicionário do Brasil Central – subsídios à Filologia* de Bariani Ortêncio (2009) e também pelo contexto da enunciação, verificando quais unidades lexicais se configuram como rurais.

Aplica-se apropriadamente esta obra como *corpus* de análise porque os itens lexicais representativos do dialeto rural são recorrentes, já que Bernardo Élis procurou fixar no plano literário a geografia física e humana de seu Estado Natal, isto é, a vida rural no interior de Goiás, demonstrando os aspectos históricos, políticos, socioculturais e, especialmente,

¹ Utilizaremos a edição de 2005 da obra *Ermos e Gerais*, publicada primeiramente em 1944.

linguísticos. Portanto, pode-se afirmar que o repertório lexical do *corpus* está assentado nos interesses da pesquisa, pois oferece profuso vocabulário com termos e expressões rurais.

Convém ressaltar, que *Ermos e Gerais* é o primeiro livro de Bernardo Élis, constituído por dezenove contos e uma novela, publicado em primeira edição no ano de 1944. É uma obra de extremo valor literário e linguístico, profundamente arraigada à situação econômica, política e social da época em que Bernardo Élis viveu em Goiás. Isto implica dizer que esta obra foi produzida em um período em que a região era dominada pelos poderosos coronéis, que seguia uma política de proteção aos seus interesses, menosprezando, de forma desumana e cruel, os trabalhadores rurais. Assim, desejoso em colaborar para a mudança social de seu Estado Natal, o escritor tomou para si a tarefa de retomar o projeto estético de 30, seguindo os passos de Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, revelando nessa obra os problemas político-sociais de Goiás: os costumes ainda arraigados na sociedade pela ignorância e pelo atraso cultural; a vida miserável do sertanejo e a sua luta pela sobrevivência, a desumanização do ser humano no isolamento do sertão; os fatores de pressão social como a força arbitrária dos soldados e coronéis e até mesmo a força da própria natureza.

Desse modo, pode-se afirmar que a temática ficcional do escritor nessa obra está centrada no homem do sertão, apanhado na sua estrutura física, psicológica e sociocultural, o que nos permite delinear o espaço: a realidade do sertão goiano, a rusticidade e a precariedade da região. Isto quer dizer que além das características humanas, Bernardo Élis nos fornece uma nítida visão do espaço sertanejo, “pintando” verdadeiras paisagens do cerrado goiano, em pleno isolamento no início do século XX. Com isso, corrobora-se que a opção de Bernardo Élis pelo regionalismo, além da explícita atitude de protesto, é uma atitude “compensatória” de valorização e preservação das peculiaridades do sertão goiano, incluindo neste íterim as manifestações linguísticas desse povo.

Fato a ser considerado é que a pujante estratégia de Bernardo Élis em produzir uma literatura nos moldes do regionalismo e sob as luzes do modernismo de 1930, também chamado de neo-realismo ou realismo social, notabilizou sua obra não apenas pelo seu caráter estético, histórico e político, mas principalmente por sua criatividade linguística. Valendo-se dos recursos próprios da narrativa oral, o autor soube com maestria construir uma narrativa de merecida consagração, razão porque foi considerado o introdutor do Modernismo em Goiás, reconhecido como um dos maiores representantes da literatura regionalista e, ainda, eleito para a Academia Brasileira de Letras. Daí o interesse em eleger este escritor para esta análise.

Na verdade, a afinidade com esse escritor surgiu na época da graduação, ocasião em que tivemos a oportunidade de ler pela primeira vez seus emblemáticos textos. Suas obras,

Ermos e Gerais e Veranico de Janeiro, foram muitas vezes percorridas por nós em releituras críticas que alimentaram seminários e trabalhos diversos. O fato de representar nesses textos a realidade de Goiás (também nosso Estado Natal) e, ainda, por fazer parte de uma cultura que está impregnada nas páginas da nossa história de vida, não só suscitou em nós uma afeição especial pelo seu trabalho como nos fez admirar ainda mais esse tão talentoso e renomado escritor, Bernardo Élis.

Assim, analisar o léxico rural em uma narrativa ficcional, principalmente como a de Bernardo Élis, nos faz refletir sobre a importância desse componente linguístico na história e na cultura de um povo e, sobretudo a relevância da variedade linguística rural na história da língua portuguesa em Goiás.

Este estudo, também, permite-nos refletir a respeito de certas posições conservadoras que consideram o dialeto rural como uma deturpação linguística, negando-lhe o direito de existir como uma variedade linguística ou simplesmente imputando-lhe a condição de variedade linguística inferior. A perspectiva que se tem observado até o momento é que a nossa sociedade, principalmente a educação, tem privilegiado a língua da cultura letrada em detrimento da língua popular, ou seja, várias pessoas e alguns profissionais da educação ainda possuem uma concepção de língua que toma essa norma como a verdadeira língua, ignorando as demais variedades linguísticas, como é o caso do dialeto rural. Considerando esse conjunto de fatores é que se propôs um estudo sobre o léxico rural, na tentativa de ressaltar a importância da variedade linguística rural e de ratificar sua existência como forma autêntica e válida dentre as diversas manifestações linguísticas.

Todas essas considerações prescritas se justificam pelo objetivo principal que norteou esta pesquisa: realizar um estudo lexical na obra *Ermos e Gerais* de Bernardo Élis, tendo em vista a elaboração de um glossário das lexias rurais presentes nos contos. A partir deste, buscou-se eleger outros a fim de dar um adequado direcionamento ao estudo, os quais são:

- investigar os itens lexicais que representam o léxico rural nos contos, descrevendo-os em fichas lexicográficas;
- conhecer e compreender o léxico rural, analisando cada lexia a partir de consultas ao *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2010) e ao *Dicionário do Brasil Central – subsídios à Filologia* de Bariani Ortêncio (2009) e por meio da distribuição das lexias em campos lexicais;
- elaborar um glossário, com o propósito de mostrar a relação entre léxico e cultura, partindo do pressuposto de que as unidades lexicais do *corpus* podem evidenciar tanto os aspectos linguísticos como os aspectos socioculturais do homem sertanejo no interior de Goiás;

- desenvolver uma reflexão sobre a importância dessa variante linguística na história e na cultura do povo goiano, bem como sua contribuição para a formação do léxico geral do português usado no Brasil.

A fim de atender aos objetivos propostos neste estudo, buscou-se estruturar o trabalho em cinco capítulos. O primeiro, intitulado **Fundamentação teórica**, apresenta, inicialmente, um recorte teórico de estudos linguísticos voltados para a relação entre língua, cultura e sociedade, destacando, principalmente, os estudos de Sapir (1949, 1969), Malinowski (1972) e Lyons (2009) e, na sequência, algumas definições de cultura tratadas por Bosi (1992) e Geertz (1997). Em seguida, discorre-se sobre a Sociolinguística, mostrando os seus primeiros contornos e seu desenvolvimento de acordo com os estudos de Bright (1966), Labov (1972), Tarallo (1986) e Preti (1987) e, posteriormente sobre a variação linguística. A segunda parte deste capítulo versa sobre a Dialectologia, expondo um breve histórico dos estudos dialetais de acordo com os posicionamentos de Faraco (2005), Ferreira e Cardoso (1994) e Isquierdo (2005). A terceira seção aborda alguns posicionamentos teóricos sobre a relação entre o léxico e cultura e, ainda, sobre a Lexicologia e Lexicografia, com base nos estudos de Biderman (1981, 2001), Vilela (1994), Carvalho (2009), Isquierdo (2010) e Coelho (1991, 2006, 2008, 2011).

O segundo capítulo, **Bernardo Élis: vida e obra**, apresenta, inicialmente, nuances da História de Goiás associada à história de vida do autor e, posteriormente, um panorama bibliográfico, ressaltando as características principais de seu estilo literário, bem como as propriedades fundamentais de *Ermos e Gerais*, com base em Abdala Jr (1983), Athayde (1997), Bechara (1991), Frederico (1997), Teles (1997), dentre outros.

O terceiro, denominado **Procedimentos metodológicos**, trata dos procedimentos utilizados na realização desta pesquisa, a saber: os critérios adotados para a coleta dos dados, os motivos para a escolha dos dicionários, os métodos adotados para a descrição das lexias e os meios utilizados para a sistematização e análise dos itens lexicais selecionados. Este capítulo descreve, ainda, a constituição da ficha lexicográfica e os elementos que compõem a macro e a microestrutura do glossário, caracterizando o tipo de aporte teórico que serviu de base para a sua elaboração.

O quarto capítulo, **Apresentação e análise dos dados**, de maior extensão, apresenta um estudo descritivo dos dados sistematizados em fichas lexicográficas, contendo: lexia; informação gramatical; abonação; registro em dicionários. Esta parte constitui a base principal para a análise dos dados. Após essa descrição, segue-se uma análise quantitativa dos dados no que se refere ao número de lexias dicionarizadas e não dicionarizadas. Para melhor

operacionalizar o processo de sistematização dessas unidades linguísticas, bem como ilustrar o percentual dos dados analisados, são exibidos dois gráficos: o primeiro mostra o número de lexias encontradas em cada dicionário, o segundo exhibe o percentual das unidades dicionarizadas e não dicionarizadas. A parte final deste capítulo mostra, ainda, de forma breve, algumas teorias sobre os campos lexicais, destacando os estudos de Saussure (1916), Trier (1934), Matoré (1953), Geckeler (1976), Coseriu (1977) e Biderman (1981), pesquisadores renomados que trouxeram importantes contribuições para os estudos linguísticos no que tange ao estudo do léxico sob o enfoque de “sistema”. No intuito de fundamentar a análise do *corpus* e de apresentar um estudo mais preciso e coerente é que se procurou apresentar estas considerações iniciais, já que em seguida propõe-se uma análise descritiva dos dados a partir da noção de campos lexicais. No item, **Distribuição das lexias em campos lexicais**, os dados são apresentados em um quadro geral de classificação, composto por três macrocampos: natureza – sociedade – aitudes/características, os quais são subdivididos em vinte e seis microcampos, ou seja, as lexias são distribuídas em campos lexicais segundo marcas comuns de significações, dispostas nos três macrocampos e organizadas dentro dos limites semânticos dos microcampos.

O quinto capítulo, intitulado **Glossário**, mostra o vocabulário extraído das fichas lexicográficas, ou seja, as 292 lexias rurais retiradas dos contos de *Ermos e Gerais*, com os seguintes dados linguísticos: a) informações gramaticais; b) acepções dos vocábulos; c) abonações. Para sua elaboração utilizou-se como referência o livro *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral (1920), obra de grande importância nos estudos dialetais de língua portuguesa no Brasil, que apresenta uma estrutura simples e categórica na organização dos verbetes.

Por último, em **Considerações Finais**, são retomados os principais aspectos discutidos nos capítulos anteriores e os resultados obtidos a partir da análise desenvolvida.

Até o momento não se tem conhecimento de que há trabalhos voltados para a análise do léxico rural nas obras de Bernardo Élis, portanto, espera-se que esta pesquisa possa proporcionar uma significativa contribuição para os estudos linguísticos acerca do léxico rural em Goiás e, ainda, servir como subsídio para pesquisas posteriores.



Foto nº 2: Manoel e Mariana (avós maternos) na Fazenda Bom Sucesso – Urutaí/ Goiás (Acervo particular)

I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A relação entre língua e cultura

O estudo da linguagem como parte da cultura e da sociedade constitui-se em um dos campos mais férteis da pesquisa linguística a partir dos anos 20. A discussão em torno dessa relação vem fomentando o interesse de estudiosos, dando origem a várias pesquisas. Entre as mais famosas podem ser citadas as dos seguintes pesquisadores: Malinowski ([1923] 1976) e função pragmática da linguagem, Sapir-Whorf ([1929] 1969) e relativismo linguístico.

A hipótese de Edward Sapir (1884-1939), linguista e antropólogo, e de seu discípulo Benjamim Lee Whorf (1897-1941) está em íntima relação com as pesquisas etnolinguísticas de linha norte-americana, e se apresenta como um misto das formulações teóricas do determinismo linguístico (a linguagem determina o pensamento) e da relatividade linguística (relação entre a linguagem e o pensamento). As teses de Sapir são concretizadas em definitivo através dos trabalhos científicos de Whorf que formula de modo concreto o princípio da relatividade linguística, o qual constitui o ponto central da hipótese de Sapir-Whorf.

Convém assinalar que as ideias fundamentais dessa hipótese surgiram de um trabalho realizado nos anos 20 por Franz Boas (1858-1942) e seus colaboradores, onde são ressaltados não só a importância dos estudos linguísticos para a etnologia, mas também o papel exercido pela cultura no que diz respeito à linguagem. Desse modo, as generalizações teóricas, conhecidas por hipótese de Sapir-Whorf, são produto de pesquisas realizadas por eles entre indivíduos pertencentes a tribos de línguas ameríndias.

As reflexões de Sapir (1969) a respeito da relação entre cultura de um povo e o papel criador exercido pela língua são de importância capital para a concepção da linguagem como eficiente instrumento de socialização. Nesse sentido, o autor destaca que:

Toda língua tem uma sede. O povo que a fala, pertence a uma raça (ou a certo número de raças), isto é, a um grupo de homens que se destaca de outros grupos por caracteres físicos. Por outro lado, a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas (SAPIR, 1949, p. 165).

Sapir (1969) ressalta a importância de uma análise cuidadosa no que tange às relações entre a evolução da linguagem e da cultura, uma vez que, para o autor, não existe, efetivamente, um simples paralelismo entre a forma de uma língua e o tipo de cultura dos usuários da mesma. De acordo com o autor, a evolução linguística e cultural de um povo se apresenta, inicialmente, de modo dicotômico, onde a primeira se desenvolve mais

rapidamente que a segunda. Tal fato é consequência de mudanças de caráter psicológico ocorridas no grupo e do consequente condicionamento físico. Nessa perspectiva, língua e cultura, por se apresentarem dicotomizadas, se inter-relacionam e agem constantemente entre si, já que a língua socialmente formada influencia, por sua vez, a maneira como a sociedade concebe a realidade.

É importante mencionar que a palavra cultura possui vários sentidos, podendo ser estudada a partir de vários ângulos. Portanto, faz-se necessário apresentar alguns conceitos teóricos que abrangem, com mais exatidão, a questão da cultura em correlação com a linguagem. De acordo com Lyons ([1987] 2009, p.224), a cultura “pode ser descrita como conhecimento adquirido socialmente: isto é, como o conhecimento que uma pessoa tem em virtude de ser membro de determinada sociedade”. Em relação ao uso da linguagem, pode-se depreender dessa definição que a língua é considerada como um instrumento para comunicar a realidade física e cultural do povo que a criou e a usa, como bem explicita Saussure ([1916] 2006) em o *Curso de Lingüística Geral*, organizado por Bally e Sechehaye:

De fato, nenhuma sociedade conhece nem conheceu jamais a língua de outro modo que não fosse como um produto herdado de gerações anteriores e que cumpre receber como tal [...]. A língua – e esta consideração sobreleva todas as demais – é, a cada momento, tarefa de toda a gente; difundida por uma massa e manejada por ela, é algo de que todos os indivíduos se servem o dia inteiro. Nesse particular, não se pode estabelecer comparação alguma entre ela e as outras instituições. As prescrições de um código, os ritos de uma religião, os sinais marítimos etc., não ocupam mais que certo número de indivíduos por vez e durante tempo limitado; da língua, ao contrário, cada qual participa a todo instante e é por isso que ela sofre sem cessar a influência de todos (SAUSSURE, 2006, p. 86, 88).

Com isso, corrobora-se que o progresso da cultura depende de sua correlação primordial com a linguagem. Logo, “a cultura é o que a sociedade faz e pensa” (SAPIR, 1949, p. 171), é a criação de hábitos comuns inerentes a cada grupo, sendo perpassados pela interação social e transmitidos como uma herança, de geração em geração. Contudo, é por meio da língua que os traços culturais de um povo se evidenciam, é através dela que os grupos sociais representam o mundo e expressam suas ideias e experiências.

Geertz (1997) refere-se à cultura como “teia de significados”, extremamente necessária aos seres humanos. É a partir dessa ideia que entendemos a linguagem com produtora de sentidos, pois é pela experiência de mundo vivenciada que cada indivíduo vai expressar-se no mundo. Desse modo, a cultura é responsável por uma consecução da linguagem impregnada por um determinado contexto social, uma vez que o sujeito

sociocultural se forma nesse contexto com uma história cultural adquirida através das experiências vivenciadas.

Nesta perspectiva, Bosi afirma que a cultura:

[...] é conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social; e ao mesmo tempo, abandonar o conceito mais restrito, pelo qual cultura é apenas o mundo da produção escrita provinda, de preferência, das instituições de ensino e pesquisa superiores (BOSI, 1992, p. 319).

Desta feita, a cultura é um processo cumulativo de conhecimentos e práticas resultantes das interações, conscientes e inconscientes, entre o homem e o mundo, sendo a linguagem a sua expressão comunicativa. Em outros termos, a cultura é um sistema de práticas sociais em que os indivíduos de uma comunidade compartilham com os seus pares por meio de signos linguísticos elaborados e memorizados ao longo de suas vidas. Assim sendo, a linguagem funciona como um instrumento social e cultural, visto que viabiliza a interação do homem e a sua atuação sobre a realidade, possibilitando a vida em comunidade.

Segundo Sapir (1969) existe uma relação de interação entre língua, cultura e realidade, onde nossas reflexões são organizadas pela língua, condicionando dessa forma, nossa maneira de conceber o chamado mundo objetivo. Para Sapir (1969), os homens não vivem exclusivamente em um mundo objetivo nem um mundo totalmente social, mas são, em grande medida, influenciados pela língua através da qual pensam e se expressam socialmente. Quer isto dizer que a linguagem influencia o modo pelo qual percebemos o mundo que nos cerca, ou seja, a percepção que temos do mundo é influenciada pelos sistemas linguísticos que nos possibilita pensar e falar, uma vez que estes se apresentam como um revérbero dos diferentes meios dos quais se originaram. Para o autor, os mundos em que vivem as diferentes sociedades possuem características próprias e não são, simplesmente, um só e o mesmo mundo. É, portanto, através da língua que determinada sociedade humana vê organizada sua experiência e modelado o seu mundo e a sua realidade.

Em relação ao papel ativo desempenhado pela linguagem no processo de conhecimento, Sapir (1969) salienta a importância da função heurística da linguagem na percepção que temos da realidade. Aborda ainda a interação dialética entre a linguagem e o conhecimento, que se faz sentir através da influência que o meio ambiente exerce na formação de uma língua por intermédio da experiência social. Para o autor, as experiências são, portanto, transformadas em elementos teoricamente dissociáveis, criando-se a partir daí um mundo que passa gradativamente do virtual para o real. Aqui os dados imediatos que o indivíduo adquire se caracterizam por apresentarem uma compreensão comum mais ampla,

onde a cultura se apresenta como o produto final desse entendimento mais abrangente dos dados imediatos.

Considerando a linguagem um instrumento do pensamento e o veículo do qual este se utiliza para efetivar a comunicação, Malinowski (1976) acredita que a meta principal para um perfeito entendimento do uso adequado da linguagem está na compreensão da íntima relação desta com a cultura de um povo. Em outras palavras, para que se possa transmitir a profunda, mas sutil diferença de linguagem e da atitude mental que lhe é subjacente, é necessário que levemos em consideração o contexto cultural apropriado. O contexto se apresenta, neste caso, como algo de extrema relevância para a compreensão de expressões verbais, uma vez que a linguagem se apresenta profundamente enraizada na realidade cultural da vida e dos costumes de um povo.

Diante disso, cabe salientar que as ideias contidas na hipótese de Sapir-Whorf foram alvo de inúmeras críticas não apenas em relação aos seus elementos constitutivos, desde os seus princípios filosóficos até as suas formulações concretas e suas implicações teóricas e práticas. Válidas ou não tais críticas em sua totalidade, certo é que essa hipótese segundo Lyons (2009), contém uma afirmação que pesquisas mais apuradas não conseguiram invalidar. Refere-se à tese segundo a qual a maneira como percebemos a realidade e nos comportamos frente a ela é produto da língua em que pensamos, uma vez que todo conhecimento, seja enquanto instrumento de comunicação ou enquanto fator constitutivo parcial, possui em sua composição um sistema linguístico em perfeita conexão com o pensamento. Para o autor, se quisermos empreender uma análise do papel ativo da linguagem na ação humana, incluindo a atividade científica, devemos ter em mente a hipótese de Sapir-Whorf. Entretanto, a adoção de tal posicionamento não implica que tenhamos, necessariamente, de aprová-la em sua totalidade.

Depreende-se, portanto, que a linguagem é produto e produtor social, é um instrumento do pensamento, não podendo ser dissociada da cultura de uma sociedade, pois ambas se inter-relacionam: uma não existe sem a outra. A língua é uma ferramenta fundamental para a existência da cultura, sem ela não há comunicação entre os membros do grupo e, por conseguinte, não há transmissão dos valores que sustentam e subjazem uma sociedade. Por outro lado, a língua só existe se houver uma comunidade que a utilize, o que possibilita a interação humana, a categorização da realidade, bem como a perpetuação das diversas culturas.

1.1.1 A Sociolinguística

As evidências sobre a relação entre linguagem e sociedade tem despertado o interesse de estudiosos, principalmente no que diz respeito à diversidade linguística. O termo Sociolinguística surgiu, mais precisamente, em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), do qual participaram vários estudiosos, que se constituíram, posteriormente, em referências clássicas: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona. Assim, Bright define e caracteriza a nova área de estudo ao organizar e publicar, em 1966, os trabalhos apresentados no referido congresso sob o título *Sociolinguistics*, cujo texto introdutório denomina-se “As dimensões da Sociolinguística”.

Bright (1966) tem conduzido a Sociolinguística aos mais diversos caminhos no estudo do que os especialistas americanos costumam chamar de dialeto social, ou seja, “habitual subvariedade da fala de uma dada comunidade restrita por operações de forças sociais a representantes de um grupo étnico, religioso, econômico ou educacional específico” (BRIGHT, 1966, p. 11). O autor afirma que a sociolinguística aborda problemas que vão além das simples relações entre língua e sociedade, objeto da sociologia da linguagem. Para Bright (1966, p.11) “A diversidade linguística é precisamente a matéria de que trata a sociolinguística”, cujo campo procura limitar, identificando suas dimensões.

Essas dimensões, segundo Bright (1966, p.12) se encontram condicionadas “aos vários fatores definidos socialmente com os quais a diversidade linguística se encontra correlacionada”, são elas: a do emissor, a do receptor, da situação ou contexto. A primeira envolvendo a identidade social do emissor ou falante é exemplificada com os “dialeto de classe”, ou seja, as diferenças de fala se correlacionam com a estratificação social. A segunda compreende a identidade social do receptor ou ouvinte – “relevante, por exemplo, no estudo das formas de tratamento, da *baby talk* (fala utilizada por adultos para se dirigirem aos bebês)” (ALKMIM, 2001, p. 29). A terceira “engloba todos os elementos relevantes possíveis no contexto de comunicação, com exceção da identidade dos indivíduos envolvidos”. (BRIGHT, 1966. p.11). Assim sendo, segundo a posição do falante e do ouvinte na comunidade, e de acordo com o tipo de relação que os une, a mensagem apresentaria variações de escolha, embora essa diversidade possa sofrer a ação de uma força contrária, repressiva, constituída pela norma² da mesma comunidade em que o diálogo ocorre.

² Norma: é um conjunto de regras, costumes, hábitos, usos, crenças, preceitos, tradições, leis que organiza, modela e orienta o comportamento linguístico de uma comunidade (COELHO, 2006).

Várias são as tentativas de classificação desses fatores extralinguísticos, que influem na maneira de falar, e elas envolvem distinções geográficas, históricas, econômicas, políticas, sociológicas, estéticas. Muitas estão diretamente ligadas ao fenômeno da comunicação e apresenta alguns ruídos para o trinômio falante-ouvinte-situação. Dessa forma, a Sociolinguística, entendida como estudo da língua sob a manifestação da vida em sociedade, possui, de acordo com Preti (1987), uma série de oposições: língua *vs* fala; uniformidade *vs* diversidade; simplicidade *vs* complexidade; função *vs* uso; fala *vs* ato de fala; código *vs* fala; função *vs* estrutura; contexto *vs* mensagem; e assim por diante. Contudo, pode-se afirmar que a língua e a sociedade são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo, que é impossível conceber a existência de uma sem a outra.

Dando prosseguimento aos estudos de Bright (1966), Labov (1972) na década de 1960, realiza uma série de investigações na comunidade da ilha de Martha's Vineyard, no litoral de Massachusetts³, onde confirma o seu posicionamento sobre o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística. Nas palavras de Ribeiro:

William Labov, realizando trabalho de campo, veio a confirmar, com a força da comprovação estatística, que a convivência de variantes numa comunidade linguística constitui um indicador de mudanças em curso. A posição tradicional em face da mudança linguística (comum a neogramáticos e a estruturalistas) concebia-a quase como um fenômeno de natureza etérea, que iludia a observação direta e só podia ser captado prévia ou posteriormente; Labov conseguiu provar que a mudança é observável na sincronia pela avaliação da heterogeneidade linguística dos grupos sociais. A partir de Labov, a Sociolinguística começa, então, a ser conhecida como a área da linguística que estuda a língua inserida em seu contexto social, levando em conta os fatores externos, que poderão caracterizar a diversidade e a heterogeneidade linguística (RIBEIRO, 2010, p. 23 e 24).

Nesses estudos, o autor relacionou fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico, fixando um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas, conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação.

Na década de 1980, no Brasil, Fernando Tarallo (1986) discute a questão da relação entre língua e sociedade em seu livro intitulado *A pesquisa Sociolingüística*. O autor adota a definição de língua numa perspectiva saussuriana, que consiste em percebê-la como fato social, mais especificamente, como um sistema convencional adquirido pelos indivíduos durante o convívio social, e, portanto, sujeito a variações de ordem fonológica, morfossintática, estilística e semântica.

³ A mais acessível notícia que delas existe encontra-se em *Sociolinguistic Patterns*, de 1972, onde se reúnem os principais artigos do autor anteriores a essa data.

De acordo com Tarallo (1986) a língua sofre variações, as quais são definidas como variante e variável linguísticas. O autor afirma que:

Em geral a variante padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizada pelos membros da comunidade (TARALLO, 1986, p.12).

Por outro lado, a variável é entendida como um conjunto de variantes linguísticas, como por exemplo, a marcação de plural no sintagma nominal. Nesse sentido, Tarallo (1986) destaca que a língua, por ser um marcador que identifica usuários ou grupos de usuários de uma variedade, pode também ser delimitador das diferenças sociais no seio de uma comunidade.

Posteriormente, Dino Preti (1987) sistematiza essa área de estudo deixando claro que a Sociolinguística pode desempenhar um papel de investigadora e fornecer uma excelente metodologia para os estudos da oralidade em diferentes locais. Para ele, com esse método de investigação, é possível registrar diversos tipos de falas em diversas localidades na mesma região, bem como traçar o perfil sociológico, econômico e cultural de um falante.

Depreende-se, então, que a Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda as relações entre língua e sociedade, cuja finalidade é verificar as relações entre língua e o pensamento dos indivíduos de uma dada comunidade e como isso se estratifica em um dado contexto social. Pode-se afirmar, por conseguinte, que entre sociedade e língua, de fato, não há uma relação de mera casualidade. Toda a vida em sociedade supõe um caráter de intercâmbio e comunicação que se realizam fundamentalmente pela língua, o meio mais comum de interação social.

Portanto, a língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que vive. É através dela que a realidade se transforma em signos, pela associação de significantes e significados convencionais com os quais se processa a comunicação linguística.

1.1.2 A variação linguística

Todas as línguas do mundo variam, transformam-se. A língua é constituída por numerosas variações, gerando diferenças fonéticas, sintáticas, morfológicas, lexicais, semânticas e pragmáticas, é o que corrobora a seguinte assertiva de Coelho (1991, p.100): “não existe língua alguma que não possua uma gama variadíssima de realizações; os usuários, ao utilizarem a mesma língua, promovem, por diversos motivos, uma variedade de realizações muito diversificada”. Isto implica dizer que a variação linguística é consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso. A língua, assim como os seres que a falam, muda constantemente.

A esse respeito, Tarallo (1986) pontua que duas ou mais formas distintas de se transmitir um conteúdo informativo constituem uma variável linguística e, as formas alternantes, que expressam a mesma coisa num mesmo contexto, são denominadas de variantes linguísticas. Assim sendo, é indubitável que no interior de um grupo, para alguns homogêneos, não há dois sujeitos que se exprimam da mesma maneira.

Segundo Coelho (1991) as variedades da língua podem ser divididas em dois grupos: variedades diacrônicas – são “os vários estados de uma língua dispostos numa linha de evolução histórica” (COELHO, 1991, p. 102) e as variedades sincrônicas, observáveis “num determinado momento da história” (COELHO, 1991, p. 102) – compreendem as variações regionais, (dialetos ou falares regionais ou locais), socioculturais (socioletos), estilísticas (idioletos) e situacionais (níveis de fala). Para o autor, as variedades apresentadas por uma língua no plano sincrônico possuem dois sentidos:

um enquanto uso coletivo e outro enquanto uso individual; ou em outras palavras: utilização feita por um grupo social marcado por um padrão de hábitos, usos e costumes que caracterizam o grupo, enquanto grupo social definido e diferente dos outros que tenham hábitos e costumes padronizados distintos; utilização feita pelo indivíduo efetivando variedades impostas pelas suas necessidades como indivíduo (COELHO, 1991, p.100).

Nessa concepção, as variedades geográficas (ou diatópicas), assim como as variedades socioculturais (ou diastráticas) são chamadas de variedade coletiva ou *norma*, por ser “o padrão normal aceito pela comunidade ou grupo social e também por se impor coercitivamente como regra de conduta socialmente estabelecida” (COELHO, 1991, p.100). A primeira ocorre num plano horizontal da língua, a qual é padronizada e delimitada geograficamente pela comunidade, isto é, “são variedades geográficas, marcadas e delimitadas no espaço físico, conhecidas ora como variações regionais, ora como falares

regionais ou locais, e aqui denominadas por dialetos” (COELHO, 1991, p.100). Por outro lado, a segunda ocorre num plano vertical, padronizada por uma classe ou grupo social. Estas variedades, denominadas por Coelho (1991) de socioletos, são motivadas por diversos fatores ligados diretamente ao falante e ao grupo a que pertence, a saber: idade, sexo, cultura, profissão, posição social, grau de escolaridade, religião. Pode-se dizer que a influência de todos esses fatores é, em geral, acentuada no vocabulário, expressiva na fonologia e diminuta na morfossintaxe.

Importa mencionar que os socioletos, denominados por Preti (1987) de dialetos sociais⁴, são geralmente classificados como: culto (linguagem culta) – socialmente mais valorizada, de maior prestígio, cujo uso é, normalmente, requerido em situações de formalidade; e popular (linguagem popular) – de menor prestígio, empregada em situações coloquiais, de menor formalidade.

Em se tratando das variações individuais que são apresentadas no ato da fala, temos duas modalidades: as variedades estilísticas, conhecidas com o nome de estilo ou idioleto e as variedades situacionais, nomeadas de níveis de fala ou registros. Em outros termos,

O primeiro tipo de variação individual caracteriza o modo, o jeito da pessoa, a maneira de ser que lhe é própria, e, por isso mesmo, é por muitos denominado **estilo**, também conhecido por **idioleto**; o segundo decorre das várias situações que envolvem o falante, variações produzidas e reveladas na fala de um mesmo indivíduo – é conhecido pela expressão **nível de fala**. O primeiro marca a variação ocorrida na fala de um indivíduo em relação à fala de outro; o segundo marca a variação ocorrida na fala de um indivíduo em relação à sua própria fala, devido a situações motivadoras distintas (COELHO, 1984, p. 106).

Desta feita, o estilo ou idioleto representa o comportamento linguístico de cada indivíduo, ou seja, o indivíduo explicita por meio da linguagem a sua personalidade, a sua expressividade individual. Além disso, é possível ainda verificar o enfoque do uso que um mesmo falante faz da língua em função da situação, entendendo-se como tal as influências determinadas por várias condições que cercam o ato da fala. Estas condições ou fatores situacionais dizem respeito às circunstâncias criadas pela própria ocasião, lugar e tempo em que os atos de fala se realizam, bem como às relações que une falante e ouvinte no momento do diálogo, isto é, o grau de intimidade entre os falantes. Contudo, atribui-se à situação a importância das variações do tema do diálogo, assim como os elementos emocionais que podem alterar a linguagem habitual do falante, levando-o à interrupção do ritmo normal da

⁴ O dialeto social é um sistema de signos e de regras sintáticas usado num dado grupo social ou em referência a esse grupo. Esse sistema pode ser reduzido a unidades léxicas que, posto de alto o fator afetivo, duplicam as unidades do vocabulário geral num determinado domínio (DUBOIS *et al.*, 1973).

frase e à desconexão entre seus termos básicos. Em suma, os falantes escolhem, de acordo com a situação, uma linguagem que julga conveniente para transmitir seu pensamento: uma linguagem formal ou uma linguagem coloquial ou informal.

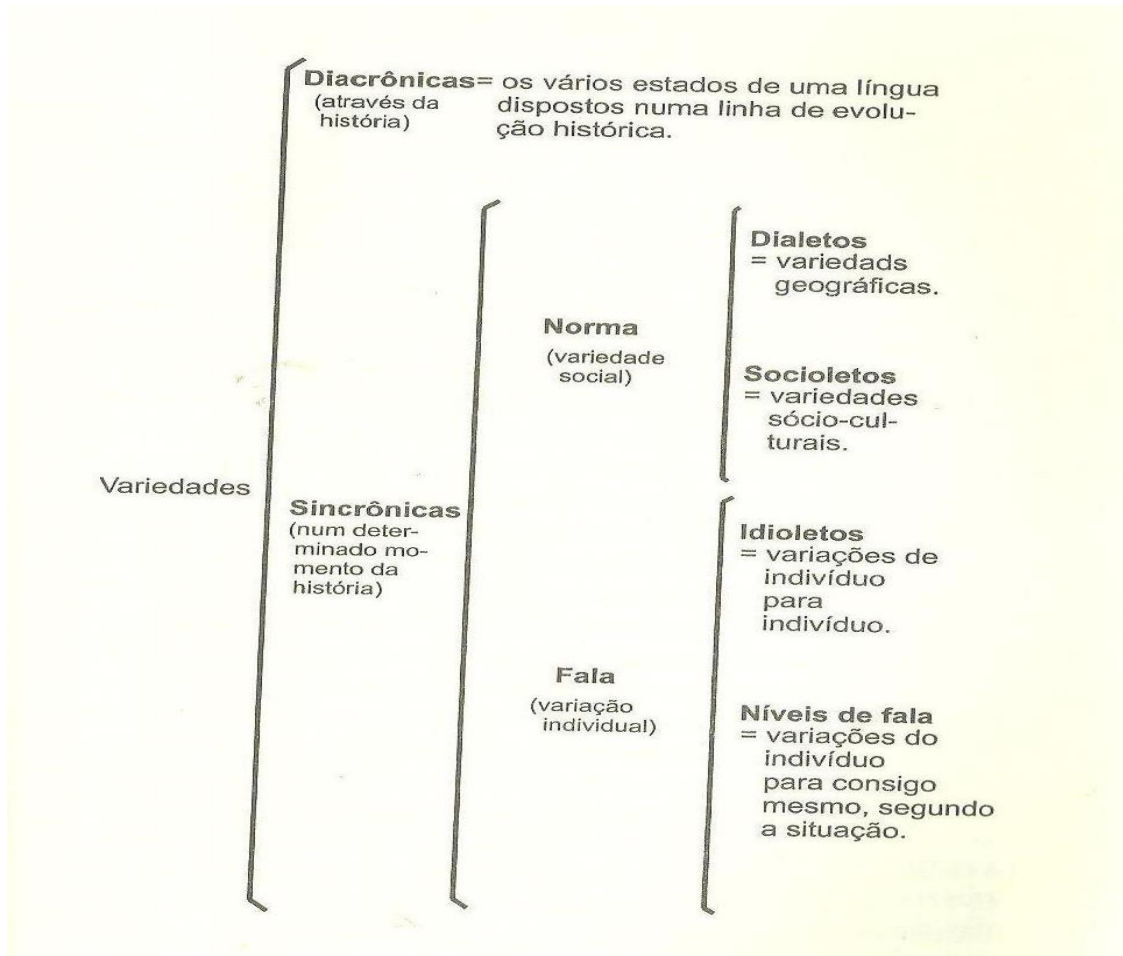
Em paralelo com as variações citadas e definidas em parágrafos anteriores, pode-se ainda mencionar outro tipo de variação, que se refere aos veículos ou meios de expressão que a língua utiliza, a variação diamésica. Esta compreende as profundas diferenças que se observam entre a língua falada e a língua escrita. Tais diferenças vão muito além dos fenômenos que dizem respeito à forma das palavras (“né”, “ocêis” / “não é”, “vocês”), ou seja, entre o escrito e o falado, há uma diferença irreduzível de planejamento.

Isso significa dizer que quando se produz um texto escrito, pode-se pensar previamente sua estrutura em partes, decidir em que ordem essas partes serão dispostas, corrigi-lo e modificá-lo, de forma que o resultado final, para aqueles que têm alguma habilidade na escrita, é normalmente um texto que não apresenta retornos e redundâncias. Ao passo que os textos tipicamente falados são planejados à medida que são produzidos. Por isso, o mais comum é encontrar neles um grande número de reformulações sucessivas e sempre parciais de um mesmo conteúdo: uma mesma informação que foi apresentada inicialmente de forma incompleta ou inexata vai sendo reapresentada em seguida de maneira mais pertinente, num processo de correções, acréscimos e reformulações que não tem a ver com as sentenças bem acabadas e totalmente explícitas que os gramáticos costumam usar em seus exemplos.

Diante dessas observações, pode-se afirmar que existe uma “gramática do falado” que não coincide com a “gramática do escrito”. Na variação diamésica pode-se também enquadrar outro importante fator de variação da língua: o gênero discursivo. Conforme o gênero a que pertencem, os textos, sejam eles falados ou escritos, apresentam um vocabulário e uma gramática próprios.

Compreende-se, portanto, que as línguas não são homogêneas e a variação observável em todas elas é produto de sua história e do seu presente. O uso de uma língua varia de acordo com a região de origem, classe social, idade, escolaridade, sexo e às situações em que se encontram os falantes. Contudo, pode-se observar, em qualquer comunidade de fala, a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas, as quais são estabelecidas no contexto das relações sociais.

Todos esses fatores mencionados ao fenômeno da variação linguística podem ser apresentados em um esquema geral utilizado por Coelho (1991, p.102) em sua obra *Educação e Linguagem*: reflexões ligeiras.



1.2 Dialetoлогия

A dialetologia reporta a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes dialetos, ou seja, as características próprias de falas usadas em diferentes regiões, na tentativa de identificar áreas mais ou menos coesas, assim como determinar os fatores que levaram à sua formação. Em outras palavras,

Entende-se por dialetologia o estudo de uma língua na perspectiva de sua variabilidade no espaço geográfico. O termo deriva de dialeto, que é a designação tradicional em linguística das variedades de uma língua correlacionadas com a dimensão geográfica, a chamada variação diatópica (FARACO, 2005, p. 178).

Assim, o termo dialetologia nasceu das pesquisas dos neogramáticos, cujo interesse era estabelecer as leis fonéticas, concebida de maneira sistemática na Alemanha por George Wenker (1852-1911), que delineou o Atlas Linguístico da Alemanha Setentrional e Central. Embora publicado apenas um fascículo em 1881, o atlas não alcançou sucesso, visto que tinha

como propósito demonstrar as fronteiras dialetais da Alemanha, trabalhando apenas com dados fonéticos da língua, desconsiderando outros fatores interferentes na variação linguística. Contudo, é com a Geografia Linguística que a dialetologia vai ganhar ênfase.

Vale mencionar, que o surgimento da Geografia Linguística como disciplina está associado à elaboração do *Atlas linguistique de la France* (1902-1910) de J. Gilliéron e E. Edmont. Embora surja na sequência de outros trabalhos, é o primeiro Atlas linguístico a orientar-se por critérios mais rigorosos que esta disciplina veio a adotar. Desde então, a Geografia Linguística é entendida como o estudo cartográfico dos dialetos e a dialetologia como o “estudo conjunto da geografia linguística e dos fenômenos de diferenciação dialetal ou dialeção, pelos quais uma língua, [...] sofre no curso da história” (DUBOIS *et al*, 1973, p.185).

O *Atlas linguistique de la France* (ALF) resultou de um trabalho de campo realizado por Jules Gilliéron, linguista suíço, professor de dialetologia da École Pratique de Hautes Études, que consistia em aplicar um questionário de 1920 perguntas em 639 regiões do território francês. A aplicação desse questionário tinha como finalidade coletar dados sobre fonética, morfologia e sintaxe desse território. Desse modo, os resultados alcançados permitiram maior ampliação nos estudos das línguas, a partir de suas variedades, permitindo, assim, reformulações nas teorias linguísticas da época.

Por essa razão, o ALF foi acolhido com admiração por grupos de estudos linguísticos, dentro e fora da França. Diversos linguistas viram nele uma revolução no campo da Linguística e, a partir de então, a Geografia Linguística passou a ser considerada uma nova disciplina. Entre os discípulos de Gilliéron, destacam-se Georges Millardet, Charles Bruneau, A. Terracher e Oscar Bloch na França, além de outros na Suíça e em outros países.

Acresce-se a isso que “o mérito do trabalho de Gilliéron residiu no levantamento das diferentes variedades geográficas de uma língua, revelando uma realidade linguística muito mais complexa e heterogênea do que costumavam supor os linguistas de sua época” (FARACO, 2005, p. 78). Isto significa dizer que a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está de fato provada. “Não há dialetos homogêneos, nem limites precisos entre eles, mas um entrecruzamento de influências e uma conjunção de elementos de variada proveniência (RIBEIRO, 2010, p. 29)”. Disso decorre que a homogeneidade linguística é um mito, qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações.

Sumarizando e completando o que foi exposto: o interesse científico pela questão da língua como conjunto de variedades estendeu-se a partir das bases da Geografia Linguística.

Várias pesquisas dialetológicas de grande envergadura valeram-se dos dados desta disciplina. Apesar das críticas, o método cartográfico ainda se mostra de excepcional utilidade para o conhecimento das variedades regionais de uma língua.

1.2.1 A dialetologia no Brasil

A primeira manifestação que se pode caracterizar de natureza dialetal sobre o português do Brasil, deve-se a Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, que escreveu em 1826 um informe sobre “les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, comparé à la langue du Portugal” o qual vem inserido às páginas 172-175 da *Introduction à l’Atlas ethnographique du globe*. Trata-se de um breve estudo comparativo do ponto de vista do léxico, entre o português brasileiro e o português de Portugal, a saber: uma lista de palavras que apresenta um rol de oito nomes que mudam de significação e outro de cinquenta nomes usados exclusivamente no Brasil.

Segundo Ferreira e Cardoso (1994) a história dos estudos dialetais no Brasil pode ser dividida em três grandes fases. A primeira compreende o período de 1826 a 1920, em que foram desenvolvidos vários trabalhos relacionados, principalmente ao léxico do português do Brasil. Esses estudos originaram numerosos dicionários, vocabulários e léxicos regionais dentre os quais e a título de ilustração podem ser citados os seguintes: *Dicionário da língua brasileira* (1832) de Luís Maria Silva Pinto, que se constitui num dicionário do português com a introdução de formas próprias do Brasil; *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa* (1853) de Brás da Costa Rubim, obra de caráter geral; *Glossário de vocábulos brasileiros, tanto dos derivados como daqueles cuja origem é ignorada*, publicado pelo Visconde de Beaurepaire-Rohan na *Gazeta Literária* (1883-1884), que foi, posteriormente, em 1889, transformado no *Dicionário de vocábulos brasileiros*; *A linguagem popular amazônica* (1884), de Macedo Soares, contendo um glossário de cerca de cento e vinte palavras de origem tupi em uso na Amazônia; *O tupi na geografia nacional* (1901), obra de Theodoro Sampaio que se detém na contribuição das línguas tupis ao português do Brasil; *Glossário paraense* (1905), com o subtítulo *Coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha de Marajó*, de Vicente Chermont de Miranda que declara, no prefácio da obra, fazer ela parte de um trabalho mais amplo, *A criação de Gado no Marajó*; *Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros* (1912), de P. Carlos Teschauer; *Dicionário de brasileirismos* (1912), de Rodolfo Garcia.

A segunda fase inicia-se em 1920 com a publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral e se estende até 1952, momento em que se dão os primeiros passos para o sistemático desenvolvimento da Geolinguística em território brasileiro. Nas palavras de Ferreira e Cardoso:

A porta se abriu para os estudos dialetais com *O dialeto caipira*. Nele encontram-se as linhas gerais para o estudo monográfico de uma região. O tratamento dos níveis fonético, lexical, morfológico e sintático a que se junta um vocabulário típico da área, fazem da obra um marco e um modelo na descrição dos falares regionais do Brasil (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p.41).

Nesse período, os trabalhos na área da dialetologia passaram a analisar não só do ponto de vista semântico-lexical, mas também fonético-fonológico e morfossintático. Outras obras que se destacaram nessa fase foram: *O linguajar carioca* de Antenor Nascentes (1922); *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (1934); *A língua do Brasil*, de Gladstone Chaves de Melo (1934); *O vocabulário pernambucano*, de Pereira da Costa (1937); dentre outras.

Vale mencionar que *O dialeto caipira* nasceu da preocupação de Amaral com o processo de dialetação do português brasileiro. O autor estudou uma área do estado de São Paulo, identificada como a do falar caipira, o qual fornece uma preciosa fundamentação no campo da investigação dialetal. Por outro prisma, Antenor Nascentes em *O linguajar carioca* preocupou-se em definir o que entende por “falar brasileiro”, situando o linguajar carioca no conjunto desses falares. Neste trabalho, o autor apresenta uma divisão dos falares brasileiros em quatro zonas: a Nortista, Fluminense, Sertaneja e Sulista.

Por fim, Mário Marroquim, preocupado com a raridade de publicações sobre os estudos dialetais, produz em *A língua do Nordeste* um estudo sobre a língua de Alagoas e Pernambuco. Esta obra constitui-se no volume XXV da Coleção Brasileira, série V, da Biblioteca Pedagógica Brasileira, editada pela Companhia Editora Nacional.

De acordo com Ferreira e Cardoso (1994) as três obras postas em destaque, entre outras que caracterizam essa segunda fase, se distribuem em quatro grupos diferenciados segundo o enfoque que as domina: no primeiro grupo estão léxicos e glossários regionais que continuam a ser produzidos e dão, em consequência continuidade ao que predominou na fase anterior; no segundo encontram-se obras de caráter geral que analisam as questões numa perspectiva mais ampla e globalizante; no terceiro estão estudos de caráter regional, abordando, particularmente, aspectos de uma área geográfica e fenômenos específicos de uma dada região; no quarto os estudos específicos sobre a contribuição africana. Inscrevem-se na quarta vertente dos interesses dialetais, as obras: *O elemento afro-negro na língua portuguesa*

(1933), de Jacques Raimundo; *A influência africana no português do Brasil* (1933), de Renato Mendonça; *Os africanismos no dialeto gaúcho* (1936), de Dante de Laytano.

A terceira fase da história dos estudos dialetais tem como marca identificadora, o início dos estudos sistemáticos no campo da geografia linguística, assentados na necessidade de elaboração do atlas linguístico do Brasil. Destacam-se os trabalhos de Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

Em 1952, Antenor Nascentes publica as *Bases para elaboração do atlas linguístico do Brasil*, na qual estabelece passos fundamentais para o início do trabalho nesse campo. Em seguida, em 1957, Serafim da Silva Neto publica o *Guia para estudos dialectológicos*, definindo com muita clareza as tarefas que considerava urgentes para a concretização dos estudos dialetais no Brasil.

Posteriormente, Celso Cunha empenha-se exaustivamente para a realização do atlas linguístico do Brasil, visto que acreditava que a sua implantação indicava o caminho para a construção de atlas regionais. A partir daí, surgem vários estudos no campo da geografia linguística, dando origem aos primeiros atlas linguísticos regionais.

Em 1963, Nelson Rossi publica o primeiro atlas linguístico brasileiro, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB). O autor inicia a sua empreitada dialetológica na Bahia, tornando-se pioneiro na aplicação da geografia linguística no Brasil e colocando-se entre os que, com maior rigor científico e precisão metodológica, se empenharam na implantação dos estudos dialetais. A esse respeito, Isquerdo afirma que:

O pioneirismo dos trabalhos liderados por Rossi, somado à continuidade das pesquisas levadas a efeito por seus discípulos, resultou, no âmbito do Brasil, ao que se pode chamar de escola dialectológica da Bahia, cujos frutos em muito contribuíram para a construção da história dos estudos dialectológicos e geolinguísticos no Brasil (ISQUERDO, 2005, p. 337).

A partir da publicação do APFB, outros atlas linguísticos foram produzidos, a saber: o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*; em 1984, o *Atlas Linguístico da Paraíba*; em 1987, o *Atlas Linguístico de Sergipe*; em 1994, o *Atlas Linguístico do Paraná*; em 2002, o *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – Vol. I e II* e, em 2004, o *Atlas linguístico sonoro do Pará*. Outros atlas foram elaborados como tese de doutorado: o *Atlas Linguístico do Sergipe II*, de Suzana Alice Marcelino Cardoso, em 2002, e o *Atlas Linguístico do Amazonas*, de Maria Luíza de Carvalho Cruz, em 2004.

Às três fases apresentadas por Ferreira e Cardoso (1994) sobre a história dos estudos dialetais brasileiros, Isquerdo (2005) propõe mais uma, a quarta fase. Segundo a autora, essa fase tem como marco o surgimento do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALIB), na

última década do século XX, considerado um divisor de águas na pesquisa geolinguística e dialetológica no Brasil.

Atualmente, o Comitê Nacional criado em 1996 para a elaboração e operacionalização do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, é constituído por professores-pesquisadores de oito universidades brasileiras: Jacyra Andrade Mota (UFBA) – Diretora Executiva, Maria do Socorro Silva Aragão (UFC), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Ana Paula Antunes Rocha (UFOP), Vanderci Andrade Aguilera (UEL), Walter Koch e Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS) e Abdelhak Rasky (UFPA). Participam também, mediante convênio firmado, outras Instituições de Ensino Superior, somando um total de dezesseis instituições participantes do projeto.

Posto estas linhas gerais da história dos estudos dialetais no Brasil, pode-se afirmar, por conseguinte, que os estudos dialetais que se iniciaram no século passado, bem como as pesquisas realizadas neste século, constituem-se como sondagens preliminares para o alcance do objetivo final: a produção de um atlas geral do Brasil. O trabalho é desafiante, não resta dúvida, mas possibilitará o efetivo conhecimento da realidade linguística brasileira.

1.3 Léxico e cultura

Para abordarmos o léxico é pertinente explicitar alguns posicionamentos teóricos que visam elucidar aspectos lexicológicos em consonância com os aspectos culturais, uma vez que as unidades lexicais de uma língua reproduzem os diferentes momentos da história de uma sociedade.

Nas últimas décadas do século XX, estudos referentes ao léxico têm chamado a atenção de estudiosos e pesquisadores sobre as evidências da relação entre a língua e a cultura. Esses estudos têm demonstrado que o léxico é o domínio da língua que mais se aproxima da realidade extralinguística devido ao fato de representar valores, crenças, hábitos e costumes de um povo, o que se coaduna com a constatação de Biderman a seguir:

O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do mundo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso o léxico é o menos linguístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o linguístico e o extralinguístico (BIDERMAN, 1981, p. 138).

Com isso corrobora-se que o léxico “é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades” (BIDERMAN, 2001, p. 179), ou

seja, é uma espécie de acervo vocabular que se vincula ao modo como cada cultura interpreta a realidade, resultando em um processo de nomeação e de cognição nos mais diferentes registros linguísticos.

Assim sendo, o léxico não só representa os elementos socioculturais de uma comunidade, como também viabiliza a interação do homem com seus pares e a sua atuação sobre a realidade, possibilitando a vida em comunidade. Por essa razão, é considerado como uma parte do idioma que mais se associa ao extralinguístico: além de sua função de nomeação, expressa a cultura de modo a favorecer a interação social, conforme explicita Isquierdo (2010):

O léxico retrata-se como um componente que, ao cumprir o papel de denominação e designação do mundo humano, torna-se expressão de identidade pessoal e coletiva manifestada ao longo da história já que é um sistema aberto e dinâmico (ISQUERDO, 2010, p.170).

Quer isto dizer que “o léxico classifica de maneira única as experiências humanas de uma cultura” (RIBEIRO, 2010, p.32), isto é, constitui um conjunto de vocábulos que representa a herança sociocultural de uma comunidade. E é por meio dele que todo saber adquirido em vários momentos da vida dos indivíduos é transmitido às gerações seguintes.

De acordo com Trask (2006, p.155) o léxico é “o inventário total de palavras disponíveis aos falantes”; é o “vocabulário de uma língua” que todo falante possui. Entre os elementos que constituem a língua, ele é o que mais reflete as mudanças e variações linguísticas, devido ao seu papel de dar nomes, identificar, caracterizar pessoas, locais, sentimentos, sensações. Logo, ele é um reflexo das transformações socioculturais de uma população, o qual faz parte de uma categoria aberta a criações e inovações do vocabulário, nas mais diferentes variedades linguísticas.

Seguindo esse raciocínio, entende-se que o léxico é a totalidade das palavras de uma língua, ou em uma terminologia mais precisa, é o conjunto de lexemas⁵ que constituem um determinado sistema linguístico. Todavia, há de se considerar que o léxico real, tomado como o repertório de lexemas que os falantes compreendem e utilizam nas situações de comunicação, é fragmentado e parcial, pois cada indivíduo assimila apenas uma parte do léxico disponível na sua comunidade linguística.

A esse respeito Carvalho (2009) atesta que a parcela do léxico apreendida inicialmente pelo indivíduo é aquela utilizada por seus pares, ou seja, pela sua comunidade de fala. O

⁵ Lexema é a unidade de base do léxico, numa oposição léxico/vocábulo, em que o léxico é colocado em relação com a língua e o vocábulo com a fala (DUBOIS *et al.*, 1973).

falante se identifica com os demais membros do seu grupo devido ao uso de signos que lhes são comuns. Desta feita, a aquisição lexical se dá mediante a interação verbal dos falantes de uma mesma língua e o seu escopo é justamente assegurar que esta se torne cada vez mais efetiva. Contudo, faz-se necessário considerar que a instrução formal do indivíduo permite que ele assimile outros fragmentos do léxico, que não são utilizados por sua comunidade de fala mais imediata.

Disso decorre que a aquisição do léxico é sempre parcial e contínua, porque novas unidades lexicais podem ser assimiladas pelo falante durante toda a sua vida. À esteira de Carvalho (2009, p.41) “existem tipos diferentes de léxico de acordo com a situação social, idade e instrução de cada falante. Assim o léxico é um processo contínuo de aquisição através de vocabulário ativo (de uso) e passivo (de compreensão)”. Compreende-se, portanto, que o léxico é incorporado pelo indivíduo desde a sua infância, depositado em sua memória e transmitido como uma herança, de geração em geração. Tudo o que existe recebe um nome, o qual é repassado de uma geração a outra, e que evoca um conceito enraizado no contexto em que é utilizado. Com o passar do tempo, tanto as nomeações, quanto os seus significados podem sofrer alterações, reformulando o léxico existente.

Assim, na medida em que as diversas áreas do conhecimento avançam, o léxico por sua vez, também sofre mudanças em sua estrutura, o que corrobora mais uma vez e incontestavelmente, a influência da cultura nos contornos assumidos pelo léxico. Nesse ponto é válido destacar que a palavra cultura possui vários sentidos dependendo das perspectivas de análise, no entanto a definição de cultura aqui abordada é a mesma proposta por Lyons (2009, p.224) “pode ser descrita como conhecimento adquirido socialmente: isto é, como o conhecimento que uma pessoa tem em virtude de ser membro de determinada sociedade”. Em relação ao léxico, pode-se depreender dessa definição que ele não existe isolado de uma cultura, antes está enraizado na realidade física e cultural de um povo, de uma sociedade. Ele “é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo” (VILELA, 1994, p.6). Em suma, o léxico pode ser entendido como o patrimônio vocabular de uma comunidade linguística ao longo de sua história.

Essa tentativa, evidentemente sintética, de definições sobre o léxico não abrange todos os posicionamentos teóricos possíveis, mas alcança um espectro notável para que se possa fazer uma análise mais precisa e coerente das unidades lexicais que representam o léxico rural na obra *Ermos e Gerais* de Bernardo Élis. Todavia, vale ressaltar, que o léxico

foi e ainda é, de fato, matéria complexa para os pesquisadores da língua, pois apresenta um sistema que está em contínuo processo de expansão.

1.3.1 Lexicologia

A partir da década de 50, vários trabalhos e pesquisas surgem no campo do léxico no que se refere ao estudo da palavra. Assim, as obras *La méthode em Lexilologie*, de George Matoré (1957) e *Cahiers de lexicologie*, de B. Quemada (1960) caracterizam o surgimento da Lexicologia como disciplina.

A Lexicologia é um ramo da Linguística que tem como objeto básico de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico. Em outros termos,

A Lexicologia é um ramo da Linguística que tem por objetivo o estudo científico do léxico de uma determinada língua, sob diversos aspectos, procurando determinar a origem, a forma e o significado das palavras que constituem o acervo lexical de um idioma, bem como o seu uso em diferentes comunidades de falantes. É uma disciplina que se relaciona, necessariamente, com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e, em particular, com a semântica. Por meio da Lexicologia, torna-se possível observar e descrever cientificamente as unidades léxicas de uma comunidade linguística. Isso é possível porque cada palavra remete a particularidades diversas relacionadas ao período histórico em que ocorre, à região geográfica a que pertence, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social, cultural, político e institucional (RIBEIRO, 2010, p. 34).

Para Vilela (1994, p.10) a “lexicologia não tem como função inventariar todo o material armazenado ou incluído no léxico, mas sim fornecer os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico duma língua”. Isso significa dizer que a função da lexicologia é caracterizar a estrutura interna do léxico, assim como suas relações com os outros sistemas da língua.

É oportuno dizer que a Lexicologia se limita com outras áreas disciplinares, tais como a Dialetoлогия e a Etnolinguística, ambas estudam as relações entre a língua e a cultura. Embora próxima, a Lexicografia (entendida como a ciência dos dicionários) não poder ser confundida com a mesma, uma vez que somente a ela compete o estudo do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto forma.

1.3.2 Lexema e lexia

Segundo Biderman (2001) os termos *lexema* e *lexia* foram, desse modo, cunhados pelos linguistas com o propósito de evitar as ambiguidades e imprecisões inerentes aos termos *palavra* e *vocabulário*. Para a autora, “as palavras são entidades abstratas que compõem o sistema linguístico” (BIDERMAN, 2001, p. 169), isto é, são elementos da língua e não da fala. Já o vocabulário diz respeito ao “conjunto das lexias registradas na obra de um autor, por exemplo” (BIDERMAN, 2001, p.170).

Desta feita, o lexema, unidade de base da lexicologia, designa a unidade léxica abstrata de uma língua, abrangendo as estruturas paradigmáticas e sintagmáticas, bem como as relações semânticas. Assim, os lexemas se diferem dos gramemas (palavras sinsemânticas) porque ao contrário destes, apresentam significação própria e, por isso, são denominados palavras autosemânticas. Dito de outro modo, os lexemas são morfemas⁶ lexicais que apresentam um inventário aberto, ou seja, há inúmeras possibilidades comutativas para a formação de palavras e os gramemas são morfemas gramaticais pertencentes a um sistema fechado, isto é, indicam categorias gramaticais como gênero, número, pessoa, modo, tempo e, por isso, as possibilidades de comutação é limitada.

Por outro lado, a lexia é a manifestação discursiva do lexema, podendo ser classificada de acordo com Biderman (2001) em: lexias simples – formadas por uma unidade (menino, meninos); lexias compostas – formadas por mais de uma unidade e ligadas por hífen (olho-de-sogra, guarda-florestal); lexias complexas – formadas por unidades categorizadas em língua, ou seja, vocábulos lexicalizados como lexemas (bom dia, capa de chuva, dor de cabeça) e lexias textuais - formadas por lexias complexas que atingiram o *status* de enunciado ou de texto, por exemplo, os provérbios.

Cumprе assinalar que os sentidos que uma lexia apresenta, são, por natureza, fugidios, vagos e, por essa razão, ela somente poderá ser entendida no contexto da enunciação, tal como observa Turazza (1996, p.77): “O uso de uma lexia em diferentes universos de discurso, lugar onde se dará a precisão de seu significado, permite que se observe que certos traços sejam enfatizados e outros não”.

Em razão disso é que Coelho assevera:

A diferença fundamental entre lexia e palavra reside numa questão de enfoque ou perspectiva metodológica. A lexia além de ser uma unidade memorizada em seu todo é também considerada uma unidade de

⁶ Morfema é a unidade linguística mínima, portadora de significado – é o menor signo existente (COELHO, 2011).

comportamento sintático quer em sua formação, quando composta ou complexa, quer como unidade tomada na perspectiva de seu relacionamento com as demais existentes no contexto sintagmático de que faz parte[...]. A palavra é vista sob a ótica de uma perspectiva diferente – tomada como unidade memorizada no seu todo formada por morfemas, considerada em si mesma, sem que se faça a relação dela com as demais existentes no contexto em que apareça (COELHO, 2006, p.63-64).

Isso quer dizer que o elemento integrante da palavra é o morfema e o componente que integra a lexia é a palavra. Portanto, a distinção na constituição dessas duas unidades é evidente. Contudo, a lexia e o lexema são unidades de extremo valor linguístico tanto no que tange ao seu comportamento na produção de enunciações comunicativas, quanto da compreensão de vários e diversificados textos.

Perspectivando apenas o estudo do conteúdo dos lexemas, Vilela (1994) atesta que a Lexicologia costuma ser intitulada como Semântica lexical. Esta compreende a descrição funcional do conteúdo dos lexemas, incluindo as diferentes unidades lexicais e a forma como essas contribuem para formar o significado da sentença. É importante destacar que esse aspecto do significado lexical tem sido objeto frequente de investigação por parte de pesquisadores que se dedicam ao estudo do léxico.

1.3.3 Lexicografia

Apesar de a prática lexicográfica ser bastante antiga, a Lexicografia surgiu nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues, os quais convém destacar: os dicionários dos Estienne (século XVI), os dicionários de Richelet e de Furetière (XVII), da Academia Francesa.

A partir de então, começaram a emergir um grande número de dicionários, imprimindo uma nova ótica ao exame da prática e da análise lexicográfica. Por Lexicografia prática entende-se a técnica de confecção dos dicionários. Por outro lado, a Lexicologia teórica ou Metalexicografia abrange o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários e o estudo tipológico.

Isso implica dizer que a Lexicografia é uma disciplina da Linguística que se dedica à construção de dicionários, incluindo o estudo de metodologias e princípios teóricos para a sua elaboração e estruturação, e o debate dos principais problemas teórico-práticos subjacentes à sua produção.

Nas últimas duas décadas, a Lexicografia foi revolucionada pela introdução de técnicas baseadas no uso de *corpora*, ou seja, sobre bases textuais informatizadas compiladas especialmente para esse fim, pelas quais se pode contemplar e descrever com eficiência o uso do léxico. Vale ressaltar que o “português conta hoje com alguns bons dicionários [...] que utilizam o computador como ferramenta e se baseiam em *corpora* extensos, representativos dos mais variados usos da língua” (TRASK, 2006, p. 157).

Recentemente, há uma grande diversidade de dicionários: de menor e maior volume (100.000 a 500.000 ou mais entradas), pedagógicos, enciclopédicos, ilustrados, histórico-culturais, dentre outros. Eles podem variar tanto pelo número de entradas, quanto pela temática ou pela maneira de descrever o léxico. A esse respeito, Ribeiro ressalta que:

Essas obras podem registrar uma parcela maior ou menor do léxico total de uma língua ou podem se restringir a um determinado tema ou, ainda, se referir a uma determinada região – são os dicionários regionais. Podem-se dedicar aos fraseologismos (expressões idiomáticas, provérbios etc.), à língua escrita, à gíria, à língua falada. Podem ser descritivos, registrando como os itens lexicais são usados na realidade, ou prescritivos, determinando de que maneira palavras e expressões deveriam ser empregadas, ou criticando seu uso. Podem ser monolíngues (uma só língua), bilíngues (duas línguas), trlíngues (três línguas) ou multilíngues (RIBEIRO, 2010, p. 37).

Os primeiros dicionários em língua portuguesa dignos de destaque são: o *Vocabulário Português-Latino* de Rafael Bluteau (1728-1728), obra bilíngue em 8 volumes e o *Dicionário da Língua Portuguesa* de Antônio de Moraes Silva (1ª ed. 1789; 2ª ed. 1813).

É pertinente considerar que a elaboração e a publicação de dicionários constituem uma prática social, visto que reúnem, de modo sistemático, o conjunto dos itens lexicais criados e utilizados por uma comunidade linguística, permitindo que esta reconheça-se em sua história e em sua cultura. Nesse sentido, além de se constituir em espelho da memória social da língua, o dicionário desempenha o papel de legitimar o léxico e, como tal, alcança o estatuto de um código normativo que define parâmetros orientadores dos usos lexicais.

1.3.4 Dicionário, vocabulário e glossário

Sabe-se que o léxico de uma língua se renova constantemente. Dessa forma, para superar as capacidades individuais de memória, surgem os dicionários, instrumento para sistematização do léxico. Biderman diz que:

O *dicionário de língua* faz uma descrição do vocabulário da língua em questão, buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura. Por outro lado, o dicionário é um objeto cultural de suma importância nas sociedades contemporâneas,

sendo uma das mais relevantes instituições da civilização moderna. Exercendo funções normativas e informativas na sociedade, esse produto cultural deveria ser de uso obrigatório para todos os usuários da língua (BIDERMAN, 2001, p. 18).

Isso significa que os dicionários, como depositário da cultura de uma época, não apenas descreve, mas também registra a norma social dessa época, com seus valores, suas interdições, as suas marcas de uso, à qual os sujeitos falantes devem submeter.

De acordo com Coelho (2008, p.18), o dicionário “é um artefato que tem por finalidade auxiliar os falantes na solução de dúvidas sobre a grafia, significado ou uso de palavras ou expressões, quando da produção ou leitura dos textos”. O autor explica que, diferentemente da enciclopédia, não se encontra em dicionário a listagem de nomes próprios ou biografias de pessoas ilustres, tão pouco explicações sobre técnicas de pinturas ou ilustrações figurativas de objetos. Todavia, há de se considerar que em alguns casos, como na obra conhecida por *Dicionário Prático Ilustrado*, aparecem algumas ilustrações de objetos, mas não como reporta as enciclopédias.

Existem diferentes tipos de dicionários, os quais recebem inúmeras classificações dependendo das perspectivas de análise. Para balizar as considerações a este respeito, decidiu-se apresentar a divisão estabelecida por Coelho (2008), que classifica os dicionários em: dicionários gerais ou exaustivos – “dicionário de língua que apresenta um número bastante elevado de palavras-entrada representativas dessa língua” (COELHO, 2008, p. 24); dicionários parciais ou seletivos – “são os que apresentam um esforço de registro dos léxicos próprios de dialetos, ou de socioletos, variedades geográficas e sócio-culturais, respectivamente, de uma língua” (2008, p. 26); dicionários de línguas de especialidades, também conhecidos como dicionários terminológicos ou técnicos – “versam sobre a terminologia técnico-científica de áreas do saber específicas, como História, Filosofia, Direito, Farmácia, Semiótica, Antropologia, Linguística, Psicologia etc.” (2008, p.26); dicionário analógico ou ideológico – “é organizado em colunas que representam as categorias em que o universo conceitual é previamente dividido, agrupando nessas colunas palavras pertencentes a uma área de significação em comum” (2008, p. 28); dicionário inverso – “se caracteriza por ser do tipo “de traz para frente”, ou seja, “as palavras-entrada não se alinham segundo o início delas, mas de acordo com suas terminações” (2008, p.29); e o dicionário histórico – “implicando o aspecto cronológico, se propõe registrar o léxico de uma língua em seus vários estágios anteriores ou, então, fazendo um recorte sincrônico, concentra-se em uma ou outra etapa anterior somente” (2008, p.30).

Quanto à estrutura dos dicionários, temos a macro e a microestrutura. A primeira diz respeito ao número de entradas lexicais ou lemas que compõe o dicionário, “que ora se reportam a um termo da língua, ora a um referente do universo extralinguístico” (BIDERMAN, 2001, p. 18). A lista total desses lemas, geralmente organizados em ordem alfabética, constitui a nomenclatura do dicionário. A segunda corresponde à organização dos verbetes, como bem explica Coelho a seguir:

A microestrutura dos dicionários diz respeito ao modo pelo qual os verbetes são organizados. Um verbete inicia-se sempre por uma entrada. Entende-se por entrada a unidade léxica a ser explicada e por verbete, a entrada e o conjunto de informações apresentado sobre ela. Esse conjunto de informações corresponde à estrutura do verbete, diz como ele se acha organizado internamente. De um modo geral, além da palavra-entrada, um verbete possui, estruturando-o, uma *rotulação taxionômica*, um *sistema definitório* e um *sistema de abonações* (COELHO, 2008, p. 33, grifo do autor).

Depreende-se, então, que a microestrutura do dicionário refere-se à estrutura dos verbetes, que podem ser caracterizados como o conjunto das acepções⁷ e outras informações relacionadas ao lema. Tais informações colocadas logo após a entrada, denominadas por Coelho (2008) de rotulações taxionômicas, aparecem sob a forma de “etiqueta” ou rótulo explicativo, auxiliando na diferenciação e na compreensão das palavras-entradas. Estas são classificadas gramaticalmente e às vezes caracterizadas quanto à sua etimologia, pronúncia, separação de sílabas, regência verbal ou nominal, ou outras informações que o lexicógrafo julgar relevante para o consulente. Segue o exemplo:

Im.plan.tar *v.t.d.c. e t.d.i.* **1.**Introduzir; estabelecer. **2.**Inserir (uma coisa) em outra. *T. d.* **3.**Implantar (1). **4.***Cir.* Fazer implante de. [Conjug. : **1**[Implant]ar}] **§ imp.plan.ta.ção** *sf.*

Exemplo 1: baseado no *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 2010.

Contudo, a informação que melhor caracteriza os dicionários é a definição, elemento que desempenha um papel fundamental no texto do verbete. Este informa o significado da palavra-entrada quer através de sinônimos ou por meio de paráfrases, quer através de exemplos ou abonações⁸. É um componente indispensável na construção do dicionário, podendo até ser considerado como a “gênese” deste instrumento lexicográfico.

⁷ Acepção é cada um dos sentidos da palavra-entrada, aceito e reconhecido pelo uso, que no dicionário aparece verbalizado por uma definição lexicográfica.

⁸ As abonações, citações de textos, literários ou não, em que a palavra-entrada aparece, funcionam como forma de corroborar a definição e atestar as informações de uso (COELHO, 2008).

Os principais dicionários da Língua Portuguesa dignos de destaque são os de: Bluteau, Viterbo, Moraes, Vieira, Caldas Aulete, Cândido Figueiredo, Aurélio, Michaelis, Houaiss e Borba. Atualmente tem surgido um número considerável de trabalhos que demonstram análises quanto à estrutura, à disposição e à utilidade dos dicionários.

A diferença entre obras lexicográficas como dicionários, glossários e vocabulários é geralmente definida com base na extensão da obra. Os glossários e os vocabulários são definidos pela extensão da nomenclatura, ou seja, possuem um número menor de entradas. Já os dicionários são obras que abrangem um número maior de entradas, recobrando os diversos campos do conhecimento.

O glossário surgiu na antiguidade clássica com o objetivo de explicar palavras e expressões próprias de uma fase mais antiga da língua grega. Os escritores da época se empenhavam na “conservação da língua” e, por isso, elaboravam glossários a fim de que o texto pudesse ser compreendido pelas futuras gerações. Imbuídos de um espírito de superioridade linguística, os gregos faziam cópias de obras literárias mantendo a linguagem própria do autor, com o propósito de conservar não só a língua grega, mas também as ilustres obras da época, como *Iliada* e *Odisseia* de Homero.

Segundo Dubois et al. (1973, p.309), o glossário “é um dicionário que dá sob a forma de simples traduções o sentido de palavras raras ou mal conhecidas”. Assim sendo, pode também representar o léxico de um autor, consagrando particularmente à explicação dos termos usados por este em determinada obra.

A esse respeito, Coelho (2008, p.22) diz que “o glossário é [...] um elucidário de significados cuja obscuridade, quer por se tratar de arcaísmos, quer por se tratar de palavras de pouquíssimo uso, ou de cunho muito restrito, como o são os regionalismos, necessitam explicações”. Desta feita, entende-se que o glossário é um instrumento lexicográfico, cuja função é explicar o significado das palavras pertencentes a uma fase de evolução mais antiga da língua ou de palavras pouco conhecidas.

O vocabulário, por seu turno, é uma lista de vocábulos (palavras que fazem parte de uma língua), de uma especialidade (vocabulário médico); de expressões específicas (vocabulário infantil) ou de determinadas obras (vocabulário de “Os Lusíadas”, por exemplo), dispostos, geralmente, em ordem alfabética. “Normalmente a informação apresentada num vocabulário é bem mais sucinta [...] – praticamente os verbetes possuem apenas a entrada e a explicação, às vezes, exemplificação” (COELHO, 2008, p.21). Isso se deve pelo fato de não haver informação sobre os possíveis usos das palavras, uma vez que são ou termos técnicos,

ou termos retirados de um texto. A título de exemplificação, podemos citar o *Pequeno Vocabulário de Linguística Moderna*, do professor Francisco da Silva Borba.

O Capítulo V insere-se apropriadamente na noção de glossário, pois restringimos nosso objeto de estudo à apresentação e descrição das lexias rurais presentes nos contos da obra *Ermos e Gerais* de Bernardo Élis.



Foto n° 3: Carro de boi (Acervo particular)

II BERNADO ÉLIS: VIDA E OBRA

2.1 Sobre o autor

Acredita-se que o conhecimento de certas circunstâncias da vida de um autor pode esclarecer características e significados de sua arte, como o uso da linguagem, heranças de certas correntes e estilos, afinidades com outros artistas. Fato a ser considerado é que a arte está ligada, por seu conteúdo e significado, ao tempo do qual ela emerge e ao ambiente de onde ela surge, filtrados através de uma personalidade.

A abordagem sociológica da cultura e, em especial, da linguagem, nos revela a importância da inserção do autor na configuração da obra. Quer isto dizer que é pertinente conhecer a trajetória da vida de um autor para a compreensão de sua obra, visto que indivíduo, sociedade e cultura são elementos indissociáveis de um mesmo processo.

A partir dessa reflexão, intenta-se abordar os principais aspectos da vida de Bernardo Élis, considerando a natureza de sua narrativa, fruto de suas experiências pessoais e sociais. A princípio, apresentaremos alguns traços da história de Goiás, especificamente no que se refere à origem familiar do autor e o seu contexto social.

Bernardo Élis, em um depoimento concedido a Giovanni Ricciardi⁹, afirma que as origens históricas de Goiás estão diretamente ligadas à corrida do ouro empreendida pelos bandeirantes paulistas que frequentavam o estado desde 1593 em busca de ouro e de índios para exploração e comercialização. O bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, alcunhado “Anhangüera” (que na língua tupi quer dizer “fantasma”), descobriu o depósito aurífero, em 1726, à margem do Rio Vermelho. Dessa exploração nasceu o arraial de Sant’Ana, tornando-se mais tarde sede da administração portuguesa com o nome de Vila Boa e, posteriormente, nomeada cidade de Goiás (1748).

Em 1730, outros depósitos auríferos foram descobertos, dando origem a centros populacionais, como o de Meia Ponte (atual Pirenópolis) e o povoado de Corumbá, denominado Arraial de Nossa Senhora da Penha de França de Corumbá. Nesse local, foi construída uma capela, onde havia uma imagem de N.S. da Penha de França, doada pelo sargento-mor Antônio José de Campos (tataravô de Bernardo Élis). Esse rico minerador, casou-se com a filha de um português chamado José Gomes Curado, irmã do futuro general Joaquim Xavier Curado (1746/1830), considerado “fundador do Exército Brasileiro, que atingiu todas

⁹ Professor do Istituto di Lingua e Letteratura Spagnola e Portoghese da Facoltà di Lingue e Letterature Straniere. Bari, Itália (FREDERICO, 1997).

as honrarias no exército português, bateu-se pela Independência do Brasil e morreu com o título de barão” (ÉLIS, 1997, p.16).

Por conseguinte, João José de Campos Curado, neto de Antônio José de Campos, casa-se com Ana das Dores Camargo Fleury, passando a residir em Corumbá, onde tinha lavoura, criação de gado, mineração de ouro e casa comercial. Ana é irmã do padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, homem culto que falava diversos idiomas, fundador do primeiro jornal do Brasil Central e o segundo goiano a ocupar a Presidência da Província em 1839. Cumpre assinalar, ainda, que o pai de João José, Jerônimo José de Campos Curado, torna-se padre em São Paulo, juntamente com os três filhos.

Constitui-se assim, a família “Fleury Curado”, descendente direta de Joana de Gusmão, penúltima filha do Anhangüera, e de Inácio Dias Paes, cuja ascendência abrange a totalidade dos bandeirantes. Nela inclui Bernardo Élis Fleury de Campos Curado.

A partir de 1770, com o esgotamento das aluviões auríferas, a ausência de novas descobertas e o decréscimo progressivo do rendimento por escravo, a região de Goiás entra em decadência. Surge um novo tipo de povoamento: os habitantes entregam-se à lavoura de subsistência e à criação de gado. Quer dizer, a sociedade ruraliza-se.

Assim, ao mesmo tempo em que se constrói o estereótipo do líder-bandeirante-desbravador também se forma o valor do sertanejo-desbravado. [...] A imagem que (trans)aparece no imaginário da goianidade – o rústico, o caipira, o roceiro, o não-civilizado, o não-urbanizado, o não-educado, o introspecto – está eivada da historicidade dessa representação (PAULA, 2007, p. 64).

Acresce-se a isso que nos documentos notariais da mineração, bem como nas obras dos viajantes como Saint-Hilaire e Pohl está explícito uma visão de inanição muito marcante do povo goiano: são caracterizados como “preguiçosos”, “atrasados” e “rústicos”. Estes consideram a decadência da região como consequência da falta de esforço e trabalho por parte dos habitantes.

Apesar da pobreza que permeava o século XIX, a família Fleury Curado ainda gozava das riquezas e tradições culturais que conservara (casavam-se entre si), tornando-se detentora do comércio e das funções públicas. Vale ressaltar que esse grupo familiar organizou a primeira oligarquia que dominou as províncias de Goiás e Mato Grosso até a queda do Império (1889) com poder de governo até 1930.

Érico Curado, pai de Bernardo Élis, embora nascido em Pirenópolis onde viveu com o avô materno até os dez anos de idade, passou a maior parte de sua vida em Corumbá de Goiás, dedicando-se ao comércio. Era um homem culto, conhecia livros importantes de seu

tempo, tanto nacionais como estrangeiros e também escrevia poesias. Além do português, adquiriu boas noções de matemática, ciências físicas e naturais, história, geografia, latim, francês, espanhol e inglês.

A partir de 1930, com a crise da Bolsa de Nova Iorque que chega até Goiás, além do prejuízo de cinco contos de réis que empresta a um parente, a casa comercial de Érico entra em falência, como atesta Bernardo Élis:

O certo era que dinheiro não entrava e minha mãe tinha que se desdobrar na costura para ajudar na manutenção da casa. Nossa vida, portanto, era pautada na mais estrita economia, onde, desde a comida até o querosene para iluminação, tudo era regrado. Contudo, mantínhamos um certo *status* condigno com nossa condição de família tradicional e importante. Essa importância impedia-nos de trabalhar fora do comércio e da burocracia, obrigava-nos a ocultar a nossa miséria (ÉLIS, 1997, p. 22).

Foi nesse ambiente que Bernardo Élis viveu. Num mundo de parentes, amigos entre si, no qual o dinheiro não era o mais valioso bem. Érico Curado morre aos 80 anos, deixando dois livros de poesias publicados e cinco mil cruzeiros no Banco. Segundo Élis (1997), nunca em tempo nenhum alguém ganhou tanto com literatura como seu pai.

Toda essa descrição objetiva mostrar os traços fundamentais que definiram o perfil humano e profissional desse notável escritor, Bernardo Élis Fleury de Campos Curado nascido em Corumbá de Goiás-Go em 15 de novembro de 1915, filho do poeta Érico José Curado e de Marieta Fleury Curado. Foi reconhecido como um dos maiores representantes da literatura regional do Brasil e também considerado o introdutor do Modernismo em Goiás, devido a sua forma de representar a fisionomia humana, a paisagem física, os costumes e a língua do povo goiano, sobretudo os problemas políticos e sociais de seu estado natal.

Abdala Jr (1983) afirma que Bernardo Élis iniciou o estudo das primeiras letras em casa, com o pai, de quem viria o maior estímulo à leitura. Seu primeiro conto, sobre assombração, foi escrito aos doze anos inspirado em *Assombramento*, de Afonso Arinos. Mais tarde, estudou no Lyceu de Goiás e bacharelou-se em Direito, único curso superior existente em Goiânia, na época. Ampliou suas leituras, principalmente de Machado de Assis, Eça de Queirós e dos autores modernistas. Consta em sua autobiografia que foi a partir de leituras das “coisas” ditas pelos modernistas que ele percebeu determinada ligação entre literatura e vida cotidiana, o que, com toda certeza, constituiu-se no germe de sua obra, baseada na realidade captada através dos sentidos e transposta às páginas da ficção.

A paixão pelo modernismo alimentava seus anseios e definiu seu estilo criador, dando-lhe o reconhecido sucesso. Segundo Frederico:

Do ponto de vista estético, Bernardo Élis incorpora as conquistas do Modernismo (é tido por vários críticos com introdutor do Modernismo no Centro-Oeste), acentuando a oralidade; desprezando os longos períodos, os vocábulos raros; introduzindo o extraordinário, o estranho, o fantástico; pesquisando a cultura popular; e, ao fim, combinando os achados com a visão crítica da realidade social, herança dos anos 30 (FREDERICO, 1997, p. 13).

Em 1936, iniciou-se na função pública como escrivão da Delegacia de Polícia em Anápolis, sendo depois nomeado escrivão do cartório do crime de Corumbá. Participou, desde 1934, dos acontecimentos literários do Brasil Central, escrevendo poesias e enviando colaborações de cunho modernista para os jornais de Goiânia. Transferiu-se para Goiânia em 1939, onde foi nomeado secretário da Prefeitura Municipal, exercendo também a função de prefeito interino por duas vezes.

Atuou na fundação da *Revista Oeste* e nela publicou o conto *Nhola dos Anjos e a Cheia de Corumbá*. Mas, sua estreia no meio literário aconteceu em 1944, com a publicação, pela Bolsa de Publicações “Hugo de Carvalho Ramos”, do livro de contos *Ermos e Gerais*, obtendo sucesso e elogios de toda a crítica nacional. Nesse mesmo ano casou-se com a poetisa Violeta Metran.

Em 1945, participou do 1º Congresso de Escritores de São Paulo, quando conheceu vários escritores nacionais, entre os quais Aurélio Buarque de Holanda, Mário de Andrade e Monteiro Lobato. Ao voltar para Goiânia, fundou a Associação Brasileira de Escritores, da qual foi eleito presidente. Ingressou no magistério como professor da Escola Técnica de Goiânia e do ensino público estadual e municipal. Em 1955, publica o livro de poemas *Primeira chuva*.

Nos anos subseqüentes, dedicou-se ao magistério e à vida literária. Foi co-fundador, vice-diretor e professor do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade Federal de Goiás, daí passando a professor de Literatura na Universidade Católica de Goiás e em vários cursos pré-vestibular, mantendo ativa participação em congressos de escritores realizados em várias partes do país. Em 1953, promoveu o I Congresso de Literatura em Goiás e realizou inúmeras palestras, conferências e cursos literários. Em 23 de outubro de 1975, foi eleito para a Cadeira nº 1 da Academia Brasileira de Letras (primeiro goiano a ingressar na academia).

Recebeu inúmeros prêmios literários: Prêmio José Lins do Rego (1965) e Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro (1966), pelo livro de contos *Veranico de janeiro*; Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, pelo seu *Caminhos e descaminhos*; Prêmio Sesquicentenário da Independência, pelo estudo *Marechal Xavier Curado, criador do*

Exército Nacional (1972). Em 1987, recebeu o Prêmio da Fundação Cultura de Brasília, pelo conjunto de obras, e a medalha do Instituto de Artes e Cultura de Brasília.

A 30 de novembro de 1997, aos 82 anos, vítima de câncer, faleceu em Goiânia, deixando significativa produção literária, expressão de suas preocupações de cunho social, com ampla e criteriosa visão de luta dos menos favorecidos pela sobrevivência, oprimidos sob os interesses dos poderosos. As obras dignas de destaque são: *Ermos e Gerais*, contos (1944); *Primeira chuva*, poesia (1955); *O tronco*, romance (1956); *Caminhos e descaminhos*, contos (1965); *Veranico de Janeiro*, contos (1966); *Marechal Xavier Curado*, criador do exército nacional, ensaio (1973); *Caminhos dos gerais*, contos (1975); *André Louco*, contos (1978); *Vila Boa de Goiás*, ensaio (1979); *Apenas um violão*, contos (1984); *Goiás em sol maior*, ensaio (1985); *Jeca Jica – Jica Jeca*, crônicas (1986); *As terras e as carabinas*, romance (1987); *Chegou o governador*, romance (1987); e ainda várias obras de história, sociologia e literatura goiana, bem como inúmeros artigos em periódicos e discursos.

Vale ressaltar, que ainda que nascido no seio de uma família importante, Bernardo Élis procurou registrar em suas obras a geografia física e humana de seu Estado Natal, uma vez que é nesta região de cultura caipira que o notável autor emerge. Desse modo, os estudos sobre sua obra “têm privilegiado sobremaneira a questão da linguagem (dialetos caipira e oralidade) e os procedimentos estéticos empregados (expressionismo, surrealismo, metáforas ousadas)” (FREDERICO, 1997, p. 12), além da explícita temática de denúncia social, demonstrando os problemas político-sociais de Goiás. Acerca disto, Almeida atesta que:

Para a moderna ficção brasileira ele levou a presença de Goiás, não só com relação à estrutura, ao conteúdo de suas obras como, também com a linguagem regionalista que oferece e que o situa ao lado de Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Mário Palmério e tantos outros nomes de vulto nas letras nacionais. Ele traz, em mistura curiosa, à maneira de Guimarães Rosa, “o pitoresco, o vulgar, o precioso” (ALMEIDA, 1985, p. 46).

Portanto, pode-se constatar que a realidade social que permeia as obras de Bernardo Élis não é fruto do acaso e, sim, o resultado intelectual de uma experiência apoiada na vida real. Suas histórias apresentam enredos memoráveis e personagens surpreendentes que fazem parte não apenas de um universo ficcional, mas de uma realidade histórica, política e social de um povo.

2.1.1 Características do autor

Coisa semelhante se dá com os contos do Sr. Bernardo Élis. Filho de Goiás, educado numa povoação primitiva, como é Corumbá de Goiás, acostumou-se, desde menino, a falar a língua do povo e a sentir de perto o drama dos pobres, dos injustiçados, dos perseguidos. Assimilou tudo isso de tal modo, tanto a realidade social inumana, como a expressão linguística extremamente humana daquele povo, que no dia em que a sua vocação literária irreversível despertou, o que nos deu foi ao mesmo tempo uma obra de verdade social impressionante e uma criação linguística de uma beleza e de uma originalidade absolutamente singulares. (ATHAYDE)

Bernardo Élis, considerado o mais vigoroso escritor e ilustre representante do modernismo em Goiás, notabilizou sua obra não apenas pelo seu caráter estético, mas pela sua percepção histórica e intuição linguística. Valendo-se do regionalismo, procurou demonstrar em suas narrativas, aspectos históricos, políticos e sociais de Goiás por meio de uma linguagem simples, rústica e, por vezes, culta e poética. Nas palavras de Athayde (1997, p.124) “é uma fusão rara entre o falar culto e o falar popular, sem aquele paralelismo tão frequente e tão chocante nos maiores escritores regionalistas, como no próprio Coelho Neto, e que esse goiano de Corumbá realizou de modo notável”.

A produção literária de Bernardo Élis está profundamente arraigada à situação econômica, política e social da época em que viveu em Goiás. Na década de 1920, a região era dominada pelos poderosos coronéis, que seguia uma política de proteção aos seus interesses, menosprezando, de forma agressiva e violenta, o humilde trabalhador rural. A implantação do sistema coronelista se deu por várias razões: a precariedade da região imposta por um espaço sertanejo, a baixa produtividade agrária e o isolamento frente ao progresso dos estados que já haviam conquistado uma condição mais cosmopolita e centralizadora.

Esse grupo “dominante”, além de possuir a propriedade da terra que era o principal meio de sobrevivência, mantinha em seu poder os trabalhadores e os instrumentos de trabalho, tal como observa Palacin:

Ao tratarem do coronelismo, historiadores e sociólogos, costumam destacar os sólidos fundamentos do poder econômico e social do poder político do coronel. A posse da terra, mediante ao latifúndio, o domínio dos homens que dela dependem os agregados, peões, meeiros, etc. (PALACIN, 1990, p.115).

Dessa forma, a supremacia dos coronéis era mantida pelo seu poder econômico, obtido geralmente por meio da posse da terra, e pelo seu poder social, que dava a estes a posse sobre o ser humano. É esse quadro de interesses e conflitos que Bernardo Élis deixa transparecer em

suas narrativas: a vida miserável do sertanejo e a sua luta pela sobrevivência, a exploração do trabalhador rural pelos coronéis e a impotência do ser humano diante da força opressora da natureza, consequência do primitivismo agreste do sertão rústico e isolado. Dito de outro modo, a temática que permeia toda obra do autor diz respeito ao perfil do homem do sertão e da terra em que vive. A representação do espaço e das personagens não é puramente ficcional, antes o autor faz uso da ficção para revelar a realidade do sertão goiano, a rusticidade e a precariedade da região, bem como a subjugação do pobre, do camponês. Como bem observa Jorge (2005, p.88), “seria ilusório exigir do contista outro tipo de narrativa que não aquela ligada ao sertão ou às cidades pequenas, fontes de sua vivência, experiência, e de onde ele retirava a matéria prima para concretizar suas obras”.

Portanto, pode-se afirmar que a obra literária de Bernardo Élis é fruto de suas experiências pessoais e sociais. A sua convivência com o homem do campo instituiu-lhe uma preocupação singular, que o levou a ingressar no Partido Comunista (PCB) antes ainda da publicação de seus contos. A esse respeito Frederico ressalta que:

É sabido que desde antes da publicação de seu primeiro livro, *Ermos e Gerais*, em 1944, já Bernardo Élis pertencia aos quadros do Partido Comunista Brasileiro, na época Partido Comunista do Brasil. Nada de mais corriqueiro: sob os efeitos da revolução de 30 e das lutas contra as oligarquias e, mais diretamente, do clima de agitação e do empenho pelas liberdades democráticas do pré-guerra, boa parte dos intelectuais da época aproximou-se do Partido Comunista, que, depois de praticamente ter desaparecido sob o Estado Novo, começou a se reorganizar, passando de uma centena de membros em 1942 a cinquenta mil em 45 (quando o partido se torna legal) e perto de duzentos mil no ano seguinte. Esse crescimento espantoso deve-se sobretudo à defesa da democracia e ao apreço pela cultura e pelos intelectuais, manifestados pelos comunistas no período da legalidade do PCB, de 45 a 47. O jornal diário comunista, lançado em maio de 45, *Tribuna popular*, por exemplo, dedicava três páginas semanais à cultura, publicando Manuel Bandeira, Graciliano, Jorge Amado, Brecht (publicação pioneira), Drummond [...] e outros (FREDERICO, 2005, p. 121).

Contra a ditadura de Getúlio Vargas e o fascismo em franca expansão, Bernardo Élis se empenhou na divulgação do Realismo Socialista - conjunto de normas formuladas a partir das ideias de Andrei Zhdanov e do escritor Máximo Górkí, sob o controle de Stálin, chamada de estética zhdanovista¹⁰. Era considerada como a diretriz da produção artística que definia como devia ser uma obra verdadeiramente revolucionária. Disso resulta um fato curioso: houve uma discussão de intelectuais goianos do PCB sobre a obra *Ermos e Gerais*, julgando-a fora dos moldes zhdanovistas por não possuir características de uma literatura revolucionária

¹⁰ Andrei Sdhanov foi o teórico responsável pela política cultural do stalinismo, que teve como sustentação o Realismo Socioalista, tido como a única forma de fazer arte revolucionária (FREDERICO, 2005).

(não relatava greves, confrontos diretos, etc.), caso confirmado pelo autor em uma autocrítica. Não convencido dos argumentos de Élis de que sua obra não continha os elementos imprescindíveis de uma “boa literatura”, seu companheiro, Chico de Brito (escritor e deputado estadual) o defende. Porém, o autor não consente e escreve um ensaio intitulado *Ermos e gerais: um passo atrás na literatura goiana*, considerando sua própria obra inferior a *Gente da gleba*, novela de Hugo de Carvalho Ramos.

Apesar desse clima de acirramento, o intelectual-artista insistiu em praticar o Realismo Socialista em Goiás, realizando intensas pesquisas sobre o assunto, inclusive sobre a revolta de Trombas¹¹, na década de 50. Destes estudos, resultou o romance *O tronco* (1956), uma narrativa baseada em fatos verídicos que conta a história de uma luta travada na antiga Vila de São José do Duro, atual Dianópolis, entre a família Melo, moradora da região, e a força pública do Estado. De acordo com Frederico (2005, p.126), “A obra pretende denunciar o atraso e o mais completo abandono em que se encontrava a população do sertão, vítima dos desmandos dos coronéis latifundiários”.

Frederico (2005) ressalta que Bernardo Élis emprega nesse livro as três leis da dialética (método marxista): a tese – “mostra-se o universo da região, seus conflitos latentes, mas vivendo uma harmonia dominada pelo respeito aos mais velhos e a submissão à hierarquia da parentela” (FREDERICO, 2005, p. 127); a antítese – corresponde “o acirramento das contradições e a negação do primeiro momento, ou seja, a quebra da harmonia e a deflagração da luta” (2005, p.127); a síntese – “quando as partes antagônicas são derrotadas, para surgir um universo diferente, de integração à nacionalidade e às suas leis nacionais e perda do poder absoluto de grupos feudais em disputa com o poder político” (2005, p. 127). Segundo a autora, as cenas finais do romance apresentam um contraponto entre o otimismo zhdanovista, exigência do Realismo Socialista cobrado pelo Partido Comunista e a atrasada realidade social de Goiás, ou seja, Élis, por ser um membro dessa organização política via-se na obrigação de fazer um desfecho otimista, “enquanto a própria narrativa lhe exigia a fidelidade ao real” (FREDERICO, 2005, p. 129). Esse impasse vivido pelo autor foi tão bem retratado nessa obra que foi considerada um “verdadeiro épico dos sertões goianos”.

Assim, desejoso em colaborar para a mudança social em Goiás, Bernardo Élis tomou para si a tarefa de retomar o projeto estético de 30, seguindo os passos de Jorge Amado, José

¹¹ Revolta de Trombas ou do Formoso foi um movimento de resistência dos camponeses aos grileiros no médio-norte de Goiás, ocorrido na década de 50, capitaneado pelo PCB. Depois de quase dez anos de lutas, os posseiros conseguiram os títulos definitivos de propriedade. O líder da revolta, José Porfírio de Souza, tornou-se o primeiro deputado camponês da história do Brasil (FREDERICO, 2005).

Lins do Rego e Graciliano Ramos. Trata-se de uma arte predominantemente social, neo-realista, a qual o autor incorporou aos seu estilo literário, “acentuando a oralidade; desprezando os longos períodos, os vocábulos raros; introduzindo o extraordinário, o estranho, o fantástico” (FREDERICO, 1997, p.12). Por essa razão, é considerado o introdutor do Modernismo nesse Estado.

A militância nas fileiras do PCB deu ao autor a oportunidade de conhecer mais de perto a vida do sertanejo, a sua linguagem, os seus costumes. Élis esteve por diversas vezes no campo conversando com os trabalhadores sobre o partido, mas o seu propósito não era unicamente esse: “aproveitando o tempo, lia-lhes também os contos para verificar neles as reações” (FREDERICO, 2005, p.122), se entendiam, se gostavam ou não. Assim, não é por acaso que o escritor utiliza em seus contos a linguagem rural, priorizando o discurso direto como técnica para dar voz ao homem do campo que, muitas vezes, tem sido retratado de forma pejorativa, sendo mantido à margem da sociedade. Este procedimento é nítido em seus primeiros contos, por exemplo, em *Ermos e Gerais*: - Bas noites. – Ê! João, como é que vai? Recebeu meu recado? – É o sinhô, e Anísio? Recebi, nhor sim. O Joca me falou pra mim trás antonte. (ÉLIS, 2005, p.176). Percebe-se que não há a transição abrupta entre a linguagem culta e popular, mas um “discurso único com uma linguagem intermediária, “o coloquial médio goiano”, como ele dizia” (FREDERICO, 2005, p.123).

Élis (1997) declara, no depoimento concedido ao professor Ricciardi que a sua intenção era escrever exclusivamente para o povo goiano, razão que o levou ao estudo do folclore, dos costumes, da cultura e, especialmente, do dialeto rural, além dos vários livros que compõem a sua “biblioteca caipira”¹². No entanto, sua obra ultrapassou os limites do regionalismo, alcançando uma dimensão nacional e, até mesmo, universal, já que ilustra encenações de um tempo presente, isto é, iconiza mundos interiores e exteriores vivenciados pelo homem em qualquer lugar do mundo. Isto significa dizer que o sofrimento humano representado em sua literatura, dita regionalista, não é recorrente somente em uma região particularizada é, portanto, uma realidade global.

Em se tratando do Regionalismo, é importante destacar que originou-se do indianismo e do sertanismo, manifestações ocorridas durante o Romantismo, passando a vigorar como vertente literária somente no final do século XIX, com as primeiras publicações de Afonso Arinos. Sobre esse primeiro momento regionalista, Afrânio Coutinho diz que:

¹² O acervo de Bernardo Élis, inclusive a “biblioteca caipira”, como ele a denominava, encontram-se no Cedae, no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, SP (FREDERICO, 2005).

Em José de Alencar, Gonçalves Dias, Bernardo Guimarães, o regionalismo é uma forma de escape do presente para o passado, um passado idealizado pelo sentimento e artificializado pela transposição de um desejo de compensação e representação por assim dizer onírico. Essa modalidade de regionalismo incorre numa contradição ao super valorizar o pitoresco e a cor local do tipo, ao mesmo tempo que procura encobri-lo, atribuindo-lhe qualidades, sentimentos, valores que não lhe pertencem, mas à cultura que se lhe sobrepõe. Já se assinalou que o índio de Alencar era um europeu de tanga e tacape (COUTINHO, 1997, p.234).

Com o advento do Realismo e, posteriormente do Modernismo, a literatura regionalista sofre algumas alterações: a figura do homem ganha espaço e ampliam-se as preocupações humanitárias; perdem expressão as ideias puramente pitorescas e ganha impulso as ideias revolucionárias; há uma reformulação na visão sobre o cotidiano, sobre os costumes locais e o uso de maior simplicidade e senso de realidade. Trata-se, portanto, de uma arte comprometida como o nacional, ou seja, de uma literatura que traduz a realidade de uma determinada região sob a forma de denúncia social como meio de ação para a transformação. É exatamente este tipo de literatura que Bernardo Élis utiliza em suas produções.

Para Bechara (1991, p. 9), o regionalismo de Élis enquadra-se “no que se costuma considerar literatura de protesto pelo que contribuem em nos chamar a atenção para os dramas sociais dos nossos sertões no afã de que, com a denúncia, se minorem a miséria”. Isto nos revela a sua fidelidade ao neo-realismo brasileiro, caracterizado pelas intenções ideológicas de comprometimento com a reforma social. Em outros termos, “o lado social de seu regionalismo assume, dessarte, o sabor das coisas reais porque os fatos que nos conta são, em geral, reproduções do que viu, ou do que lhe chegou ao conhecimento” (BECHARA, 1991, p.9).

O marco dessa fase do Regionalismo Brasileiro é a publicação de *Tropas e Boiadas* de Hugo de Carvalho Ramos, em 1917. Sabendo que ele era o único nome goiano a figurar numa antologia, Bernardo Élis se empenha em dar continuidade ao trabalho, destacando Goiás na comunidade literária nacional. Acredita-se que a sua opção pelo regionalismo se deu por duas razões: pelo desejo de destacar o Estado na Federação e pela exigência do Partido que o obrigava a firmar posição na questão do nacional.

Diante dessas considerações, pode-se inferir que o ingresso de Bernardo Élis no Partido Comunista trouxe várias vantagens, desde a superação de sua timidez (a militância o obrigava a interagir-se com os outros, fazer comícios, etc.) ao profundo conhecimento da realidade goiana, principalmente no que diz respeito à desumanização e coisificação do pobre, do camponês, do trabalhador rural. Isso é evidente em muitos contos como, por exemplo, em

“A enxada”, “Ontem, como Hoje, como Amanhã, como Depois” e “André Louco”. Por outro lado, a militância trouxe-lhe também aborrecimentos:

Foi perseguido, obrigado a deixar o magistério (de onde retirava o sustento) e praticamente impedido de escrever nos jornais, função que exercia regularmente. É assim que vai para o Rio de Janeiro, onde, com a ajuda de amigos – Barbosa Lima Sobrinho, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Herberto Sales, Tristão de Athayde, Hermes Lima e outros – ingressa na Academia Brasileira de Letras, que, segundo sua opinião, ajudou-o muito, oferecendo-lhe a segurança de que não dispunha fora dela, naqueles bárbaros tempos (FREDERICO, 1997, p. 12).

Embora pressionado pelos agentes da ditadura militar, Bernardo Élis persistiu até alcançar o seu objetivo como ficcionista, fazendo-se conhecido não só regionalmente, mas por todo o território brasileiro. Sua obra alcançou um espectro tão notável que foi escolhido, dentre inúmeros escritores famosos, para ingressar na Academia Brasileira de Letras.

Contudo, essas informações apresentadas, pautadas em estudiosos e críticos literários, convergem para dois pontos: um de caráter apenas elucidativo, que diz respeito à intrínseca relação existente entre história, política e literatura; e outro de natureza substancial e eminente – o perfil humano e profissional desse admirável escritor, Bernardo Élis. Constituído por uma personalidade única e inestimável, soube com simplicidade e maestria, produzir uma literatura de protesto com merecida consagração. Não por acaso, como afirma Bechara (1991, p.8) que está reservado para ele “um lugar definitivo entre os melhores prosadores da língua portuguesa no Brasil”. Além de possuir um talento surpreendente, é para nós um exemplo de tenacidade, persistência, humildade e sabedoria.



Foto nº 4: Bernardo Élis (Fonte: ÉLIS, 2005)

2.2 Sobre a obra

Ermos e Gerais é o primeiro livro de Bernardo Élis, publicado em 1944, pela Bolsa de Publicações “Hugo de Carvalho Ramos”. É constituído por dezenove contos e uma novela: “Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá”, “Um duelo que ninguém viu”, “A mulher que comeu o amante”, “A crueldade benéfica de Tambiú”, “Papai Noel ladrão”, “Um assassinato por tabela”, “O menino que morreu afogado”, “O louco da sombra”, “Cenas de esquina depois da chuva”, “A virgem santíssima do quarto de Joana”, “Trecho de vida”, “O caso inexplicável da orelha de Lolô”, “O engano do seu vigário”, “Noite de São João”, “O diabo louro”, “O erro de sá Rita”, “O papagaio”, “Pai Norato”, “As morféticas” e “André Louco”. São histórias que nos dão notícias de um amplo e rico panorama da vida do homem sertanejo e da paisagem rústica e agreste dos sertões de Goiás. Nas palavras de Jorge (2005):

Ermos e Gerais pontifica histórias de um sertão inóspito, fragmentado em seu tempo, e num espaço em que cabe um pedaço de chão, um rancho e um rio; o desenho desse cenário completa com a riqueza do ambiente natural e a miséria humana, em todos os sentidos, um contraste que jamais será interrompido a não ser pela ação do próprio tempo, e em quadros isolados, de maneira que a ação dos personagens, do ponto de vista social, surgem numa difusão cada vez mais intensa. No entanto o ficcionista nos brinda sempre com sábias e bem urdidadas tramas psicológicas, com o apelo à fantasia erótica enredada em linguagem que oscila entre o poético e o brutal, beirando a oralidade (JORGE, 2005, p. 86).

Isso implica dizer que a temática ficcional do escritor nessa obra está centrada no homem do sertão, apanhado na sua estrutura física, psicológica e sociocultural, o que nos permite delinear o homem regional, já que se distingue por uma série de aspectos físicos comportamentais e, especialmente, linguísticos, como prova os seguintes fragmentos: “Fio, fais um zóio de boi lá fora pra nós. O menino saiu do rancho com um baixeiro na cabeça, e no terreiro, debaixo da chuva miúda e continuada, enfincou o calcanhar na lama” (ÉLIS, 2005, p.3); “Baiano enxuto, macio de fala, fiel de coração. Os dentes apontados a faca davam-lhe ao sorriso um ar ameaçador de bicho carniceiro” (ÉLIS, 2005, p. 14); “No canto escuro do quarto, o pito da velha Nhola acendia-se e apagava-se sinistramente, alumando seu rosto macilento e fuxicado” (ÉLIS, 2005, p. 6). Além das características humanas, Bernardo Élis fornece-nos uma nítida visão do espaço sertanejo, “pintando” verdadeiras paisagens do cerrado goiano, em pleno isolamento no início do século XX, como podemos observar no trecho a seguir: “O rancho se erguia num morrote a cavaleiro de terrenos baixos e paludosos. A casa ficava num triângulo, de que dois lados eram formados por rios e o terceiro por uma vargem de buritis. Nos tempos de cheias os habitantes ficavam ilhados” (ÉLIS, 2005, p.5).

Para bem configurar o seu enfoque regionalista, a que fizemos referência, o escritor não só elege o sertão goiano como cenário de suas narrativas, como também o coloca em uma posição de destaque: como título do livro, caracterizando-o como “ermos” e “gerais”. Segundo Élis, no depoimento dado ao professor Giovani Ricciardi, “Ermo” significa “deserto”, “descampado”, “solitário”, como era grande parte do planalto central do Brasil; “gerais” tem mais compreensão geográfica, querendo dizer “campos extensos e desabitados” (FREDERICO, 1997, p.99).

A despeito dessa declaração, chama-nos a atenção a técnica com que o autor designa o título, assim como estrutura sua narrativa. Vicentini (2005) afirma que a opção de Bernardo Élis pelo regionalismo é uma atitude “compensatória” de valorização e preservação das peculiaridades regionais, isto é, o “regionalismo literário tem sido visto como uma corrente literária que busca registrar fatos da sociedade rural que se situa numa situação de risco histórico (daí a denominação compensatória)” (VICENTINI, 2005, p.135). Quer isto dizer que a intenção do ficcionista em escrever contos regionalistas não se reduz simplesmente em ressaltar as peculiaridades do sertão goiano, mas de preservar os costumes, as tradições e as manifestações linguísticas desse povo.

No tangente à linguagem, pode-se afirmar que um dos elementos de maior importância em *Ermos e Gerais* é sem dúvida a fixação do linguajar regional goiano. Bernardo Élis estrutura suas histórias em um estilo linguístico inovador, raramente encontrável em outros textos, como bem observa Telles:

[...] o narrador de *Ermos e Gerais* procede de maneira bem diferente do narrador dos outros livros. Ele narra como se estivesse contando oralmente o que acabara de ouvir. Por trás de cada conto de *Ermos e Gerais* está, pode-se dizer, a estrutura de uma estória ou de um **causo**, quando não de uma lenda ou de um mito. É uma estrutura simples que suporta uma fábula (no sentido dos formalistas russos) também simples e por isso contada com o auxílio das técnicas da narrativa oral. É esse sentido de oralidade que determina a ressonância linguística do coloquialismo que marca as falas de narrador e personagem, já que a distância entre as duas figuras se vê às vezes praticamente eliminada. Daí o uso das técnicas dos contos populares (a abertura e fechamento dos contos, por exemplo) que o escritor vai buscar na tradição oral, bastante viva entre nós e funcionalmente representativa dos povos com grandes índices de analfabetismo (TELLES, 1997, p.136).

Assim, percebe-se nos contos de *Ermos e Gerais* o uso corrente do dialeto rural, variedade linguística predominante naqueles sertões de Goiás. Nota-se o emprego do discurso direto, não só como técnica para representar a fala do sertanejo, mas como um recurso proposital, para dar voz ao homem do campo que naquela época era destituído de direitos, de proteção, isto é, não tinha “vez e nem voz”. A título de ilustração, citamos os seguintes

excertos: “– Dona, pelo amô de Deus, fala pro seu marido me soltá. Sá Dona, meus fiinho tão passano fome” (ÉLIS, 2005, p. 33); “- Que nenhum brinquedo, que nada, seu cachorro! Ocê qué me mata, mais im antes de ocê me jantá eu te armoço, porqueira. Vou te tacá ocê pras piranhas comê, viu!” (ÉLIS, 2005, p.113).

Para bem elucidar o seu gesto de protesto na tentativa de deixar aparecer ainda mais a fala de suas personagens, Bernardo Élis utiliza também o discurso indireto livre – é um tipo de discurso híbrido, em que se associam as características do discurso direto e do indireto, ou seja, o narrador conta a história “sem dar diretamente a palavra a uma personagem, ele entremeia o que conta com parte da fala” (CAMPEDELLI, 2001, p. 361) da personagem, como por exemplo: “Sá Maria falou que “a casa estava tão quieta que chegou a cuidar num tinha ninguém” (ÉLIS, 2005, p. 62); “O baiano agora descobriu que havia em seu corpo um “isprito munto marvado demais” (2005, p.105); “Foi então que, chumbado, Tambiú gritou com o Nequinho que lhe tirasse de riba aquele “zóio de poico” (2005, p.119); “O negro aqui fez um parêntese, explicando “qui u povo garraro a fala que a minina tomem era fia de seu Carlos” (2005, p.149).

Embora esse falar típico esteja poderosamente impregnado na língua literária do autor, não é o seu único veículo de comunicação. A presença da linguagem culta, às vezes poética, nos mostra o quanto Bernardo Élis foi sábio e habilidoso com a palavra, como podemos verificar nas ocorrências: “Começou a escurecer nevroticamente. Uma noite que vinha vagarosamente, irremediavelmente, como o progresso de uma doença fatal” (ÉLIS, 2005, p.4); “Não havia céu, não havia horizonte – era aquela coisa confusa, translúcida e pegajosa. Clareava as trevas o branco leitoso das águas que cercavam o rancho” (2005, p.6); “Havia um remanso escuramente frio, onde as águas viscosas se estuporavam em lerdo torvelinho, ajuntando folhas, garranchos” (2005, p.110). Temos, assim, em *Ermos e Gerais* um misto de variedades linguísticas, “uma fusão rara entre o falar culto e o falar popular” (ATHAYDE, 1997, p.124), uma amostragem do talento e do estilo exuberante de Bernardo Élis.

No intuito de alcançar a expressividade que tanto desejava nessa obra, Élis fez uso de diferentes recursos estilísticos como as metáforas: “A velha voltou para dentro arrastando-se pelo chão, feito um cachorro, cadela, aliás” (ÉLIS, 2005, p.4); “A noite era feito um grande cadáver, de olhos abertos e embaciados” (2005, p.6); “Lá fora o barulhão confuso, subterrâneo, sublinhado pelo uivo de um cachorro” (2005, p. 7). As onomatopeias: “Os torrões de barro do pau-a-pique se desprendiam dos amarrilhos de embiras e caíam n’água com um barulhinho brincalhão – tchibungue-tibungue” (2005, p.7); “Só da loja de seu Dominginho vinha um zunzunado de conversa, de risos” (2005, p.13); “Morreu depois de

um pagode, onde cantou a noite inteirinha um catira doído, cheio de morena e ai-ai-lá-rai” (2005, p.18); “A gente ouvia perfeitamente o batido do chinelo no corpo da criança – pá, pá” (2005, p. 127); “Ela então abria a porta e ele subia pra cumeeira do telhado e danava a cantar, a imitar galinha, corrida de veado – au, au, au, pei – matou o veado, o couro é meu!” (2005, p. 221). As assonâncias¹³: “que se diluía na cortina diáfana, leitosa do espaço repleto de chuva” (2005, p.8), valorização das virtualidades sonoras do fonema “i”; “O mato se aproximava, discerniam-se sobre o líquido grandes manchas, sonambulescamente pesadas, emergindo do insondável” (2005, p. 9), repetição das vogais “a” e “ã”; “E as águas escachoantes, rugindo, espumando, refletindo cinicamente a treva do céu parado, do céu defunto, do céu entrevado, estuporado” (2005, p.12), valorização das vogais nasalizadas. E, também, as aliterações¹⁴: “Clareava as trevas o branco leitoso das águas que cercavam o rancho” (2005, p. 6), repetição do fonema “r”; “os olhos fuzilando numa expressão de incompreensão e terror espantado” (2005, p.11), repetição do fonema “s”; “Os torrões de barro do pau-a-pique que se desprendiam dos amarrilhos de embiras e caíam n’água com um barulhinho brincalhão” (2005, p. 7), repetição dos fonemas “r” e “lh”.

Nota-se que essa atmosfera sonora construída pelo autor por meio dos jogos fônicos (onomatopeias, aliterações e assonâncias) caracteriza a ambiência do sertão, seja reproduzindo os sons da natureza como o barulho da água, seja imitando sons humanos e até mesmo os sons de animais, como exemplificado acima. Contudo, é nesse universo rico de inventariação da palavra que está inserida a literatura bernardiana. Nas palavras de Jorge (2005, p.89), “não digo que Bernardo Élis criou um conceito novo do regional, mas, digo sim, que ele avançou e muito bem por esses caminhos e descaminhos com profunda perspicácia e método de criação”.

A respeito dos costumes e tradições que estão implícitos nas propriedades estruturais dos contos, destacamos: a música: “Morreu depois de um pagode, onde cantou a noite inteirinha um catira doído, cheio de morena e ai-ai-lá-rai” (ÉLIS, 2005, p.18); “Depois abraçou a criança [...], meteu-lhe na boca semi-aberta o peito e a ficou ninando ternamente: Tutu calundum, sai detrás do murundum, vem pegá neném, qui tá com calundum” (2005, p.168); “O que começou a subir pelo céu, mais belo que um balão, foi uma moda de viola. Chorosa, longa, com sabor arrependido de banzo” (2005, p.196); “Seu Jeremias colocou essa frase sobre o fundo romântico de uma modinha, acompanhada ao violão [...]: Só quem ama é

¹³ Assonância: semelhança de sons; conformidade ou aproximação fonética entre as vogais tônicas de palavras diferentes (FERREIRA, 2010, p. 214).

¹⁴ Aliteração: repetição de fonemas no início, meio ou fim de vocábulos próximos, ou mesmo distantes (desde que simetricamente dispostos) em uma ou mais frases, em um ou mais versos (FERREIRA, 2010, p.98).

que sabe quanto eu sofro, Ô! Meu Deus, dai-me alívio ao padecer. Só quem ama...” (2005, p.197). As superstições: “- Fio, fais um zóio de boi lá fora pra nós. O menino [...] enfincou o calcanhar na lama rodou sobre ele o pé, riscando com o dedão uma circunferência no chão mole – outra e mais outra [...]. Isso era simpatia para fazer estiar” (2005, p. 3). Os costumes e tradições: “O dia inteiro havia resmungo de rezas na casa dos irmãos de André, terços pelas vizinhanças. O baiano rezava assim para espantar o “isprito” maléfico e não permitir que ele, ao sair, entrasse noutra pessoa” (2005, p.105); O baiano tinha posto uma medalhinha de São Miguel na boca. Tinha certeza e convicção de que, quando o corpo pegasse a esfriar, aí é que os capetas e os coisas-ruins começariam a fugir do corpo do filho de Deus” (2005, p.108); “Mas é preciso adivirti essa nação de povo que viero rezá pra Nossa Senhora d’Abadia do Muquém e fê nela que num hai de tê nada e meu zóio num zanga” (2005, p. 123); “Serviam café com bolo de mandioca. O pessoal barulhento, risonho, cercou a fogueira, um balão começou a subir. É mentira. Não há balões nos são-jões analfabetos das roças” (2005, p.196).

Discutindo, ainda, sobre o regionalismo bernardiano, outro aspecto importante digno de destaque é que a literatura regionalista dessa época, por ser um registro histórico, defendia a fidedignidade dos fatos, razão em que acabou assumindo os foros da denúncia social. Assim, no intuito de produzir uma literatura dentro dos moldes regionalistas e sob a luzes do modernismo de 1930, também chamado de neo-realismo ou realismo social, Élis deixa transparecer em *Ermos e Gerais* os problemas político-sociais de Goiás: os costumes ainda arraigados na sociedade pela ignorância e pelo atraso cultural; a vida miserável do sertanejo e a sua luta pela sobrevivência, a desumanização do ser humano frente ao isolamento do sertão agreste; os fatores de pressão social como a força arbitrária dos soldados e coronéis e até mesmo “a força que pode estar representada pela própria natureza indomável ou pelo instinto, como nos ilustra a personagem Quelemente, do conto “Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá” (OLIVAL, 2005, p.62).

Com efeito, essa obra recebeu vários elogios, inclusive de Monteiro Lobato em uma carta publicada nos jornais da terra e de todo o Brasil e de Alceu Amoroso Lima, que publicou um artigo de enorme repercussão em *O Jornal* do Rio de Janeiro, sob o pseudônimo de Tristão de Athayde. Nas palavras de Élis (1997, p. 99) “a partir daí, eu estava com minha vitória assegurada e novos artigos assinados da literatura nacional fizeram-se ouvir.” Contudo, é indubitável que tais publicações deram a *Ermos e Gerais* um grande reconhecimento não só na literatura regional, mas na literatura nacional e até mesmo internacional.

Assim, reiterados alguns traços marcantes da obra *Ermos e Gerais*, convém, agora, apresentar mais algumas marcas significativas no que se refere aos componentes da narrativa,

a saber: o foco narrativo, personagem, tempo, espaço e enredo. Quanto ao narrador, o ser que conta a história, temos nos contos o narrador onisciente em terceira pessoa – aquele que sabe tudo sobre a história, inclusive o pensamento das personagens, como podemos ver em “Nhola dos Anjos e a Cheia do Corumbá”:

Quelemente sentiu um frio ruim no lombo. Ele dormia com a roupa ensopada, mas aquele frio que estava sentindo era diferente. Foi puxar o baixeiro e nisto esbarrou com água. Pulou do jirau no chão e a água subiu-lhe ao umbigo. Sentiu um aperto no coração e uma tonteira enjoada. O rancho estava viscosamente iluminado pelo reflexo do líquido. Uma luz cansada e incômoda que não permitira divisar os contornos das coisas. Dirigiu-se ao jirau da velha. Ela estava agachada sobre ele, com um brilho aziago no olhar (ÉLIS, 2005, p.7).

Nesse trecho, percebe-se o quanto o narrador conhece as personagens, seus sentimentos e suas reações. A descrição minuciosa do narrador não só nos apresenta um retrato físico e psicológico das personagens, como também uma imagem exuberante do espaço.

Esse tipo de narrador, por conhecer profundamente o íntimo das personagens, permite certas intromissões sem ceder diretamente a palavra a uma personagem, ou seja, o narrador intercala o que conta com partes da fala da personagem, reproduzindo o seu fluxo de consciência através do discurso indireto livre. É o chamado monólogo interior – “uma personagem fala ou pensa sozinha” (CAMPEDELLI, 2001, p.360), um recurso muito usado por Bernardo Élis nessa obra, como mostra o fragmento a seguir:

As varejeiras que andavam esvoaçando pela carne-seca de riba dos varais da cozinha e por cima dos pacotes de tocinho preferiam botar seus ovos no corpo do demente. Ninguém cuidava dele. O baiano agora descobriu que havia em seu corpo um “isprito munto marvado demais”. Era o “isprito” de Antônio Conselheiro, de Canudos (ÉLIS, 2005, p.105).

Pode-se observar nesse fragmento da novela “André Louco”, a fala da personagem (entre aspas) entremeada na voz do narrador. Baiano, personagem que faz uma brincadeira de mau gosto com André, colocando-lhe um colete de couro cru, defronta-se com a consequência de seu ato ao ver as varejeiras tomando o corpo do rapaz e certifica-se que as larvas são uma espécie de espírito maléfico, caracterizando assim, o monólogo interior. Cabe salientar que a pretensão do autor em mencionar o nome de Antônio Conselheiro, não foi uma eventualidade. Assim como André, Antônio Conselheiro foi considerado pela imprensa dos primeiros anos da República e por muitos historiadores como um “louco”, por lutar contra o exército republicano.

Além desse tipo de narrador, encontramos na contística de Bernardo Élis o narrador em primeira pessoa, algumas vezes como protagonista (personagem principal) da história como é o caso do conto “O louco da sombra”:

Foi quando assomou à janela do quarto um vulto humano, alto. Tinha no rosto o cinismo paralisado das estátuas. Envolvia-lhe o rosto, sujando-o, a viçosa moita de capim de sua cabeleira e barba. Só os olhos viviam. Brilhavam na cintilação vítrea dos alucinados. Pulou a janela, olhou para mim um momento e em seguida fitou a sombra dele mesmo na parede. Arregalou, então, muito os olhos (ÉLIS, 2005, p.145).

O narrador-protagonista é um viajante que relata como foi a sua hospedagem na fazenda do Sr. Carlos. Ele conta que durante a noite aparecia um vulto, uma sombra, que “de vez em quando dava uns grunhidos trágicos” (ÉLIS, 2005, p.144). Essa sombra era de Luiz, filho do fazendeiro, que por ser impedido pelo pai de casar-se com a prima, enlouquece de amor, vagando como um errante pela noite.

Em “As morféticas” o narrador também atua como protagonista da história, o que dá ao conto um tom memorialista. Conta-nos o caminhoneiro (o autor não menciona o nome), que viajava em um caminhão carregado de sal em direção a Goiás. Por um infortúnio da vida, o carro estraga e então procura refúgio em um rancho na beira da estrada. Ao chegar na casa, depara-se com quatro morféticas, “quatro espertos vestidos de xadrez, apalermados ante a luz forte. Tinham as faces encaroçadas, as orelhas inchadas, tumefactas, uns tocos de dedos retorcidos e engelhados, o crânio pelado e purulento” (ÉLIS, 2005, p.245). Vendo a imagem grotesca das mulheres leprosas, sai desesperadamente do local, sem saber se o que viu era de fato real ou uma alucinação.

Na maioria das vezes, o narrador em primeira pessoa apresenta-se como um personagem secundário, que interage com a personagem principal nas mais diferentes formas. Encontra-se este tipo de narrador nos contos: “Um duelo que ninguém viu” – o narrador aparece como um amigo do coronel; “André Louco” – o narrador é um menino, vizinho de André que o observa e relata os acontecimentos; A crueldade benéfica de Tambiú – o narrador apresenta-se só no final do conto, como amigo de Nequinho; “Trecho de vida” – o narrador não é um conhecido de Sá Babita (personagem principal), apenas alguém que conversa com ela por alguns minutos em um cemitério; “O caso inexplicável da orelha de Lolô” – o narrador é um amigo de Anísio, que o acompanha na viagem até à fazenda.

Raras vezes, deparamos com o narrador em primeira pessoa como mero observador dos fatos, ou seja, aquele que narra a história sem participar dela. Geralmente é um narrador que conta um caso que presenciou ou ouviu, algo que está na sua lembrança. Por isso, a

predominância do tempo psicológico. Para exemplificar essa espécie de foco narrativo, citamos o seguinte trecho do conto “Um assassinato por tabela”:

No escuro da cozinha mal alumada pelas labaredas do fogão que as trevas esmurravam, tio Benício contava [...]. Entretanto, por conveniência, tio Benício não dera ouvidos aos boatos, com receio de constatar a parte de verdade que havia neles. Era mais prático enganar-se. Foi assim que, naquela Sexta-Feira Santa, estava o probo sertanejo tirando uma soneca no quarto, quando viu Ramiro entrar sorratamente. Benício fez que dormia, mas ficou vigiando o bruto com o rabo dos olhos (ÉLIS, 2005, p. 129, 132).

Nota-se que o protagonista da narrativa é Benício, mas quem conta a sua história é o seu sobrinho, cujo nome não aparece. Ele relata que Benício, era um fazendeiro do norte de Goiás que havia se casado com Fulô há uns cinco anos, “uma baiana quente e esperta” (2005, p.131). Certo dia, Benício percebe que Ramiro, um cantor bastante conhecido por aqueles arredores, estava tendo um caso com Fulô. A princípio, a situação da traição alimentava o seu desejo libidinoso, passando a achar sua mulher cada dia mais bonita, mas com o passar do tempo, o adultério praticado por Fulô o atribulava incessantemente, a ponto de descobrir o plano cruel dos amantes: eles tramavam matar Benício. Sabendo de como arquitetavam sua morte, Benício se faz passar pelo amante e leva Fulô a um “mato, duas léguas da casa” (2005, p.135), local em que Ramiro estava amarrado em um angico e, em seguida, a obriga matar o amante.

Em “O erro de Sá Rita”, o foco narrativo é construído de forma semelhante ao conto anterior. O narrador nos conta uma história que o seu tio lhe contou: “Era como o tio tenente dizia sempre: – Rita é uma desmancha-prazeres. Ela própria reconhecia isso, mas que havia de fazer? Era sorte” (ÉLIS, 2005, p.217). Trata-se de uma menina que nasceu de uma aventura amorosa, foi abandonada pelo pai – um estudante que desaparece assim que recebe a notícia da gravidez, e desamparada pela mãe – no momento do parto sua mãe morre, ficando aos cuidados dos avós. Por causa dessa má sorte, ou desse erro, como diz o narrador: “O seu erro foi aparecer naquele amor” (2005, p.217), Rita era desprezada por todos da família, era considerada como um estorvo. Até no dia de sua morte, que deveria ser celebrada com respeito, é comemorada por todos com grande alegria por ser o dia do aniversário centenário da cidade.

Feitas essas observações sobre o foco narrativo, pode-se inferir que Bernardo Élis utiliza em seus contos narradores com atuações variadas, operando ora em um tempo psicológico, ora cronológico. Valendo-se dos recursos próprios da narrativa oral enreda histórias com temáticas diversas, inseridas em um espaço sertanejo e fundamentadas na realidade goiana. De uma forma geral, são narradores que nos dão notícias de casos que

aconteceram nessa região, de lendas que se impregnaram na cultura goiana, como no conto “O inexplicável caso da orelha de Lolô”, de pessoas que viviam ali, naqueles “ermos e gerais”.

Sobre as personagens que compõem a obra, Riedel (1997, p.129) reitera: “Os personagens ou são de “homências”, dominadores, ou são dominados, animalizados pela subserviência, pelo subdesenvolvimento, pelo aniquilamento”. São peões, tropeiros, caminhoneiros, viajantes, padres, coveiros, doentes mentais, criadas, ciganos, cantores, fazendeiros, pequenos comerciantes, médicos, delegados, soldados, coronéis e, em grande maioria, simples moradores de pequenos ranchos. Personagens que vivem em um profundo isolamento nos sertões decadentes de Goiás e, por isso, são desumanizados, animalizados, como se pode ver no conto “A mulher que comeu o amante”:

Era velho, enxuto de carnes e de olhar vivo de animal do mato [...]. Precisava achar um desculpa, um pé qualquer para justificar seu crime e começou a nutrir um ódio feroz pelo velho [...]. É que no fundo do rio, entre os garranchos, estava o esqueleto limpinho, alvo, do Januário [...]. A caveira ria cinicamente, mostrando os dentes sujos de sarro, falhados pela velhice, com um chumaço de barba na ponta do queixo [...]. Camélia era prática. Atirou a baeta n'água, pegou logo um dúzia de piranhas fresquinhas. Quando estavam comendo os peixes assados no borralho, ela, alegre, ponderou que nunca haverá comido piranha tão gostosa: - A mó que tão inté sargada, Izé! O primo sentiu aquele calafrio e riu amarelo, só com o beijo de cima (ÉLIS, 2005, p.109, 112, 114,115).

Temos no conto três personagens: Januário, Camélia e Izé da Catirina. Januário era um velho roceiro, que deixou sua mulher em Xiquexique e foi morar com Camélia, uma jovem baiana, em um rancho às margens de um afluente do rio Santa Teresa. Viviam ali, naquela “vidinha cotidiana”, até o momento que aparece Izé, primo e ex-namorado de Camélia. Camélia, cansada daquela vida rotineira, resolve reafirmar o seu namoro com Izé, incitando-o a matar Januário. No intuito de satisfazer os desejos da namorada, Izé joga Januário em um poço cheio de piranhas. Camélia, sentindo uma vontade enorme de comer algo salgado e, ainda, de comemorar o ocorrido, pesca as piranhas (que comeu Januário) e as devora com imenso prazer. O amante, ao ver tamanha frieza, sente-se ameaçado e começa a se perguntar: “E se daí a alguns dias a prima resolvesse comer piranha salgada novamente, quem será que ia pro poço?” (ÉLIS, 2005, p.115).

Esse conto apresenta fortes características de animalização e canibalismo, o que é evidente na atitude de Camélia em “comer Januário”, ou seja, ela come as piranhas que comeram a carne do amante. Vê-se, com clareza, o instinto selvagem de Camélia, que acaba

sendo desumanizada por influência do meio ambiente, profundamente brutalizada pelo isolamento daqueles sertões goianos.

Dessa forma, pode-se dizer que Camélia é uma anti-heroína, já que se extravia do que seriam os atributos morais da heroína, entregando-se completamente aos seus desejos carnis. É ela que propõe o crime, como se pode constatar no seguinte excerto: “Foi Camélia que propôs um dia: - Bamo mata o cujo?” (ÉLIS, 2005, p. 113). Suas reações na narrativa são tão inesperadas, como é próprio da personagem redonda, que nos causam horror, espanto, como em “Ela teve nojo, quis cuspir fora, mas estava com tanta saudade de comer sal que resolveu engolir [...]. Já de tardinha, Camélia teve a feliz lembrança de preparar uma janta para festejar o grande dia” (2005, p.114).

Interessante notar que a descrição do espaço prenuncia o fim trágico do personagem:

Ergueu o rancho de palha naquele lugar brutalizado pela paisagem amarga e áspera [...]. Quando ventava forte mesmo, a serra pegava a roncar, a urrar soturnamente feito sucuris, feito feras [...]. Pois é mesmo, nesse calcanhar-de-judas, nesse lugar que apresentava uma beleza heroicamente inconsciente de suicídio – aí mesmo apareceu um conterrâneo de Januário (ÉLIS, 2005, p.109, 110, 111).

Esse tom trágico do conto, esse humor negro é planejado e executado com maestria por Bernardo Élis. Há uma perfeita conexão entre espaço, amor, ódio, assassinato, desejo, ócio e morte, uma relação que pode ser sentida pelas modulações e peculiaridades de situações narradas em uma linguagem, por vezes culta e poética, por vezes popular e rural.No dizer de Miguel Jorge (2005, p. 89), os personagens são desenhados “dentro de uma realidade hostil onde predomina a monotonia de um tempo regido pelo sol ou pela chuva e em que a imaginação associa-se a manifestações de lirismo aliado à forte sobrecarga de tragicidade”.

Outros contos também se enquadram nesse clima de crueldade e bestialidade. Em “O caso inexplicável da orelha de Lolô” temos também um triângulo amoroso, composto por Anísio, Branca, sua grande paixão, e o negro Lolô, um agregado da fazenda. Anísio, ao descobrir o envolvimento de Lolô com a sua prima Branca, arranca-lhe as orelhas e as coloca em um caixa no porão da casa. Lolô, pouco antes de morrer, promete a Anísio que voltaria caso Branca fosse molestada por ele. Para se vingar, Anísio prende Branca no porão, antigo reduto de escravos, e coloca uma cobra para picá-la e matá-la. Momentos depois, a profecia de Lolô se cumpre: sua orelha metamorfoseia-se numa urutu, que pica e mata Anísio.

Observa-se que Lolô possui duas naturezas, a humana e a animal. A ligação dessas duas propriedades em um só personagem é sugestiva, trazida para ilustrar a imagem do negro naquela época. Havia uma tendência em relacionar o negro a um animal selvagem e, por isso,

eram constantemente explorados, humilhados e torturados, impedidos de se unirem aos brancos, como está explícito no conto: Lolô era um trabalhador rural, explorado pelos donos da fazenda, impedido de se relacionar com Branca (nome também sugestivo) e cruelmente torturado por Anísio. Para retratar essa dualidade do personagem, Bernardo Élis faz uso das técnicas da narrativa fantástica, traçando escabrosas cenas sobre o caso sobrenatural da orelha de Lolô que, inexplicavelmente, metamorfoseia-se em uma cobra.

Em “A virgem santíssima do quarto de Joana”, “Pai Norato” e em André Louco, repetem-se as mesmas características reiteradas nos contos anteriores. O narrador do primeiro conto relata a história sofrida e trágica de Joana, uma menina que foi acolhida na casa do coronel Rufo para fazer os serviços domésticos. Seduzida por Dedé, filho do coronel, e grávida dele, é forçada a se casar com o coveiro, um homem bêbado, estranho, envolto de mistérios e casos sobrenaturais: “ – O coveiro come menino no sumitério”, - contava a preta que lavava roupa para a casa do coronel” (ÉLIS, 2005, p.161). Tempos depois, Joana engravida do coveiro e dá a luz ao segundo filho, “um pedaço de carne, uma caricatura humana, um monstro asqueroso” (2005, p.166). Por ser um menino de estranha aparência, Bento sente ciúmes do filho de Dedé, que era saudável e formoso e o mata. Joana, impulsionada por seu instinto maternal, abraça-se com o seu filho e morre. O coronel, sabendo da notícia, manda chamar Dedé, que formara-se em medicina, para socorrê-los. Não sabendo que se tratava de Joana e de seu filho, Dedé só a reconhece no momento em que vê em seu quarto o retrato da virgem santíssima que ficava na parede da casa do coronel.

Mais uma vez, o trágico, o grotesco e o bestial aparecem imbricados na estrutura narrativa desse conto. A desumanização do homem é representada pela figura do coveiro e de seu filho, ambos tipificados como monstros. Instaure-se através dessas figuras um clima de opressão: Joana sente-se profundamente oprimida em ser esposa de um “comedor de anjinhos” e em ser mãe de um “ser repugnante”. Além desse ícone opressor, há também a presença do coronel, que de uma maneira desumana e cruel determina o destino da personagem principal.

Já no conto “Pai Norato” o elemento opressor é a natureza, que desumaniza o personagem principal a ponto de ser confundido (pelo leitor) com um animal, como é possível verificar no fragmento a seguir:

Apreendeu a dominar as antas e as onças com seu olhar de faquir. Levava caça aos gatinhos de suçuaranas entocados nas moitas de tabocuçú. Quando as sombras sacudiam as asas viscosas no seio da mata, os olhos de pai Norato pegavam a crescer [...]. E os olhos arregalados do asceta destilavam uma luz violácea que adormentava a bicharada. A onça esturrava e o monge saía com passo firme por entre os troncos respeitáveis [...]. Havia uma

política porca, uma luta brutal pela vida, humanamente brutal. [...]. Tornava a reboar o tantã do tronco, num ronco rouco, generoso, que subia pelo alto feito um fumo sagrado. Pai mergulha à luz policroma (ÉLIS, 2005, p.230, 231).

A narrativa desenvolve-se em torno das ações e dos desejos de Pai Norato, que por ter esfaqueado um rapaz na sua mocidade, foge para os becos do sertão, isolando-se no meio do mato, local em que estabelece um pacto com os bichos e pratica a abstinência. Vive ali, isolado do homem e rodeado por aqueles animais, até o momento em que, a pedido de seu afilhado, resolve sair daquele anonimato e ir morar com ele, a mulher e o filho, na cidade. No intuito de ter relações com a sua mulher, mata o seu filho e o próprio afilhado e, em seguida, volta para o meio do mato, onde acaba sendo morto por uma suçuarana.

Em “André Louco”¹⁵ temos outro personagem animalizado e altamente dessacralizado. André, por ser um doente mental é tratado como um animal, muitas vezes como o próprio “coisa-ruim”, como se pode ver nos fragmentos a seguir: “André gritava o que dava o dia e a noite. Aqueles gritos horríveis, irracionais e dolorosos” (ÉLIS, 2005, p.23); “João, pelo amor de Deus, espante esse coisa-ruim. O diabo já não deixa ninguém descansar” (2005, p.25). Há, portanto, uma seleção de palavras que caracterizam esse personagem, um repertório vocabular que aproxima o seu comportamento e suas atitudes ao comportamento animal e, até mesmo, herético.

Vale ressaltar que a história de André é narrada por um menino que relata acontecimentos conhecidos sob a ótica da novela. Segundo Marchezan:

As personagens da novela vivem um contraste entre momentos dramáticos. A ação da novela, a sua composição, é, assim, multiforme; contém várias unidades dramáticas, correlatas, que se sucedem; inclui “núcleos dramáticos” e, desse modo, justapõe as preferidas cenas rápidas do ficcionista [...]. Ao lado da tensão provocada pela loucura de André, da presença dos adoradores da noite ou de meros agouros que a mesma noite traz, as personagens da novela mostram-se dramáticas, divididas, duplas: João, dono de uma venda, mostra-se ora bondoso, ora avarento; sua mulher, Zefinha, com dores que vêm e vão; Antão, arrieiro valente, seguro, faz-se também bravateiro; sá Maria Lemes, religiosa fervorosa, passa a depender do demente, e se afoga, “em verdadeira orgia piedosa”. Todas essas personagens estereotipadas, como requer uma novela, constituem-se em agentes de pequenas peripécias, situações em que o tempo, encadeado, homogêneo, flui, de forma linear, atendendo à sucessão dos episódios enovelados (MARCHEZAN, 2005, p. XXV).

Corroborar-se, então, que “André Louco” é construído nos moldes da novela. É um tipo de texto que possui uma narrativa dinâmica e dramática concentrada em várias ações, ou seja, não se atém em analisar personagens, tampouco gira em torno de uma única ação, como é

¹⁵ “André Louco” é uma novela publicada, primeiramente, ao lado dos contos de *Ermos e Gerais*, em 1944 e, posteriormente relançada em 1978, como um conto independente (MARCHEZAN, 2005).

comum nos contos, o seu foco principal é a ação, ou melhor, as ações que engendram cenas rápidas e ininterruptas, provocando toda sorte de sensações no leitor.

No entanto, pode-se dizer que André é o pivô desses núcleos dramáticos. Segundo o narrador, desde a sua mocidade possuía “um gênio insuportável” (2005, p.21), um comportamento assustador e, ao mesmo tempo ameaçador. Os moradores da cidade nutriam um medo amorfo por ele, principalmente quando foram constatados seus primeiros assassinatos, razão que os levou a criar superstições, mitos e casos assombrosos sobre a figura de André, como em: “De noite, assombrava a cidade com os urros. No silêncio de desespero da cidade desfalecida de atraso e trevas, o grito rouco de André acordava assombrações e pesadelos” (2005, p.24). Por se tornar um elemento opressor naquela cidade, André é preso e tempos depois é levado para o sítio onde moravam seus irmãos, já que fugia com frequência da cadeia, aterrorizando a cidade. Lá, André, torna-se oprimido, cruelmente violentado por trabalhadores e por visitantes que por lá passavam e, tragicamente morto. Observa-se este trecho:

No sítio, os irmãos de André prendera-no ao moirão do curral, pela corrente que ele trazia ao tornozelo. Ali passava o dia inteiro gritando, arranhando o chão, andando em torno do toco. Ali defecava, mijava. Ali caíam detritos alimentícios. Tudo isso formava uma lama fedorenta, em que o Louco chafurdava [...]. Vinha gente de longe para ver André. O sítio vivia entupido de gente e em torno do moirão sempre havia uma rodinha batendo papo, como no comércio. O menino, entretando, tinha horas, se enjoava da pasmageira e, para quebrar a monotonia, pespegava umas lambadinhas no demente. André enfurecia-se, dava pulos, corria para o lado do menino, a fim de o alcançar [...] Vivia nu, ao relento, debaixo do sol e da chuva, debaixo do frio nevoento do fim de seca [...]. Por uns três dias, André, moído de pauladas, não podia nem se mexer, tomando salmoura, que lhe metiam pela boca semi-aberta. O calor da cozinha, porém, foi secando o colete. O couro deu de encolher-se, comprimindo as costelas do louco, espremendo-lhe os bofes. André berrava que era um gosto. Depois levantou-se, dando pulos, querendo subir pelas paredes [...] E o baiano içou André pela corda. Lá ficou pendurado pelas costas, feito um polichinelo diabólico, esperneando no ar, bracejando inutilmente, gemendo da dor que a pressão das costelas lhe causava [...]. As varejeiras que andavam esvoaçando pela carne-seca de riba dos varais da cozinha e por cima dos pacotes de tocinho preferiram botar seus ovos no corpo do demente [...] O dia inteiro havia resmungo de rezas na casa dos irmãos de André, terços pelas vizinhanças [...]. Assim é que, quando certa vez os irmãos acordaram, foi com o corpo do demente fervendo de coró, feito um pacote de toucinho zangado [...] o baiano arriou aquele bagaço de corpo, repartiu entre o pessoal – umas quinze pessoas, - uns cuitezinhos contendo cada um um bocado de creolina marca Pearson [...]. – A bichera tá tudo morta, - exclamou o baiano. E com elas André, Santo André Louco, mártir, orai por ele (ÉLIS, 2005, p. 102, 103, 104, 105,106, 108).

Perante essas descrições é que comprovamos o quanto André é desumanizado. A animalização e a dessacralização é tão forte que nos causam além da piedade humana, a repugnância, o nojo. É esse conjunto de imagens grotescas que faz desse texto uma célebre novela, que foi mais tarde adaptada para o cinema, ganhando grande repercussão. Conforme explicita Calage (2005, p.154): “*André Louco* foi selecionado para o Rio Cine Festival e concorreu com outras 400 produções internacionais, conquistando lugar entre os dez melhores, no festival de Locarno, Suíça, também em 1990.”

Outro elemento marcante nesses contos é a morte, na maioria das vezes provocada por assassinatos. São histórias que se fecham tragicamente e nos revelam a vida sofrida daqueles habitantes dos “ermos e gerais”. Além desses, outros contos também apresentam essa marca bernardina, como em: “Um duelo que ninguém viu” – é a história de tropeiro, um agregado do coronel, que envolve em uma briga com um amigo de tropa e o mata. Tempos depois, morre em um pagode; “A crueldade benéfica de Tambiú” – inicialmente, o narrador nos conta as confusões, as brigas e os assassinatos de Tambiú, um soldado perverso. No final do conto o trágico transforma-se em cômico. Esta mudança se dá quando Tambiú atira no olho de Nequinho, que por sua vez, usa esse revés para ganhar dinheiro em um circo com o seu olho de vidro; “Trecho de vida” – é o relato de uma mãe em um cemitério, lamentando a morte de seu filho; “O menino que morreu afogado” – mostra-nos a cena de um menino que se afogou no rio e morreu; “O engano do seu vigário” – é o caso de um vigário, que por ter deficiência visual, confunde um acampamento de ciganos com uma teia de aranha. Em meio essa confusão, o narrador relata o suicídio de uma cigarinha daquele acampamento, que por enganar as pessoas passando-se por uma vidente, imagina que o seu próprio futuro será tenebroso, por isso toma formicida e morre; “O diabo louro” – é uma narrativa agressiva e cruel sobre Chico Brasa, um revoltoso que lutava contra o governo Artur Bernardes. Era um homem que praticava toda sorte de violência, por isso, é morto pelos legalistas; “O papagaio” – é a história de um papagaio de Sinhana, que foge e momentos depois é encontrado morto no fundo do rancho.

Vê-se que a violência também está explícita nas histórias de Bernardo Élis. Em “Papai Noel ladrão”, deparamos com a história de um menino, cruelmente castigado e violentado pela mãe por ter colocado o sapato dela na janela para o Papai Noel que, imprevisivelmente, foi carregado por um cachorro. Assim como em “Cenas de esquina depois da chuva”, uma moça que foi impiedosamente enlameada por uns rapazes enquanto desfilava pelas ruas com o seu vestido novo. Todos esses traços revelam a criatividade de Bernardo Élis em unir em uma

só obra o trágico, o grotesco, o brutal e o sobrenatural, uma interessante fusão, cuja finalidade é ressaltar a degradação física e moral daquelas pessoas que viviam nos sertões de Goiás.

Em se tratando do espaço, percebe-se que ora desempenha a função de situar a personagem, como é o caso do conto “Noite de São João” em que o velho Jeremias relembra nessa mesma ocasião (a festa junina) seu encontro com Anica, uma antiga paixão. Ora exerce um papel de provocador da ação, ou seja, destina-se muitas vezes a influenciar nas atitudes das personagens, como nos elucida o conto “Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá”. Este conto relata a história de Nhola dos Anjos, uma mulher já velha e entrevada, que morava em um rancho com seu neto e seu filho Quelemente às margens do rio Corumbá. Viviam ali, isolados, lutando pela sobrevivência naquele ermo temível e inaudito até que um dia uma enchente inunda toda a casa. Quelemente, numa reação de luta contra os desvarios da natureza, improvisa uma jangada com a porta do rancho que boiava nas águas e algumas taquaras, colocando em cima a mãe e o filho. “E o Chulinho? – perguntou o menino, mas a única resposta foi mesmo o uivo do cachorro” (Élis, 2005, p. 8). Os três vão em direção ao riona tentativa de alcançar a outra margem ou um barranco que lhes desse guarida, mas uma forte correnteza derruba Nhola na água. Presa ainda à jangada por uma mão, Quelemente atira “um coice valente na cara aflissurada da velha Nhola” (ÉLIS, 2005, p.11), temendo que a embarcação pudesse virar. Logo, em seguida, percebe que o lugar que sua mãe havia caído era raso e sabendo que não podia se salvar por ter as pernas entrevadas, Quelemente atira-se na água e morre afogado.

Considerando o espaço como um elemento significativo na construção de uma narrativa, nota-se que Bernardo Élis, nesse conto, deu prioridade a esse componente. O espaço é construído em consonância com o desenvolvimento do enredo e com as ações das personagens, ou seja, é ele que desencadeia os fatos e influencia nas atitudes e no comportamento das personagens e, até mesmo, prenuncia o seus destinos, como se observa nos trechos a seguir: “Uma noite que vinha vagarosamente, irremediavelmente, como o progresso de uma doença fatal” (ÉLIS, 2005, p.4); “A noite era feito um grande cadáver, de olhos abertos e embaciados” (ÉLIS, 2005, p.6).

O narrador em terceira pessoa nos apresenta uma série descrições físicas do espaço para, por meio dele e de seu poder, contrastar e ressaltar a impotência de uma família, que se aniquila diante das “águas escachoantes, rugindo, espumando, refletindo cinicamente a treva do céu parado, do céu defunto, do céu entrevado, estuporado” (ÉLIS, 2005, p.12). Vê-se, portanto, que a família Dos Anjos é excessivamente oprimida pela força da natureza: é

forçada a sair de casa por causa da enchente e condicionada a comportamentos e situações inusitadas, como o seu próprio destino trágico.

Isso significa dizer que o espaço dimensional (físico/real/externo) leva ao não dimensional (psicológico/virtual/interno), uma vez que a narração desse conto promove uma situação em que o leitor imagina, por meio das descrições da natureza, o perfil do ser fictício, bem como suas ações e seu destino, ou seja, assim como “as águas roncavam e cambalhotavam na noite escura que cegava os olhos, varrida de um vento frio e sibilante” (ÉLIS, 2005, p.10), as personagens também estavam em um estado de turbulência, angústia e desespero, temendo as fortes correntezas e a aproximação da cachoeira, isto é, temiam a morte. Neste ponto, é válido destacar que a “noite” faz acepção ao medo, à aflição da alma humana, à angústia presente num povoado dos ermos e gerais e o “rio” é um agente opressor, um fator de “desgraça”, que aflige a família Dos Anjos durante todo o desenrolar da narrativa e, no final, a destrói.

Assim, ao representar a vida humilde e reclusa de Nhola e de sua família, Bernardo Élis constrói um espaço personificado, com características humanas, o que pode ser verificado nas duas ocorrências a seguir: “Agora a gente só ouvia o ronco do rio lá embaixo – ronco confuso, rouco, ora mais forte, ora mais fraco, como se fosse um zunzum subterrâneo” (ÉLIS, 2005, p.4); “capaz de os salvar daquele estrugir encapetado da cachoeira (2005, p. 10). Por outro lado, o autor animaliza as personagens, ou seja, atribui comportamentos selvagens e atitudes inusitadas, como comprova o seguinte trecho: “Quelemente atira “um coice valente na cara aflissurada da velha Nhola” (2005, p.11). Desse modo, espaço e personagem encontram-se imbricados: de um lado o opressor, do outro o oprimido.

Portanto, pode-se afirmar que a opressão vivenciada pela família Dos Anjos e o sofrimento de que ela é vítima são frutos do contato com a realidade rude do sertão e com a situação precária de sobrevivência. A própria figura de Nhola: a imagem de um rosto “macilento”, enrugado e triste, a descrença e o desânimo diante da impossibilidade de tomar uma atitude diante das “desgraças naturais”, revela o estilo e as condições de vida que possuía. Não por acaso, a narrativa encaminha-se para um desfecho trágico: Quelemente, com remorso de ter matado a mãe, se deixa afogar nas águas do rio, gritando por ela. Isto implica dizer que a narrativa tem como conclusão final um crime e o rio por testemunha, o que já era previsto desde os primeiros parágrafos do texto através da caracterização dos elementos espaciais, como já foi mencionado. Contudo, o espaço nesse conto concorre para plasmar não só a ambiência do sertão goiano, mas também o perfil físico, psicológico e social do homem sertanejo.

Enfim, todas essas características ratificadas em *Ermos e Gerais* mostra-nos a grandeza dessa obra: o seu extremo valor literário e, particularmente linguístico. É um trabalho intencional criado a partir de dados do mundo real, matizado por meio dos recursos próprios da literatura e modulado por meio dos artifícios da linguagem. É, sem dúvida, uma verdadeira obra prima, que alavancou definitivamente a trajetória artística de Bernardo Élis, alcançando um *status* privilegiado na literatura brasileira.

Assim, analisar o léxico rural em uma narrativa ficcional, principalmente como a de Bernardo Élis, nos faz refletir sobre a importância desse componente linguístico na história e na cultura de um povo e, sobretudo, a relevância dessa herança vocabular na história da nossa língua, uma vez que se constitui como um verdadeiro patrimônio linguístico de Goiás.



Foto nº 5: Tucano no pé de mamão (acervo particular)

III PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo destina-se à descrição da metodologia utilizada para a seleção, sistematização e análise dos dados, aplicáveis numa sequência específica em consonância com o *corpus* de análise e com o tipo de aporte teórico que fundamenta a pesquisa, a saber: a Lexicologia e a Lexicografia. A seção ainda descreve os critérios adotados para a elaboração do Glossário e os elementos que compõem sua macro e microestrutura.

3.1 A coleta de dados

Inicialmente, realizou-se o levantamento das construções linguísticas que no contexto especificam o léxico rural por meio de leituras dos contos. Essa primeira seleção foi feita a partir das experiências adquiridas no convívio com familiares (avós maternos) ainda residentes em um ambiente rural (interior de Goiás), por sua vez, provenientes de uma cultura rural e falantes de uma linguagem rural, o que propiciou a identificação das lexias rurais.

Esse método adotado para a coleta dos dados teve uma importância capital na realização desta pesquisa, tanto no que diz respeito à identificação das lexias como na elucidação dos sentidos que cada uma possui no contexto da enunciação. Porém, esse único procedimento não foi suficiente para abarcar todos os dados possíveis, já que por costume havia possibilidade de inventariar vocábulos atualmente inseridos no léxico geral da língua portuguesa ou mesmo excluí-los. Dessa forma, recorreu-se em fontes lexicográficas a existência da forma coletada, a fim de validar os dados hauridos em primeira análise. Foram selecionados: o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2010), obra de referência nos estudos lexicográficos de língua portuguesa que apresenta um vasto repertório lexical, e o *Dicionário do Brasil Central – subsídios à Filologia* de Bariani Ortêncio (2009), obra que traz grande número de vocábulos, expressões e modismos próprios da região Centro-Oeste do Brasil.

3.1.2 A escolha dos dicionários

O *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2010) foi selecionado por dois motivos: por ser uma obra de grande reconhecimento nos estudos lexicográficos de língua portuguesa e, principalmente, por apresentar um número significativo de entradas, incluindo locuções, expressões e brasileirismos. A consulta a este dicionário propiciou não só a confirmação dos

dados coletados como unidades verdadeiramente constitutivas do léxico rural por meio das marcas de uso, como também a exclusão de certos dados, isto é, os vocábulos que não apresentavam essas marcas foram precavidamente excluídos por já fazerem parte do léxico geral da língua portuguesa.

Por outro lado, a escolha do *Dicionário do Brasil Central – subsídios à Filologia* de Bariani Ortêncio (1983) deu-se por ser uma obra que traz um grande número de vocábulos não dicionarizados no Aurélio, contendo termos, expressões e modismos próprios de variedades linguísticas usadas na região do Brasil Central. De acordo com Bariani Ortêncio:

Este Dicionário não é etimológico nem gramatical, pois seu autor não é etimólogo nem gramático. É apenas um pesquisador. Os estudiosos interessados é que cuidarão de pôr as coisas nos seus devidos lugares. Procuramos colocar toda a sabedoria popular criada ou conhecida na região, como os adágios, rifões, provérbios populares, anexins, ditos populares, aforismos, assim como todos os sinônimos de cachaça, vagina, meretriz, diabo e outros termos enriquecidos pela capacidade inventiva do povo. Todos os nomes das peças do carro-de-bois, do tear, das cercas, do engenho-de-cana, toda a medicina caseira, a culinária goiana, as frases filosóficas e engraçadas dos para-choques dos caminhões. Os nomes de todas as árvores, as plantas, as flores, os muitos capins, a fauna [...]. (ORTÊNCIO, 1983, p.VII).

Assim como Bernardo Élis, Bariani Ortêncio foi e ainda é um grande escritor de contos regionalistas, razão pelo qual se interessou em conhecer e registrar os vocábulos comumente usados pelo povo da região Centro-Oeste. Nas palavras do autor: “o presente trabalho é o resultado de sua curiosidade e de sua operosidade. A falta de dicionarização de muitas palavras [...] o levou a tentar-lhes o arrolamento num corpo de obra” (ORTÊNCIO, 2009, p.V). Daí a explicação do subtítulo *subsídios à Filologia*, expressão usada com o propósito de caracterizar a obra como matéria-prima de que se poderão valer doravante os especialistas no assunto.

Embora nascido em Igarapava, cidade paulista, Bariani Ortêncio (2009) redigiu a maioria dos seus contos e crônicas em um contexto totalmente voltado para temas goianos. Isto se deveu pelo fato de ter passado a maior parte de sua vida em Goiás – Goiânia (desde 1938) e, ainda se deve, por permanecer neste local até os dias de hoje.

Contudo, é possível afirmar que os dicionários escolhidos foram fundamentais para o esclarecimento das questões de pesquisa, bem como para o desenvolvimento e realização deste trabalho, pois forneceram subsídios necessários ao alcance do objetivo primordial: a elaboração do Glossário.

3.1.3 A descrição dos dados

Para a descrição dos dados adotou-se os seguintes procedimentos: 1) à medida que a leitura era realizada os itens lexicais eram transcritos em uma ficha de análise; 2) em seguida, verificou-se a existência da forma coletada nos dicionários; 3) posteriormente, procedeu-se a descrição das definições encontradas para as fichas de análise. É importante mencionar que foram estabelecidas algumas normas para a descrição, a saber:

1- Nem tudo foi registrado:

a) O alçamento das postônicas não foi registrado:

carni = carne

denti = dente

b) A ausência do “r” no final dos verbos, dos nomes e no meio dos vocábulos:

matá = matar; fala = falar; dizê = dizer; comê = comer

doutô = doutor

pá = prá

c) A redução dos ditongos [ou], [ei], [ai]:

dotô = doutor

premero = primeiro

d) Ausência do “m” final, desnasalização:

home = homem

e) Variação fonética do “s”:

mermo = mesmo

memo – mesmo

f) O alteamento /abaixamento das pretônicas:

Deferente = diferente

imbigo = umbigo

intojado = entojado

g) Iotização, grafando com “i”:

fio = filho

jueio = juelho

véiu = velho

h) Aglutinação, com apóstrofo:

pr’eu = para eu

dex’eu = deixa eu

2- Algumas formas de metaplasmos foram registradas, porém não explicadas.

enfincou = fincou

apois = pois

mecê = mercê

corgo = córrego

Procurou-se seguir as indicações acima para a descrição das lexias rurais encontradas nos contos de *Ermos e Gerais* de Bernardo Élis, com a finalidade de dimensionar a extensão do inventário de modo a apresentar um arranjo de itens suficientemente abrangente no que se refere ao léxico rural da obra em questão.

Com o propósito de apresentar um estudo mais preciso e coerente dessas unidades lexicais buscou-se, ainda, descrever os dados a partir da noção de campos lexicais, ou seja, procurou-se distribuir as lexias em campos lexicais segundo marcas comuns de significações, conforme mostra a tabela a seguir:

<u>Macrocampo</u> Natureza	<u>Macrocampo</u> Sociedade	<u>Macrocampo</u> Atitudes/Características
<u>Campos léxicos:</u> flora/fauna; água; espaço físico/ relações espaciais; tempo/ relações temporais	<u>Campos léxicos:</u> alimentação; ocupações; saúde/doenças; tratamentos; crenças/costumes; produtos: materiais de construção, objetos, utensílios, coisas, instrumentos musicais/música; fazenda: ferramentas, transporte de pessoas/objetos e/ou animais, construções; quantidade/tamanho	<u>Campos léxicos:</u> estado; vontade; convivência; conhecimento; existência; sentimento; características; modo/explicação; movimento

Tabela 1: Exemplo da distribuição das lexias em campos lexicais

Acredita-se que a sistematização dos dados por meio do processo de agrupamento em campos lexicais favorece a identificação, a compreensão do sentido de cada unidade lexical, bem como a visualização das relações semânticas entre cada uma, o que facilita a elaboração de definições dos itens não dicionarizados.

3.1.4 A ficha de análise

Esta seção descreve a constituição da ficha lexicográfica utilizada para a sistematização e análise dos dados. Foram elaboradas 292 fichas, dispostas em ordem alfabética, contendo: *lexia*, classe gramatical, abonações e registro em dicionários. Segue o modelo:

Número da ficha – lexia (classe gramatical) _____
<i>Abonação</i>
Registro em dicionários
1. Aurélio:
2. Bariani:

Tabela 2: Exemplo da ficha lexicográfica apresentada no item 4.1 do capítulo 4.

Constituição da ficha:

- Ao lado esquerdo, colocou-se o número da ficha, o vocábulo apresentado para análise e, entre parênteses, sua classe gramatical, segundo o contexto em que se encontra inserido no *corpus*.
- No item “abonação” apresentou-se, em itálico, um recorte do trecho em que o vocábulo aparece no *corpus*, seguido do título do conto (abreviado), do número da página e da linha do parágrafo.
- Logo abaixo, no item “registro em dicionários”, procedeu-se a descrição das *lexias* encontradas nos dicionários. Quanto às *lexias* não encontradas, usou-se a expressão “n/e” (não encontrado). Vale ressaltar que as *lexias* registradas com um sentido diferente do empregado no texto, foram computadas como “n/e”.

Pode-se dizer que a ficha lexicográfica foi a base desta pesquisa. Por meio dela foi possível analisar cada *lexia*, se dicionarizada ou não, se rural ou pertencente ao léxico geral, as definições de cada uma no contexto, enfim, se seria incluída no glossário ou não. Portanto, este elemento contemplou os aspectos mais importantes para a realização do objetivo proposto neste estudo: o Glossário.

3.1.5 Macro e microestrutura do Glossário

O Glossário é composto por 292 lexias rurais retiradas dos contos constantes na obra *Ermos e Gerais* de Bernardo Élis. Para sua elaboração utilizou-se como referência o livro *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral (1920), obra de grande importância nos estudos dialetais de língua portuguesa no Brasil. Os verbetes nele empregado apresentam uma estrutura simples e categórica, razão pela qual optou-se por seguir a mesma organização. Assim sendo, o Glossário possui a seguinte estrutura:

- As entradas estão dispostas em ordem alfabética, em versalete e em negrito. São apresentadas da mesma forma em que aparecem no *corpus*, salvo os verbos que, por causa da diversidade de formas, preferiu-se colocá-los na forma infinitiva; e os substantivos e adjetivos no singular;
- após a entrada é indicado, entre parênteses, se o vocábulo é dicionarizado pelo Aurélio (A), pelo Bariani (B), ou se não é dicionarizado (n/d);
- em seguida, é exibida a classe gramatical por uma abreviatura. As abreviaturas e convenções estão dispostas em uma lista no final desta seção;
- após esses elementos, aparece a definição do vocábulo segundo o seu registro no dicionário. Quanto às lexias não dicionarizadas as definições são construídas de acordo com o significado que possuem no contexto da enunciação;
- posteriormente, é mostrado a abonação, ou seja, o trecho em que o vocábulo aparece no *corpus*, seguido do título do conto (abreviado), do número da página e da linha do parágrafo.

Segue um exemplo da forma do verbete no Glossário:

ARRIEIRO (B) s. Aquele que guia pelas estradas os animais de carga. “*Um arrieiro como esse que morreu, o Moisés, era bicho destorcido*”. (UDNV, p. 14, linha 8)

Abreviaturas e convenções

A – dicionarizado no Aurélio

A/B – dicionarizado no Aurélio e no Bariani

adj. – adjetivo

adv. – advérbio

B – dicionarizado no Bariani

conj. – conjunção

exp. – expressão

fig. – sentido figurado

interj. – interjeição

loc. adv. – locução adverbial

loc. s. – locução substantiva

n/d – não dicionarizado em nenhuma das obras consultadas

n/e – não encontrado

prep. – preposição

pron. – pronome

s. – substantivo

v. – verbo

Siglas para os títulos dos contos:

AM – As morféticas

AL – André Louco

CBT – A crueldade benéfica de Tambiú

CEDC – cenas de esquina depois da chuva

CIOL – O caso inexplicável da orelha de Lolô

DL – O diabo louro

LS – O louco da sombra

MCA – A mulher que comeu o amante

MMA – O menino que morreu afogado

NACC – Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá

NSJ – Noite de São João

OESR – O erro de Sá Rita

OESV – O engano do seu vigário

OP – O papagaio

PN – Pai Norato

PNL – Papai Noel ladrão

TV – Trecho da vida

UAT – Um assassinato por tabela

UDNV – Um duelo que ninguém viu

VSQJ – A virgem santíssima do quarto de Joana

No próximo capítulo, procede-se à descrição e a análise dos dados catalogados em fichas lexicográficas e, posteriormente, distribuídos em campos lexicais.



Foto nº 6: Manoel e Mariana no fogão caipira (acervo particular)

IV APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão apresentados os dados hauridos do *corpus* em fichas lexicográficas para fins de sistematização e análise. São 292 lexias dispostas em ordem alfabética e transcritas conforme mostram as regras já citadas na seção 3.1.3. Será exibida, ainda, uma análise quantitativa das lexias dicionarizadas e não dicionarizadas e uma análise lexical a partir da distribuição das lexias em campos lexicais.

4.1 As fichas lexicográficas

Segue a apresentação das 292 fichas, conforme já explicitadas na seção 3.1.4.

Ficha 1 – **A cavaleiro** (expressão) _____

“O rancho se erguia num morrote a cavaleiro de terrenos baixos e paludosos.” (NACC, p.5, linha 5)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 2 – **A miúdo** (locução adverbial) _____

“- [...] de o senhor vir na minha casa mais a miúdo.” (AL, p. 52, linha 28)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

A miúdo. “Miúdo. [Do lat. minutu, diminuído, por via popular.] Adj. 2. Amiudado, frequente [...] V. amiúde.”

2. Bariani: n/e

Ficha 3 – **A mó que** (locução adverbial) _____

“- A mó que tão inté sargada, Izé!” (MCA, p. 115, linha 6)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 4 – **À sanha** (locução adverbial) _____

“Entregar-se inerte à sanha do Louco, em holocausto da causa que defendia.” (AL, p. 75, 76, linha 30)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 5– **Abombados** (adjetivo) _____

“Só os cavalos abombados, aguados, aguachados.” (DL, p. 204, linha 16)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Abombar. Bras. S. GO. V. t. d. 1. Cansar, esfaltar, estafar (o cavalo), por imperícia. Int. P. 2. Suspender a marcha (o cavalo) por cansaço devido o calor; ficar abombado.

2. Bariani: n/e

Ficha 6 – **Abriu do pala** (expressão) _____

“Desse lugar, ameaçado de morte, porque o chefe não brincava mesmo, abriu do pala, indo sair num porto do Tocantins.” (CBT, p. 121, linha 6)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Abrir o pala. “Bras. S. Pop. V. fugir.”

2. Bariani:

Abrir o pala no mundo. “Fugir; ir-se embora.”

Ficha 7 – **Abriu o pé no mundo** (expressão) _____

“Aos 18 anos pai Norato deu uma facada num rapaz, num adjutório, e abriu o pé no mundo.”
(PN, p.229, linha 2)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 8 – **Adonde** (advérbio) _____

“– Adonde será que tá chulinho?” (NACC, p. 7, linha 17)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Adonde. “Adv. Ant. Pop. 1. Aonde.”

2. Bariani:

Adonde. “M. q. onde.”

Ficha 9 – **Aflissurada** (adjetivo) _____

“Quelemente segurou-se bem aos buritis e atirou um coice valente na cara aflissurada da velha Nhola.” (NACC, p. 11, linha 5)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Aflissurado. “1 Apressado. 2 Aflito.”

Ficha 10 – **Aguados** (adjetivo) _____

“Só os cavalos abombados, aguados, aguachados.” (DL, p. 204, linha 16)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Aguado. “Animal frouxo por aguamento.”

Ficha 11 – **Alimárias** (substantivo) _____

“As alimárias rinchavam e se escoicinhavam no curral ao lado...” (NSJ, p. 195, linha 11)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Alimária. “[Alter. Do lat. *animalia*, *animais*.] S. f. 2. Animal de carga.”

2. Bariani:

Alimal. “M. q. animal.”

Ficha 12 – **Aloite** (substantivo) _____

“Uma mão de aloite de feras.” (AL, p.21, linha 26)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Aloite. “S. m. Bras. SP C. Pop. Lida, esforço, luta.”

2. Bariani:

Aloite. “Luta de braços para se medirem forças.”

Ficha 13 – **Amoitada** (adjetivo) _____

“A onça estava com uma carniça de veado quente ainda amoitada nas folhas secas.” (PN, p. 235, linha 28)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Amoitado. “Adj. Bras. Escondido, ocultado.”

2. Bariani:

Amoitar. “Esconder.”

Ficha 14 – **Amolada** (adjetivo) _____

“Que diabo! – Levantou-se com a cara amolada.” (AL, p. 35, linha 22)

Registro em dicionários

1. Aurélio:
Amolado. “Adj. 2. Bras. V. aborrecido.”

2. Bariani: n/e

Ficha 15 – **Amolando** (verbo) _____

“A lembrança dos favores merecidos continuava, entretanto, amolando seu João.” (AL, p. 57, linha 18)

Registro em dicionários

1. Aurélio:
Amolar. “V. t.d. [...] P. 8. Bras. Aborrecer-se, irritar-se, cacetear-se.”

2. Bariani: n/e

Ficha 16 – **Amontoou** (verbo) _____

“Anísio meteu novo golpe e o negro amontoou, vomitando sangue.” (CIOL, p. 186, linha 19, 20)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 17 – **Analfabeto** (sentido figurado) _____

“O casco de burro e a pião de carro de boi abriram-se as estradas desse mundão analfabeto de Brasil.” (UDNV, p. 14, linha 22)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 18– **Ancuda** (adjetivo) _____

“Nunca tiveram filhos e cada ano a mulher ficava mais ancuda, mais preguiçosa, mais bonita.” (UAT, p. 131, linha 22)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Ancudo. “Adj. Sin. Bras. Quartudo, bundudo.”

2. Bariani: n/e

Ficha 19 – **Aparença** (substantivo) _____

“- É só aparença, dona Zefinha, tô mas é munto perrengue.” (AL, p. 63, linha 6)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 20 – **Apartador** (substantivo) _____

“[...] o avô de Quelemente veio de Minas e montou ali sua fazenda de gado, pois a formação geográfica construíra um excelente apartador.” (NACC, p. 5, linha 15)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Apartador. “Curral que separa os bezerros das mães, para eles não mamarem, ou que separa outros animais.”

Ficha 21 – **Apois** (conjunção) _____

“Quando ocê passou correno na porta da cadeia não ouviu grito? Depois era dele...” (AL, p. 96, linha 26)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Apois. “Conj. Pop. Pois.”

2. Bariani:

Apois. “M. q. pois.”

Ficha 22 – **Ar de estupor** (expressão) _____

“*Havia vinte anos apanhara um “ar de estupor” e desde então nunca mais se valera das pernas...*” (NACC, p. 4, linha 4, 5)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 23 – **Arenga** (substantivo) _____

“*Precisava impressionar, arrastar a arenga para o patético, para o sentimental.*” (AL, p. 39, linha 2)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Arenga. “S. f. [...] 4. Bras. Enredo.”

2. Bariani:

Arenga. “Discussão.”

Ficha 24 – **Arrepiou caminho** (expressão) _____

“*Antão, na frente da turma, na sua carreira curta e tonta, arrepiou caminho, e entrou pela rua Direita.*” (AL, p. 93, linha 28)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Arrepiar. “Arrepiar caminho: Voltar; retornar; desfazer o caminho.”

Ficha 25 – **Arrieiro** (substantivo) _____

“*Um arrieiro como esse que morreu, o Moisés, era bicho destorcido.*” (UDNV, p.14, linha 8)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Arrieiro. “M. q.arreeiro. O que dirige a tropa. “As comitivas sertanejas eram dirigidas pelo arrieiro e por um ajudante, o cozinheiro.”

Ficha 26 – **Assomo** (substantivo) _____

“*Ele, num assomo indecente de sinceridade, abraçou-a.*” (CIOL, p. 182, linha 29)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 27 – **Assucedo** (verbo) _____

“*Mas é isso mesmo: tudo de ruim que assucedo é o filho do Clemente.*” (AL, p. 99, linha 12)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 28 – **Átimo** (substantivo) _____

“*Negou o corpo assim de banda e num átimo já se levantou com a garrucha...*” (UAT, p.132, linha 29)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Átimo. “Num átimo. Bras. Em curto espaço de tempo; num abrir e fechar de olhos.”

2. Bariani:

Átimo. “Num átimo: num relance, de repente, repentinamente.”

Ficha 29– **Atulhada** (adjetivo) _____

“*[...] mas Bentinho já o empurrava para a sala atulhada de gente.*” (AL, p. 51, linha 21)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 30 – **Avexado** (adjetivo) _____

“- Nada, seu Bentinho, já estava avexado por entregar isso.” (AL, p. 52, linha 8)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:
Avexado. “Apressado.”

Ficha 31 – **Babujado** (adjetivo) _____

“O anacoreta, aí, destampou a cabaça e sacudiu-a em cima do fígado babujado.” (PN, p. 236, linha 14)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Babujar. “Bras. V. t. d. P. 6. Sujar-se de baba ou de comida.”

2. Bariani: n/e

Ficha 32 – **Badana** (substantivo) _____

“[...] afirmava o cabo do relho na badana, escorando-se nele, e lá se ia choramingando uma toada.” (UDNV, p. 15, linha 24)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Badana. “S. f. Bras. 5. Pele macia e lavrada que se coloca sobre o coxinilho.”

2. Bariani: n/e

Ficha 33 – **Baita** (adjetivo) _____

“Ela receava a baita cascavel que inda agorinha atravessou a cozinha...” (NACC, p.7, linha 1)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Baita. “Adj. Bras. 1. Grande, enorme, imenso.”

2. Bariani:

Baita. “Muito grande.”

Ficha 34 – **Baixeiro** (substantivo) _____

“Foi puxar o baixeiro e nisto esbarrou com água.” (NACC, p.7, linha 7)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Baixeiro. “S. m. Bras. Manta que se coloca no lombo do cavalo por baixo da sela .”

2. Bariani:

Baixeiro. “3. Saco de aniagem que se coloca no lombo do animal, sob a cela.”

Ficha 35 – **Bamburral** (substantivo) _____

“Meu cavalo rinchou digno e honesto porque a ruína de uma cancela pulou de dentro da escuridão, como o imprevisto de uma tocaia, por entre o bamburral alto e triste.” (CIOL, p. 175, linha 9)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Bamburral. “S. m. Bras. 5. RS Vegetação arbustiva própria de locais úmidos ou roças abandonadas. 6. Bras. PA MT Vegetação arbustiva que nasce à margem dos rios e só a custo pode ser atravessada, por causa do emaranhado dos cipós.”

2. Bariani:

Bamburral. “2. Mato emaranhado, de difícil penetração.”

Ficha 36 – **Bamo** (verbo) _____

“-Bamo vê intãoce, baiano, quar que vale mais: sua pernambucana ou minha tronchada.” (UDNV, p. 16, linha 21)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 37 – **Bandas** (substantivo) _____

“Ele se virava para as bandas onde devia estar o animal...” (PN, p. 232, linha 3)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 38 – **Banzé** (substantivo) _____

“A mulher do Valentim, para dar um cocre no filho, aprontava um banzé que a cidade inteira ouvia.” (PN, p. 235, linha 15)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Banzé. “No garimpo, barulho, briga em festa.”

Ficha 39 – **Banzeira** (adjetivo) _____

“A infeliz pego a vive banzeira pulos canto do terreiro...” (OP, p. 226, linha 7)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Banzeiro. “Adj. 3. Bras. Triste, melancólico.”

2. Bariani:

Banzeiro. “Tristonho.”

Ficha 40 – **Banzo** (substantivo) _____

“[...] uma moda de viola. Chorosa, longa, com sabor arrependido de banzo.” (NSJ, p. 196, linha 11)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Banzo. “Adj. 2. Bras. Triste, abatido, pensativo.”

2. Bariani:

Banzo. “2 Triste, hipocondríaco.”

Ficha 41 – **Bão** (adjetivo) _____

“- *Ques menino bão, gente.*” (OP, p. 222, linha 17)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Bão. “M. q. bom.”

Ficha 42 – **Baque do catulé** (expressão) _____

“*Se ocê num me mata no baque do catulé, eu te pico...*” (UDNV, p. 16, linha 24)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 43 – **Bas noites** (expressão) _____

“- *Bas noites.*” (CIOL, p. 176, linha 9)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 44 – **Batatões** (substantivo) _____

“*Aqueles imensos batatões arroxeados, nojentos, que o homem coçava com os dentes...*” (AL, p. 103, linha 21)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 45 – **Batê língua** (expressão) _____

“Aqui o povo garra logo a batê língua.” (UAT, p. 135, linha 7)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 46– **Bateção** (substantivo) _____

“Seu Jeremias sentiu a mesma falta de fôlego, a mesma bateção de coração...” (VSQJ, p. 198, linha 6)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 47 – **Bate-paus** (substantivo) _____

“Deu no delegado, nos bate-paus, saiu pelas ruas dando tiros nas paredes.” (AL, p. 21, linha 20)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Bate-pau. “S. m. 1. Bras. GO Indivíduo armado e posto a serviço da polícia rural. 2. Aquele que presta serviços policiais em regiões onde não existe ou é deficiente a força pública.”

2. Bariani: n/e

Ficha 48 – **Beberagens** (substantivo) _____

“Vivo disso: beberagens contra gálico, benzeduras, responso, fechamento do corpo...” (PN, p. 232, linha 6)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 49 – **Berreiro** (substantivo) _____

“[...] esperava que a cada momento que André Louco recomeçasse o seu berreiro insistente...” (AL, p. 25, linha 14)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Berreiro. “S. m. Bras. Pop. Chorar muito, abrir o bué.”

2. Bariani: n/e

Ficha 50 – **Bexigoso** (adjetivo) _____

“De noite, na vendola porca de um cearense bexigoso...” (CBT, p. 118, linha 5)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 51 – **Biboca** (substantivo) _____

“A irmã dele era Maragã, habitava uma biboca perto da fonte do funil.” (AL, p. 28, linha 13)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Biboca. “S, f. 3. Bras. Habitação pequena, pobre, modesta; baiuca, buraco, toca.”

2. Bariani:

Biboca. “Fundão; grotá.”

Ficha 52 – **Bicharedo** (substantivo) _____

“O bicharedo estava meio atordoado, zonzo, mas ainda lutou...” (AL, p. 61, linha 4)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 53 – **Bico** (substantivo) _____

“-Agora, bico, ouviu? nada de gritaria.” (AL, p. 32, linha 1)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Bico. “S. m. 7. Bras. Caluda, psiu .”

2. Bariani:

Bico calado. “Bico fechado, sem falar nada.”

Ficha 54 – **Biruzinho** (substantivo) _____

“E ainda continuaram no mesmo lugar a velha Nhola, o filho Quelemente e o neto, um biruzinho sempre perrengado.” (NACC, p. 6, linha 3)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Biruzinho. “Criança nova.”

Ficha 55 – **Boca de pito** (expressão) _____

“[...] ia à cozinha arranjar um cafezinho para fazer boca de pito.” (VSQJ, p. 201, linha 25)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Fazer boca de pito. “Tomar um gole de café para fumar em seguida.”

Ficha 56 – **Bochorno** (substantivo) _____

“Foi quando eu, que estava deitado no chão com a barriga para cima, dei aquele tranco: uma cascavel tiniu e chocalho com uma raiva selvagem, que abalou o bochorno.” (AM, p. 242, linha 14)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 57 – **Bofes** (substantivo) _____

“*Subitamente, ela sentiu o coração parar de repente, um vazio gelado por dentro dos bofes...*” (AL, p. 41, linha 18)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Bofes. S. m. pl. Pop. 1. A fressura dos animais.

2. Bariani: n/e

Ficha 58 – **Boipeva** (substantivo) _____

“*Uma boipeva saiu de dentro num pulo.*” (PN, p. 236, linha 15)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Boipeva. “S. f. Bras. Zool. Designação comum a algumas espécies de reptéis ofídios, colubrídeos, gênero *Xenodon*, especialmente *X. merre mii*, muito comum em todo o Brasil, de coloração escura, com escamas amarelas formando desenhos geométricos indistintos, e cujo comprimento vai até 2cm.”

2. Bariani:

Boipeva. “*Xenodon merremii*, também conhecida por capitão-do-mato, é serpente não venenífera que, frequentemente, se alimenta de sapos, cuja peçonha é imune.”

Ficha 59 – **Boleava** (verbo) _____

“*Pegava aqueles fardos de algodão, boleava, dava um gemido fundo, e sapecava uma tapa estalada no fundo do dito.*” (UDNV, p. 15, linha 10)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Bolear. “Rodar uma vasilha (peneira, tacho, bateia) para que seu conteúdo esfrie.”

Ficha 60 – **Boléus** (substantivo) _____

“*Tudo isso descia em longa fila, aos mansos boléus de ondas...*” (NACC, p. 8, linha 18)

 Registro em dicionários

1. Aurélio:

Boléu. “S. m. Bras. Aos boléus. Aos trambalhões; aos encontrões.”

2. Bariani:

Boléu. “Tombo; queda; solavanco.”

 Ficha 61 – **Bolos** (substantivo) _____

“Vá busca o chinelo! – e meteu-lhe os bolos. Foram seis bolos.” (AL, p. 32, linha 16)

 Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Bolo. “Pancada na mão (palmatória).”

 Ficha 62 – **Borboletas** (sentido figurado) _____

“Queixava-se, em certas quadras, de umas zonzuras, umas borboletas nos ouvidos...” (AL, p. 24, linha 18)

 Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

 Ficha 63 – **Bordo** (substantivo) _____

“- Então, deu um bordo pela fazenda?” (CIOL, p. 176, linha 28)

 Registro em dicionários

1. Aurélio:

Bordo. “S. m.7. Bras. Passeio, volta, giro.”

2. Bariani: n/e

 Ficha 64 – **Botucados** (adjetivo) _____

“Joana chegou [...] atarantada, agitada, as sobranceiras erguidas, os olhos botucados.” (AL p. 34, linha 12)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 65 – **Botucara** (verbo) _____

“A bala botucara na maçã do rosto.” (CBT, p. 120, linha 1)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 66 – **Braba** (adjetivo) _____

“Rodoleiros cor de casca de ferida braba saíram tontos...” (PN, p. 235, linha 21)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Brabo. “Adj. 1. Bras. Bravo. 5. Muito forte; intenso.”

2. Bariani: n/e

Ficha 67 – **Brabeza** (substantivo) _____

“[...] Benício apanhou um laço forte de pegar brabeza para capturar...” (UAT, p.134, linha 11)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Brabeza. “Gado criado à solta no mato, o que o torna feroz.”

Ficha 68 – **Bramura** (substantivo) _____

“Todo santo dia esse endiabrado faz uma bramura aqui.” (AL, p.81, linha 4)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:
Bramura. “2 Som; ruído; barulho.”

Ficha 69 – **Breado** (adjetivo) _____

“O rosto estava breado de sangue e as mãos também.” (VSQJ, p.168, linha 3)

Registro em dicionários

1. Aurélio:
Breado. “Adj. 2. Bras.Sujo, emporcalhado, labreado.”

2. Bariani:
Breado. “Sujar com coisa pegajosa.”

Ficha 70 – **Brejo** (substantivo) _____

“No outro dia acharam o rodeiro do carro partido, atolado no brejo...” (AL, p. 22, linha 21)

Registro em dicionários

1. Aurélio:
Brejo. “S. m.3. Lugar úmido, frio e ventoso. 4. Bras. Terreno onde os rios se conservam mais ou menos permanentes, e em geral fértil em virtude dos transbordamentos anuais, por ocasião das chuvas.”

2. Bariani: n/e

Ficha 71 – **Breu** (substantivo) _____

“[...] enquanto os faróis estupravam as trevas, abrindo rasgões brutais de luz no breu” (AM, p.247 8, linha 27)

Registro em dicionários

1. Aurélio:
Breu. “S. m.* Escuro como breu. Muiíssimo escuro.”

2. Bariani: n/e

Ficha 72 – **Brocotós** (substantivo) _____

“O coronel tangerá muitos burros por essas estradas agressivas, em todos os sentidos, acordando ecos virgens nos ocos de brocotós...” (UDNV, p. 14, linha 17)

 Registro em dicionários

1. Aurélio:

Brocotó. “S.m. 1. Bras. V. Borocotó.”

2. Bariani:

Brocotó. “1 Borocotó. 2 Oco de mundo; fundão.”

 Ficha 73 – **Bruaca** (substantivo) _____

“Suas filhas tão mesmo precisando dele pra sustenta marido no luxo. Taque seus cobres naquelas bruaca, viu.” (AL, p. 51, linha 8)

 Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Bruaca. “Mulher feia, sem atrativos.”

 Ficha 74 – **Buli** (verbo) _____

“Buli gente num bole, mais bicho...” (PN, p. 229, linha 9)

 Registro em dicionários

1. Aurélio:

Bulir. “V. t. i. 7. Bras. Seduzir, deflorar.”

2. Bariani: n/e

 Ficha 75 – **Bumbunado** (substantivo) _____

“Um grito rouco, umas vozes altas, um bumbunado vieram do invisível...” (AL, p. 21, linha 11, 12)

 Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Bumbunar. “Produzir som ininteligível ou repetido.”

Ficha 76 – **Cabaça** (substantivo) _____

“Depois tirou de dentro do picuá uma cabaça.” (PN, p. 235, linha 20)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Cabaça. [de cabaça]. O fruto da cabaceira. 2. Vaso feito desse fruto seco, despojado de miolo. (F. paral. : cabaça. Sin. ger.: cuia.

2. Bariani:

Cabaça. “Fruto do cabaceiro que, quando seco e esvaziado do miolo e das sementes, serve para levar água de beber às roças.”

Ficha 77 – **Cafundós** (substantivo) _____

“Essa aguinha, olhe, mexe, vira e vai juntar-se a uma outra perdida nos cafundós desse mundão danado.” (PN, p. 210, linha 2)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Cafundó. “S. m. Bras. 3. Lugar ermo e afastado, de acesso difícil, normalmente entre montanhas.”

2. Bariani: n/e

Ficha 78 – **Caga-fogo** (substantivo) _____

“Benício voltou para dentro do rancho, depois que viu que os vultos dos visitantes tinham sido mastigados pela treva da noite riscada de caga-fogo...” (PN, p. 210, linha 2)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Caga-fogo. “S. m. Bras. Pop. 1. Zool. V. pirilampo.”

2. Bariani:

Caga-fogo. “2. Pirilampo.”

Ficha 79 – **Caixa-pregos** (substantivo) _____

“Naquele caixa-pregos acumulavam-se as nuvens que o vento arrecadava em seu percurso pelo vale e que iam coroar de branco os altos picos.” (MCA, p. 109, linha 14)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Caixa-pregos. “Lugar ermo, muito distante.”

Ficha 80 – **Calcanhar-de-judas** (substantivo) _____

“Pois aí mesmo, nesse calcanhar-de-judas, nesse lugar que apresentava uma beleza heroicamente inconsciente de suicídio...” (MCA, p. 110, linha 29)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Calcanhar de Judas. “S. m. Bras. V. Cafundó.”

2. Bariani:

Calcanhar-de-judas. “Lugar muito longe.”

Ficha 81 – **Calombos** (substantivo) _____

“Fui achar um animal cheio de calombos, peladuras, orelhas gafentas...” (AM p. 243, linha 21)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Calombo. “S. m. 1. Bras. Tumefação cutânea; inchaço. 2. Bras. Pop. V. lobinho.”

2. Bariani:

Calombo. “Pequeno caroço; protuberância na pele.”

Ficha 82 – **Cangalhas** (substantivo) _____

“Entre cangalhas velhas e cadeiras quebradas estava um crucifixo.” (CIOL, p. 180, linha 4)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Cangalha. “S. f. Cangalhas. 2. Bras. S. Peça de três paus, unidos em triângulo, que se enfia no pescoço dos porcos para não destruírem hortas cultivadas.”

2. Bariani:

Cangalha. “2. Forquilha que se coloca no pescoço do boi ou da vaca para não vazar cerca de arame.”

Ficha 83 – **Canguçu** (substantivo) _____

“Uma canguçu de orelhas chatas o negaceava.” (PN, p. 233, linha 20)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Canguçu. “S. m. S. f. Bras. 1. Zool. V. jaguar.”

2. Bariani:

Canguçu. “A maio onça brasileira, pintada e de lombo preto.”

Ficha 84 – **Canjica dos dentes** (expressão) _____

“O negro estava um anjo – rindo, mostrando a canjica dos dentes alvos, muito satisfeito com a embriaguez.” (LS, p. 148, linha 25)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Canjica. “Dente humano.”

Ficha 85 – **Caioa** (substantivo) _____

“Óia as caioa – tirou do bolso da calça um manajo de notas velhas amassadas.” (AL p. 98, linha 13)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Caolha. “Nota antiga de 500 mil-réis.”

Ficha 86 – **Capão** (substantivo) _____

“No meio da encosta crescia um capão, por onde passava uma estrada alva e torta que levava para qualquer parte do mundo.” (OESV, p. 91, linha 8, 9)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Capão. “S. m. Bras. Porção de mato isolado no meio do campo.”

2. Bariani:

Capão. “4. Porção de mato.”

Ficha 87 – **Capitães** (substantivo) _____

“Derrubou farinha de mandioca em cima, mexeu e pôs-se a fazer grandes capitães com a mão, com que entrouxava a bocarra.” (NACC, p. 4, linha 25)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Capitão. “S. m. Bras. Bocado de comida que tenha molho, amassado com farinha, entre os dedos, à moda de bolo, e levado até à boca.”

2. Bariani:

Capitão. “3. Bolo da comida amassado com as pontas dos dedos e levado à boca com as mãos.”

Ficha 88 – **Caraíbas** (substantivo) _____

“Sua alma teria o aspecto duro dessas planícies secas, nos dias fumarentos de agosto, onde taras e desequilíbrios hereditários se levantariam em colorações rubras de caraíbas amarelas.” (VSQJ, p. 166, linha 19)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Caraíba. “S. m. Bras. Bot. Árvore típica do cerrado, da família das bignoniáceas (tabebuia caraíba), de casca suberosa e grossa.”

2. Bariani:

Caraíba. “2. Árvore do Cerrado, de flores amarelas; ipê-do-campo.”

Ficha 89 – **Carapina** (substantivo) _____

“Nalgum ponto da cidade o carapina martelava o caixão do filho de Valentim.” (AL, p. 87, linha 18)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Carapina. “S.m. Bras. 1. V. carpinteiro.”

2. Bariani:

Carapina. “Carpinteiro.”

Ficha 90 – **Caroça** (substantivo) _____

“Dependurou numa forquilha a caroça, - que é a maneira mais analfabeta de se esconder da chuva...” (NACC, p. 4, linha 12)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Caroça. “Coroça: A caroça, capa feita de folha de buriti, de uso frequente em Goiás, no meio rural.”

Ficha 91 – **Carrerria** (substantivo) _____

“Antão, na frente da turma, na sua carrerria curta e tonta, arrepiou caminho, e entrou pela rua Direita.” (AL, p. 93, linha 28)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 92 – **Catadura** (substantivo) _____

“Nos dorsos ofegantes, suarentos dos cavalos, passavam homens maltrapilhos, cor de chão, catadura barbuda e selvagem...” (DL, p. 203, linha 17)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 93 – **Catingudo** (adjetivo) _____

“Os cabelos de Fulô desprendiam um cheiro catingudo de tutano curtido que arrebatava seu Benício.” (UAT, p. 131, linha 7)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Catingudo. “Adj. Bras.V. catingoso. Que exala catinga, ou mau cheiro.”

2. Bariani: n/e

Ficha 94 – **Catira** (substantivo) _____

“Morreu depois de um pagode, onde cantou a noite inteirinha um catira doído, cheio de morena e ai-ai-lá-rai.” (UDNV, p. 18, linha 19)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Catira. “S. m e f. Bras. MG S. Go. Cateretê.”

2. Bariani:

Catira. “2. Dança só de homens. Considerada versão do cateretê paulista, é a mais brasileira de todas as danças, no dizer de Couto de Magalhães.”

Ficha 95 – **Chanca** (substantivo) _____

“E tirando o calçado, meteu a chanca com raiva na estrada.” (AM, p. 241, linha 19)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Chanca. “S. f. 1. Pop. Pé grande.”

2. Bariani:

Chanca. “Pé grande.”

Ficha 96 – **Chascão** (substantivo) _____

“Antão era negro retaco, acostumado a bolear fardos de quatro arrobas e tanto e deu no André um chascão que o botou muito longe, espapaçado.” (AL, p. 21, linha 29)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Chasco. “S. m. Bras. SP. Ato de puxar de súbito as rédeas do cavalo, para fazê-lo parar; sofrenação.”

2. Bariani:

Chasco. “M. q. Chasco.”

Ficha 97 – **Chispavam** (verbo) _____

“[...] Moisés saiu livre, automóveis e caminhões chispavam pelos chapadões empoeirados.” (UDNV, p. 18, linha 7)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Chispar. “V. i. 3. Bras. Correr em disparada.”

2. Bariani:
Chispar. “Correr à toda velocidade.”

Ficha 98 – **Chumbado** (adjetivo) _____

“Foi então que, chumbado, Tambiú gritou com o Nequinho que lhe tirasse de riba aquele “zóio de poico”.” (CBT, p. 119, linha 10)

Registro em dicionários

1. Aurélio:
Chumbado. “Adj. 6. Bras. Pop. V. embriagado.”

2. Bariani:
Chumbado. “2. Bêbado.”

Ficha 99 – **Cismarento** (adjetivo) _____

“Meu amigo continuava cismarento, reinando não sei que ruindade...” (CIOL, p. 177, linha 26)

Registro em dicionários

1. Aurélio:
Cismarento. “Adj. Bras. V. cismativo. 1. Dado à cisma. 3. Apreensivo, preocupado, inquieto, cismático.”

2. Bariani: n/e

Ficha 100 – **Cocre** (substantivo) _____

“A mulher do Valentim, para dar um cocre no filho, aprontava um banzé....” (AL, p. 32, linha 22)

Registro em dicionários

1. Aurélio:
Cocre. “S. m. Bras. S. V. croque.”

2. Bariani:
Cocre. “2. Croque; peteleco.”

Ficha 101 – **Coités** (substantivo) _____

“Dentro da casa, boiavam pedaços de madeira, cuias, coités, trapos...” (NACC, p. 8, linha 2)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Coité. “[Var, de cuitê]. S. f. Bras. Bot. 1. V. cuieira. 2. V. cuia.”

2. Bariani:

Coité. “4. Fruto do cuitzeiro: Uma banda da cabaça, cuia adaptada para copo, é chamada coité, que também pode ser de casca de coco-da-baía – serve para tomar café ou leite.”

Ficha 102 – **Copiá** (substantivo) _____

“A meninada fazia aquele barulhão desgraçado, brincando de pegas nas folhas do copiá.” (NSJ, p. 196, linha 27)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Copiá. “S. m. Bras. V. copiar. 1. Varanda contígua à casa; alpendre.”

2. Bariani: n/e

Ficha 103 – **Coresma** (substantivo) _____

“– Num vê que na coresma os cachorro, de noite, ficava latino tanto?” (AL p. 29, linha 3)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Coresma. “S. f. Ant. Pop. V. quaresma.”

2. Bariani: n/e

Ficha 104 – **Corgo** (substantivo) _____

“Sinhana voltou do “corgo”, chamou o louro e ele não respondeu.” (OP, p. 222, linha 8)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Corgo. “S. m. Pop. V. córrego.”

2. Bariani:

Corgo. “M. q. córrego.”

Ficha 105 – **Corós de fogo** (substantivo) _____

“E a mata inteira se iluminou – os troncos, os paus podres, as folhas, o solo, os pirilimpos, os corós de fogo...” (PN, p.238, linha 25)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 106 – **Cuias** (substantivo) _____

“Dentro da casa, boiavam pedaços de madeira, cuias, coités, trapos...” (NACC, p. 8, linha 2)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Cuia. “S. f. 9. Bras. RS. A cabaça, quase sempre ricamente prateada e lavrada, em que se prepara e se bebe o mate por meio de uma bombilha.”

2. Bariani:

Cuia. “Metade de uma cabaça cortada.”

Ficha 107 – **Cuitezinhos** (substantivo) _____

“Uma velha trouxe café em cuitezinhos e depois de bebê-lo saímos até a porta...” (CIOL, p. 176, linha 18, 19)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Cuitê. “S. f e m. Bras. V. cuitê. 1. Bot. V. cuieira.”

2. Bariani:

Coité. “4. Fruto do cuitezeiro: Uma banda da cabaça, cuia adaptada para copo, é chamada coité, que também pode ser de casca de coco-da-baía – serve para tomar café ou leite.”

Ficha 108– **Curiangus** (substantivo) _____

“Já tinha curiangos soluçando nas trevas, quando o capitão Filó Simões deu por fé... (UDNV, p. 17, linha 3)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Curiangu. “S. m. Bras. Zool. V. curiango. Ave caprimulgiforme, caprimulgídea (...), de coloração pardo-amarelada finamente pintada de preto e com manchas pretas maiores, rêmigas pretas com fita branca.”

2. Bariani:

Curiango. “Pássaro noturno que emite um ruído característico: o curiango é um pássaro noturno que canta ‘amanhã eu vou... amanhã eu vou ...’.”

Ficha 109 – **Curraleiros** (substantivo) _____

“*Ali criava seus 3.000 e poucos curraleiros.*” (UAT, p. 130, linha 5)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Curraleiro. “Adj. 2. Bras. Diz-se de certa raça bovina.”

2. Bariani:

Curraleiro. “2. Raça de gado goiano.”

Ficha 110– **Curumim** (substantivo) _____

“*A tristeza irônica das grandes taperas mostrava o rico fastígio burguês, gordo e fácil daqueles tempos de Brasil curumim.*” (CBT, p. 117, linha 12)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 111 – **Curupira** (substantivo) _____

“*Ou aqueles estalidos eram do curupira que de noite andava passeando pelo vigamento...*” (AL, p. 27, linha 18)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Curupira. “S. m. Bras. Folcl. Ente fantástico que, segundo a crendice popular, habita as matas e é um índio cujos pés apresentam o calcanhar para diante e os dedos para trás.”

2. Bariani:

Curupira. “Duende do sertão cujos pés se posicionam do lado inverso.”

Ficha 112– **Cururu** (substantivo) _____

“*O corpo de Januário deu uns corcovos elegantes [...] uns passos engraçados de cururu ou de recortado...*” (MCA, p. 114, linha 8)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Cururu. “S.m. 7. Bras. SP Folcl. Dança de roda, palmeada e sapateada, semelhante, nos seus passos e ademanos, à coreografia ameríndia.”

2. Bariani:

Cururu. “2. Dança sertaneja.”

Ficha 113 – **Cutuca** (substantivo) _____

“O baiano vinha montado, carregando o Angelino no arção da cutuca...” (UDNV, p. 17, linha 20)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Cutuca. “S. f. Bras. GO Espécie de selim com dois arções altos, usado sobretudo em cavalos de doma.”

2. Bariani:

Cutuca. “Tipo de arreio para montaria que consiste em uma sela grosseira, cuja cobertura é removível, podendo-se forrá-la com rede, roupas de uso e panos.”

Ficha 114 – **Danada** (adjetivo) _____

“Tive uma dó danada de ver como vai tudo em ruína.” (CIOL, p. 176, linha 29)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Danado. “Adj. 11. Bras. N. E. Pop. Seguido da prep.. de e anteposto a um adjetivo, ou, sem preposição, posposto a um adjetivo, equivale a ‘muito, extraordinariamente’.”

2. Bariani: n/e

Ficha 115 – **De esquelha** (expressão) _____

“Sá Maria falava com raiva, balançando a cabeça, fitando meu pai de esquelha.” (AL, p. 65, linha 19)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Esguelha. “S. f. *De esquelha. De soslaio; de través; de revés; obriquamente.”

2. Bariani: n/e

Ficha 116 – **De tocaia** (expressão) _____

“Abriu uma delas, ficou no escuro, com o corpo para dentro, de tocaia.” (AL, p. 60, linha 12)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Tocaia. “S. f. Bras. Angol. Espreita ao inimigo, ou caça; emboscada.”

2. Bariani:

Tocaia. “Esconderijo, comumente atrás do toco, para matar a pessoa acostumada a passar por ali.”

Ficha 117 – **De-ponta** (locução substantiva) _____

“[...] que o menino estava vadiando no rio cheio e deu um de-ponta.” (MMA, p. 139, linha 10)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 118 – **Desabalou** (verbo) _____

“Mal, porém deu os primeiros passos, desabalou para trás numa corrida curta e feroz.” (AL, p. 93, linha 18,19)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 119 – **Destorcido** (adjetivo) _____

“Um arrieiro como esse que morreu, o Moisés, era bicho destorcido.” (UDNV, p. 14, linha 9)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Destorcido. “Adj. 2. Bras. Fam. Desembaraçado, lépido, ligeiro, pronto, hábil. 3. V. valentão.”

2. Bariani: n/e

Ficha 120 – **Destraviado** (adjetivo) _____

“Disse que estava “destraviado”, e podia ser mesmo, porque por aqueles ocos só havia trilhos indecisos de antas e de gado brabeza.” (MCA, p. 111, linha 4)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Destraviado. “Estraviado; perdido.”

Ficha 121 – **Disgrama** (interjeição) _____

“– Eta, disgrama!...” (CBT, p. 123, linha 1)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 122 – **Dito-cujo** (substantivo) _____

“Tambiú, como se chamava o dito-cujo...” (CBT, p. 118, linha 26)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Dito-cujo. “S. m. Bras. Fam. V. cujo .”

2. Bariani: n/e

Ficha 123 – **Doentes da bola** (expressão) _____

“Narrou casos de mortes praticadas por loucos, de fatos idênticos, em que pessoas já falecidas haviam lutado com indivíduos doentes da bola.” (AL, p. 87, linha 26)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 124 – **Duma figa** (expressão) _____

“[...] – Óia, nego duma figa, num garra com empertença não...” (CBT, p. 121, linha 14)

 Registro em dicionários

1. Aurélio:

Duma figa. “*Diz-se de pessoa ou coisa como manifestação, verdadeira ou fingida, de pouco apreço ou de irritação.”

2. Bariani: n/e

 Ficha 125 – **Eito** (substantivo) _____

“[...] – disse o coronel como se durante todo aquele eito de tempo estivesse revivendo seu tempinho de moço...” (UDNV, p. 14, linha 6)

 Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Eito de hora. “Durante muito tempo.”

 Ficha 126 – **Embiras** (substantivo) _____

“Os torrões de barro do pau-a-pique se desprendiam dos amarrilhos de embiras e caíam n’água...” (NACC, p. 7, linha 20)

 Registro em dicionários

1. Aurélio:

Embira. “S. f. Bras. 1. Bot. Designação comum a várias espécies arbustivas da família das timeleáceas (...) que se caracterizam por produzir boa fibra na entrecasca. 3. Qualquer casca ou cipó usado para amarrar.”

2. Bariani:

Embira. “Fibra de certas árvores (cadiúba, carrapicho, jangada, jequitibá, imbé e embiruçu), usada para amarrar.”

 Ficha 127 – **Embocou** (verbo) _____

“Mal o demente embocou no largo da matriz, foram chamar o carcereiro.” (AL, p. 59, linha 29)

 Registro em dicionários

1. Aurélio:

Embocar. “V. t. d. 6. Bras. Pop. Entrar, abocar.”

2. Bariani: n/e

Ficha 128 – **Embrenhou** (verbo) _____

“Depois embrenhou-se na verdura da floresta.” (PN, p. 235, linha 25)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Embrenhar. “V. t. d. 2. Pop. Meter-se, internar-se (nos matos, nas brenhas).”

2. Bariani: n/e

Ficha 129 – **Embrulhado** (adjetivo) _____

“[...] de certo tempo para cá vinha embrulhado num mutismo eloquente.” (CIOL, p. 175, linha 15)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 130 – **Emperreado** (adjetivo) _____

“Ela também tinha muita devoção com as almas e um medo emperreado de ficar louca.” (AL, p. 24, linha 16)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 131 – **Empertença** (substantivo) _____

“[...] – Óia, nego duma figa, num garra com empertença não...” (CBT, p. 121, linha 15)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 132 – **Encandeou** (verbo) _____

“Ela encandeou os olhos de pupilas acinzentadas e perguntou a Luís por que não acendia de novo o rolo.” (LS, p. 149, linha 28)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Encandear. “V. t. d. P. 5. Ficar deslumbrado, com a vista confusa.”

2. Bariani: n/e

Ficha 133 – **Encapetada** (adjetivo) _____

“Depois, um se desprende de aquela altura encapetada, e com as asas feito duas foices, veio descendo numa velocidade enorme.” (AM, p. 242, linha 7)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 134 – **Encimava** (verbo) _____

“Desenhava-se na parede a sombra fugidia, esgarçada de um crânio completamente calvo que encimava um esqueleto.” (LS, p. 150, linha 7)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 135 – **Endiabrado** (adjetivo) _____

“Todo santo dia esse endiabrado faz uma bramura aqui.” (AL, p. 81, linha 4)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Endiabrado. “S. m. 3. Bras. Aquele que é mau, travesso, traquina.”

2. Bariani: n/e

Ficha 136 – **Enfincou** (verbo) _____

“O menino saiu do rancho [...], enfincou o calcanhar na lama, rodou sobre ele o pé ...”
(NACC, p. 3, linha 4)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Enfincar. “V. t. d. Bras. Pop. Fincar.”

2. Bariani: n/e

Ficha 137 – **Entocado** (verbo) _____

“Não dormiu, não respondeu ao bilhete e ficou entocado dentro da loja...” (AL, p. 49, linha 25)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Entocar. “V. t. d. Bras. 1. Meter em toca. 2. Sumir-se num buraco ou cova; encafuar-se.”

2. Bariani: n/e

Ficha 138 – **Entrada de águas** (expressão) _____

“Nessa derradeira entrada de águas então ele se encorujou de uma vez no poleiro...” (OP, p. 221, linha 16)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 139 – **Entrouxava** (verbo) _____

“Derrubou farinha de mandioca em cima, mexeu e pôs-se a fazer grandes capitães com a mão, com que entrouxava a bocarra.” (NACC, p. 4, linha 26)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 140 – **Escafedido** (verbo) _____

“Chiquinho e os outros já se haviam escafedido...” (AL, p. 97, linha 4)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Escafeder-se. “V. p. Pop. Fugir às pressas; safar-se, esgueirar-se.”

2. Bariani: n/e

Ficha 141 – **Escamoteou** (verbo) _____

“Por um golpe de lábia, porém, o dentista escamoteou o jurisconsulto, cujas intenções traiçoeiras descobriu em tempo.” (AL, p. 84, linha 18, 19)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 142 – **Escanchada** (adjetivo) _____

“[...] levantou-se com a arma já escanchada nos peitos do cantor.” (UAT, p. 133, linha 2)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Escanchado. 2. Levantado (cão de arma de fogo).”

Ficha 143 – **Escanchelado** (adjetivo) _____

“Meu pai voltou lá de dentro, trazendo o derradeiro tamborete, todo escanchelado.” (AL, p. 77, linha 25)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Escanchelado. “Escancelado; desarrumado; bambo; desconjuntado.”

Ficha 144 – **Escangotada** (adjetivo) _____

“A criança roxa, escangotada, em cuja boca aberta a mulher metia a pelanca dos peitos murchos.” (VSQJ, p.155, linha 4)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Escangotar. “V. t. d. Bras. Pop. Segurar ou sacudir pelo cangote.”

2. Bariani:

Escangotado. “Com a cabeça caída pra trás.”

Ficha 145 – **Espia** (verbo) _____

“– Chi! tá um mar d’água. Qué vê, espia...” (NACC, p. 3, linha 13)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Espiar. “V. t. d. 4. Bras. Cabo-verd. Observar, olhar.”

2. Bariani: n/e

Ficha 146 – **Esporro** (substantivo) _____

“Mentalmente aguardava um aparte de Joana e o esporro de papai.” (AL, p. 59, linha 2)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Esporro. “S. m. Bras. 1. Barulho, desordem, assuada, esporro. 3. Censura acre, violenta; estrilo.”

2. Bariani:

Esporro. “Bronca.”

Ficha 147 – **Estirão** (substantivo) _____

“Quando as forças legalistas chegavam num estirão de estrada, viam a malta desaparecendo...” (DL, p. 204, linha 7)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Estirão. “S. m. 3. Bras. Amaz. Trecho de rio que corre em linha reta.”

2. Bariani:

Estirão. “3. Trecho de estrada a percorrer. 4. Trecho retilíneo do curso de um rio.”

Ficha 148 – **Estorceram** (verbo) _____

“*Havia vinte anos apanhara um “ar de estupor” e desde então nunca mais se valera das pernas, que murcharam e se estorceram.* (NACC, p. 4, linha 6)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Estorcer. “V. t. d. P. 6. Torcer-se, retorcer-se, contorcer-se, estorcegar-se.”

2. Bariani: n/e

Ficha 149 – **Estrebuchava** (verbo) _____

“*Agora a mulher estrebuchava molemente, como uma chama que se estivesse apagando num sepulcro.*” (VSQJ, p. 156, linha 22)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Estrebuchar. “V. int. P. 1. Agitar muito os pés e as mãos; mexer muito; não estar quieto; debater-se.”

2. Bariani: n/e

Ficha 150 – **Estrepolias** (substantivo) _____

“*Romãozinho era um espírito diabólico que andava enchendo o sertão de estrepolias.*” (AL, p. 88, linha 27)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Estrepolia. “Peraltice; traquinice.”

Ficha 151 – **Estuporada** (adjetivo) _____

“*O menino chorava aos berros, tratando de subir pelos ombros da estuporada e alcançar o teto.*” (NACC, p. 7, linha 28)

Registro em dicionários

1. Aurélio:
Estuporar. “V. t. d. P. 5. Tornar-se desprezível, abjeto. 6. Estragar-se, deteriorar-se; apodrecer.”

2. Bariani: n/e

Ficha 152 – **Estuporavam** (verbo) _____

“Havia um remanso escuramente frio, onde as águas viscosas se estuporavam em lerdo torvelinho, ajuntando folhas, garranchos.” (MCA, p. 110, linha 15)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 153 – **Esturrava** (verbo) _____

“A onça esturrava e o monge saía com passo firme por entre os troncos respeitáveis.” (PN, p. 230, linha 13)

Registro em dicionários

1. Aurélio:
Esturrar. “V. t. d. 4. Bras. Dar esturro, rosnar.”

2. Bariani:
Esturrar. “Urrar (onça-pintada).”

Ficha 154 – **Eta** (interjeição) _____

“– Eta chão parado!” (UDNV, p. 14, linha 24)

Registro em dicionários

1. Aurélio:
Eta. “Interj. Bras. Exprime alegria, incitamento, surpresa, espanto.”

2. Bariani:
Eta. “Exprime admiração, satisfação.”

Ficha 155 – **Fechamento do corpo** (expressão) _____

“Vivia disso: beberagens contra gálico, benzeduras, resposno, fechamento de corpo, etc.”
(PN, p. 232, linha 7)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Fechar o corpo. “2. Tornar o corpo imune a facada, tiro, picada de cobra, feitiços.”

Ficha 156 – **Feito muié** (expressão) _____

“- Esse minino é feito muié. Tem medo docês...” (AL, p. 33, linha 9)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 157 – **Fouveiro** (adjetivo) _____

“A preta Joana rolava uns olhos arregalados, com uma expressão agônica no rosto fouveiro, a beijorra estalando.” (AL, p. 20, linha 29)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Fouveiro. “2 Indivíduo de cor acinzentada.”

Ficha 158 – **Frejes** (substantivo) _____

“Em Araguari, em muitos outros pousos, metera-se em frejes dos trezentos, de que saíra todo marcado de ponta de punhal...” (UDNV, p. 15, linha 2)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 159 – **Friorentos** (adjetivo) _____

“Os gritos friorentos das marrecas povoavam de terror o ronco medonho da cheia.” (NACC, p. 6, linha 22)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 160 – **Fuxicado** (adjetivo) _____

“No canto escuro do quarto, o pito da velha Nhola acendia-se e apagava-se sinistramente, alumando seu rosto macilento e fuxicado.” (NACC, p. 6, linha 26)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 161 – **Fuzuê** (substantivo) _____

“Aí então o fuzuê engrossou.” (AL, p. 23, linha 15)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Fuzuê. “S. m. Bras. Gir. 2. Barulho, confusão, conflito, rolo.”

2. Bariani:

Fuzuê. “Encrenca; rolo; fuá.”

Ficha 162 – **Gaja** (substantivo) _____

“– Você quer tomar conta dessa gaja, Brasa?” (DL, p. 214, linha 11)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 163 – **Gameleira** (substantivo) _____

“O bando de pássaros-pretos, porque um gado passou correndo pelo largo, voou e foi pousar na gameleira... (UDNV, p. 14, linha 3)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Gameleira. “S. f. Bras.Bot. V. quaxinduba.”

2. Bariani:

Gameleira. “Figueira de duas raízes com a qual se fazem gamelas.”

Ficha 164 – **Garraro** (verbo) _____

“[...] qui o povo garraro a fala que a minina tomem era fia de seu Carlos...” (LS, p. 149, linha 9)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Garrar. “Começar.”

Ficha 165 – **Garupa** (substantivo) _____

“As três pessoas agarraram-se freneticamente aos buritis, mas um tronco de árvore que derivava chocou-se com a embarcação, que agora corria na garupa da correnteza.” (NACC, p. 9, linha 26)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 166 – **Gastura** (substantivo) _____

“E o guizalhar áspero de sua raiva ficou empestando a calma, dando uma gastura enjoada na gente.” (AM, p. 242, linha 16)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Gastura. “S. f. Bras. Prurido, comichão, arrepio, aflição, irritação nervosa, originados por sons ou ruídos, sensações de tato.”

2. Bariani:

Gastura. “Aflição; mal-estar; inquietação.”

Ficha 167 – **Gerai**s (substantivo) _____

“O coronel tangerá muitos burros por essas estradas agressivas, em todos os sentidos, acordando ecos virgens nos ocos de brocotós [...] pelos gerais malvados de Goiás.” (UDNV, p. 14, linha 18)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Gerais. “S.m. pl. Bras. 1. Campos do Planalto Central. 2. Lugares desertos e intransitáveis no sertão do Nordeste.”

2. Bariani:

Gerais. “Lugar de vegetação rasteira; descampado; sertão bruto.”

Ficha 168 – **Godó** (substantivo) _____

“Por isso, até hoje, se Maragã visse um tacho de sabão, podia ele estar já no ponto de secar, a massa dessorava, virava um godó fedorento.” (AL, p. 28, linha 27)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Godó. “2. Caldo grosso, viscoso de sujeira.”

Ficha 169 – **Gué-gué** (substantivo) _____

“A voz irritante de um gué-gué sacudiu a pasmaceira...” (CIOL, p. 175, linha 10)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 170 – **Guizalhar** (verbo) _____

“E o guizalhar áspero de sua raiva ficou empestando a calma, dando uma gastura enjoada na gente.” (AM, p. 242, linha 14)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Guizalhar. “V. int. Bras. 1. Agitar guizos. 2. Produzir o som do guizo.”

2. Bariani:

Guizalhar. “Soar à maneira de guizos.”

Ficha 171 – **Im riba** (locução adverbial) _____

“- *Ocê bota a gente hoje im riba do jirau, viu?* (NACC, p. 6, linha 27)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

Riba. *Em riba de. Em cima de.

2. Bariani:

Riba. “Para cima; acima.”

Ficha 172 – **Indês** (locução adverbial) _____

“- *Foi o que falei indês que ele chegô.*” (AL, p. 59, linha 12)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 173 – **Instou** (verbo) _____

“[...] e foi atrás do padrinho, instou, fez tudo que pôde, mas ele não quis voltar.” (PN, p. 235, linha 13)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 174 – **Intãoce** (advérbio) _____

“Apois intãoce ele vorta – interpelou o compadre agachado na sombra.” (UAT, p. 129, linha 13, 14)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 175 – **Inté** (Preposição) _____

“- Cum essa bicha eu infrento inté o cão, Moisés.” (UDNV, p. 16, linha 15)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Inté. “Prep. Ant. Pop. Até.”

2. Bariani:

Inté. “M. q. até.”

Ficha 176 – **Inzona** (substantivo) _____

“- Larga de inzona, porqueira.” (PNL, p. 125, linha 11)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Inzonar. “V. t. d. Bras. Pop. Intrigar, enredar, mexericar.”

2. Bariani:

Inzona. “Lerdeza, demora.”

Ficha 177 – **Itambé** (substantivo) _____

“Muito mais longe, num itambé, a mesa do carro.” (AL, p. 22, linha 25)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Itambé. “S. m. Bras. S. MT V. itaimbé. Monte agudo e escarpado.”

2. Bariani:

Itambé. “(Mato Grosso) Monte agudo e escarpado ou despenhadeiro.”

Ficha 178 – **Jeriza** (substantivo) _____

“Tinha uma “jeriza” especial dos casos sem-vergonhas de Manuel.” (AL, p. 77, linha 1)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Jeriza. “S. f. Bras. Ant. Raiva, ira, ódio, ojeriza.”

2. Bariani:

Jeriza. “2. Raiva.”

Ficha 179 – **Jirau** (substantivo) _____

“- Océ bota a gente hoje im riba do jirau, viu?” (NACC, p. 6, linha 27)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Jirau. “S. m. Bras. 4. Cama de varas.”

2. Bariani:

Jirau. “2. Cama-de-varas.”

Ficha 180 – **Jururu** (adjetivo) _____

“Coitado, tava tão jururu.” (OP, p. 225, linha 19)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Jururu. “Adj. Bras. 1. Triste, melancólico . V. tristonho. 2. Acabrunhado, abatido, cururu.”

2. Bariani:

Jururu. “Acabrunhado; tristonho; quieto.”

Ficha 181 – **Lapiana** (substantivo) _____

“Na mão esquerda – era canhoto, o malvado – estava uma baita lapiana dois palmos.” (CBT, p. 122, linha 15)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Lapiana. “Faca muito comprida.”

Ficha 182 – **Largou de mão** (expressão) _____

“- Isso aqui já foi fazenda toda a vida. Agora é que seu Anísio largou de mão.” (CIOL, p. 177, linha 5)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Largar de mão. “Desistir, abandonar.”

Ficha 183 – **Lazarina** (substantivo) _____

“Uma vez, Januário ainda tinha a lazarina, pregou um tiro num veado.” (MCA, p. 110, linha 21)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Lazarina. “S. f. Bras. Espingarda de passarinhar, de cano fino e longo.”

2. Bariani:

Lazarina. “Espingarda chumbeira de cano bem comprido.”

Ficha 184 – **Levasse tudo a breca** (expressão) _____

“O diabo é que só tinha um punhal, mas que levasse tudo a breca.” (CIOL, p. 181, linha 6)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Levar a breca. * Morrer; desaparecer.

2. Bariani:

Levar as brecas. “Atrapalhar tudo”.

Ficha 185 – **Ligares** (substantivo) _____

“Arrumava os dobros, ajeitava os ligares, arrojava a sobrecarga...” (NACC, p. 15, linha 12)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Ligal. “S. m. Bras. Couro cru, de boi, com que se recobrem as cargas transportadas por animais, a fim de as proteger contra a chuva.”

2. Bariani:

Ligal. “Couro cru de boi, usado como cobertura dos carros de bois e cargueiros, para abrigá-los da chuva, e como forro de chão para servir de cama.”

Ficha 186 – **Ligite** (adjetivo) _____

“- Baiano dos ligite, - como dizia o coronel, - mas não haverá de beber.” (UDNV, p. 14, linha 29)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 187 – **Macutena** (substantivo) _____

“- Aí num tem pirigo de fica macutena. De jeito nenhum!” (AM, p. 247, linha 18)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Macutena. “S. f. Bras. MG 1. V. lepra.”

2. Bariani:

Macutena. “Leproso.”

Ficha 188 – **Madrinha** (substantivo) _____

“[...] dava umas ordens secas e eis a tropa tilintante, em fila, atrás da madrinha, num trotão estugado...” (UDNV, p.15, linha 14)

 Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Madrinha. “Égua ou mula que viajava na frente da tropa cargueira (com cabeçada e guizos) para servir de guia aos outros animais.”

 Ficha 189 – **Malinagem** (substantivo) _____

“Tambiú, como se chamava o dito-cujo, tornou-se conhecidíssimo pela sua malinagem.”
(CBT, p. 118, linha 27)

 Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Malinagem. “Maldade.”

 Ficha 190 – **Mamotes** (substantivo) _____

“[...] tomei com o chofer, um bom copo de leite quente, tirado ao pé da vaca, no maior dos atentados legais contra os direitos dos mamotes.” (AM, p. 239, linha 6)

 Registro em dicionários

1. Aurélio:

Mamote. “Adj. 3. Bras. Animal crescido que ainda mama.”

2. Bariani: n/e

 Ficha 191 – **Mandruvá** (substantivo) _____

“Mexeu, virou e só viu um mandruvá e uma taturana.” (PN, p. 233, linha 18)

 Registro em dicionários

1. Aurélio:

Mandruvá. “S. m. Bras. Zool. V. mandorová.”

2. Bariani: n/e

Ficha 192 – **Mão de pilão** (substantivo) _____

“O vulto grandão do cantor inclinou-se perto da cama, mas Benício, feito um gato, num pulo ágil, meteu-lhe a mão de pilão no alto do piolho.” (UAT, p. 134, linha 8)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Mão de pilão. “Haste de madeira trabalhada, de socar ingredientes no pilão.”

Ficha 193 – **Mascado** (adjetivo) _____

“O coronel foi nesse tom mascado, gostoso, lembrando eras ferozes, em que Araguari era ponta de linha.” (UDNV, p. 14, linha 11)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 194 – **Mataria** (substantivo) _____

“-E mergulhava outra vez na luz verdolenga da mataria.” (PN, p. 231, linha 15, 16)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Mataria. “S. f. Bras. Grande extensão de mata ou mato.”

2. Bariani: n/e

Ficha 195 – **Mecê** (pronome) _____

“Polo amô da mãe do sinhô que mecê num chegô nem a conhecê.” (CIOL, p. 186, linha 17)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Mecê. “Pron. Pess. Bras. Pop. V. você.”

2. Bariani: n/e

Ficha 196 – **Meleta** (substantivo) _____

“O meleta morreu no baque.” (UDNV, p. 16, linha 11)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Meleta. “Tamanduá-mirim.”

Ficha 197 – **Metia** (verbo) _____

“Meu pai se levantava. Abria a janela e metia pedradas no cachorro.” (AL, p. 25, linha 8)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Meter. “V. t. d. 8. Pop. V. atacar.”

2. Bariani: n/e

Ficha 198 – **Moirão** (substantivo) _____

“Passou a ser um espetáculo concorrido esse de André estrebuchar no moirão, no meio do largo da cadeia.” (AL, p. 89, linha 26)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Moirão. “M. q. mourão.”

Ficha 199 – **Molambos** (substantivo) _____

“Dilacerou-lhe o ventre e em seguida arrastou aqueles molambos lá para a grotta.” (PN, p. 238, linha 13)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 200 – **Monã** (substantivo) _____

“De minhãzinha, que monã que ele num fazia.” (OP, p. 225, linha 24)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Monã. “Barulho confuso de vozes.”

Ficha 201 – **Monjolo** (substantivo) _____

“Ele, então, foi à janela, ralhou com alguém que corria atrás dos patos no rego do monjolo...” (LS, p. 147, linha 14)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Monjolo. “S. m. 3. Bras. MG S. Engenho tosco, movido a água, usado para pilar milho e, primitivamente, descascar café.”

2. Bariani:

Monjolo. “Engenho rústico movido por água e destinado principalmente a pilar o milho.”

Ficha 202 – **Morrão** (substantivo) _____

“Se pudesse fumar! Mas isso chamaria a atenção: a claridade do fósforo, o morrão do cigarro.” (CIOL, p. 185, linha 30)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 203 – **Mundéu** (substantivo) _____

“No mais, era só armar o mundéu para pegar quantos caititus, quantas pacas, quantos bichos quisesse.” (MCA, p. 110, linha 6)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Mundéu. “S. m.1. Bras. Armadilha de caça.”

2. Bariani:

Mundéu. “Armadilha que consiste num tronco de árvore bem pesado disposto de modo tal que, apenas a caça toque na isca, cai-lhe o peso em cima, prendendo-a.”

Ficha 204 – **Mundice** (substantivo) _____

“- Com essa chuva de dilúvio tudo quanto é mundice entra pro rancho e eu num quero drumi no chão não.” (NACC, p.6, linha 29)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Mundice. “M. q. mundiça.”

Ficha 205 – **Muxoxo** (substantivo) _____

“- Num sei, - disse Mané num muxoxo...” (AL, p 99, linha 6)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 206 – **Nacos** (substantivo) _____

“Pelo curral, porcos mortos; um novilho jungido ao moirão olhava a fogueira, onde nacos de outros bois se tostavam.” (DL, p. 212, linha 25)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 207 – **Navalha** (adjetivo) _____

“As pernas fortes, tostadas, mal encobertas, aumentavam o desejo do Izé, que era uma navalha na valsa.” (MCA, p. 112, linha 17)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 208 – **Num é frô de cheirá** (adjetivo) _____

“Seu Quelemente num é frô de cheirá.” (AL, p. 66, linha 4)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

*Não ser flor de se cheirar. “Bras. Fam. Ser desonesto, menos correto, ou não muito digno de confinça.”

2. Bariani:

Não ser flor de se cheirar. “Ser mau-caráter, desonesto.”

Ficha 209 – **Oca** (substantivo) _____

“Um casarão baixo, de janelas de grades, pintado a oca.” (AL, p. 25, linha 22)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Oca. “Óxido de ferro ou mineral ferroso, que serve de tinta avermelhada para pintura de casas.”

Ficha 210 – **Oco de mundo** (expressão) _____

“A gente sozinha toda a vida nesse oco de mundo.” (PN, p. 233, linha 15, 16)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Oco do mundo. S. m. Bras. Terras muito distantes; fim do mundo.”

2. Bariani:

Oco de mundo. “Fim de mundo; lugar deserto.”

Ficha 211 – **Olhos de pua** (expressão) _____

“- *É o mato?* – *perguntou engasgadamente Nhola, cujos olhos de pua furavam o breu da noite.*” (NACC, p. 9, linha 15)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 212 – **Ora bolas** (interjeição) _____

“*Eu não sou bicho, ora bolas!*” (DL, p. 208, linha 14)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 213 – **Pá** (substantivo) _____

“*Em Araguari, em muitos outros pousos, metera-se me frejes dos trezentos, de que saíra todo marcado de ponta de punhal, e uma vez com um balaço de pro riba da volta da pá direita.*” (UDNV, p. 15, linha 5)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 214 – **Pacuera** (substantivo) _____

“Tirou um taco de pacuera e voltou.” (PN, p. 235, linha 28)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Pacuera. “S. f. Bras. Fressura de boi, de porco ou de carneiro.”

2. Bariani:

Pacuera. “3. Fressura, víscera, entranha (do boi).”

Ficha 215 – **Paiol** (substantivo) _____

“Três anos depois, mais ou menos, estava André carregando milho da roça para o paiol...”
(AL, p. 22, linha 6)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Paiol. “S. m. 4. Bras. MG SP Depósito ou tulha de milho ou de outros cereais.”

2. Bariani:

Paiol. “4. Cômodo em que ficam armazenadas espigas de milho.”

Ficha 216 – **Palor** (substantivo) _____

“O coronel, circunspecto, muito senhor de si, comia o bigodão branco e suas pupilas se cobriam de um palor vítreo de lascívia senil.” (VSQJ, p. 157, linha 13)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 217 – **Pamonha** (adjetivo) _____

“- Ô, lerdexa! Veja o que faz, pamonha!” (CEDC, p. 152, linha 20)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Pamonha. “S. f. Bras.2. Pessoa mole, preguiçosa, inerte, desajeitada.”

2. Bariani:
Pamonha. “2. Indivíduo molenga, sem expediente.”

Ficha 218 – **Pança** (substantivo) _____

“Encheu-lhe a pança, aguentou a fala engrolada, perdeu horas de sono e de trabalho.” (AL, p. 47, linha 28)

Registro em dicionários

1. Aurélio:
Pança. “S. f. 2. Pop. Barriga grande; barriga.”

2. Bariani:
Pança. “Barriga. * Encher a pança Fartar-se de comida.”

Ficha 219 – **Pança** (substantivo) _____

“Arranjam pança e vão pôr culpa em gente de casa.” (VSQJ, p. 158, linha 18)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 220 – **Papuira** (substantivo) _____

“É a derradeira papuira. O resto o bicho comeu.” (LS, p.148, linha 14)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:
Papuira. “Raça de galinha comum, caipira.”

Ficha 221 – **Parabélum** (substantivo) _____

“Ele conservava da antiga farda um resto de culote, uma bota que lhe vinha até os joelhos e o parabélum.” (DL, p. 204, linha 25)

 Registro em dicionários

1. Aurélio:

Parabélum. “S. f. Bras. Certa pistola automática, de procedência alemã.”

2. Bariani: n/e

 Ficha 222 – **Pardavasco** (adjetivo) _____

“Olhei para cima – um céu pardavasco de água suja, onde rolava um sol defunto de laranja podre.” (LS, p. 143, linha 15)

 Registro em dicionários

1. Aurélio:

Pardavasco. “Adj. S. m. Bras. 1. Diz-se de, ou indivíduo de cor carregada, amulatado.”

2. Bariani: n/e

 Ficha 223 – **Paulão** (substantivo) _____

“Mas se o negro estivesse mesmo ali atrás desse paulão, de tocaia...” (CIOL, p. 184, linha 29)

 Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

 Ficha 224 – **Pé ante pé** (expressão) _____

“A noite entrava pé ante pé na varanda, como um ladrão terrível...” (LS, p. 144, linha 16)

 Registro em dicionários

1. Aurélio:

Pé ante pé. “*Devagar, cautelosamente; na ponta dos pés.”

2. Bariani: n/e

Ficha 225 – **Pega pra capar** (expressão) _____

“Estavam nesse pega pra capar, quando o delegado chegou.” (AL, p. 100, linha 3)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Pega-pra-capar. “confusão.”

Ficha 226 – **Pelanquento** (adjetivo) _____

“Uma analfabeta candeia de azeite deslizou de dentro do casarão, iluminando um rosto pelanquento.” (CIOL, p. 176, linha 7,8)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 227 – **Perambeira** (substantivo) _____

“[...] – o diabo refugiava-se ali dentro fugindo à inundaçãõ que aos poucos ia galgando a perambeira do morrote.” (NACC, p.6, linha 10)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Perambeira. “S. f. Bras. Precipício, abismo.”

2. Bariani: n/e

Ficha 228 – **Perau** (substantivo) _____

“- Lá se foi Quelemente gritando dentro da noite, até que água lhe encheu a boca aberta (...) e foi deixa-lo empanzinado, nalgum perau distante, abaixo da cachoeira.” (NACC, p. 12, linha 25)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Perau. “S. m. Bras. 1. Declive rápido do fundo do mar ou de um rio, junto à costa ou à margem.”

2. Bariani:

Perau. “1. Lugar mais fundo do canal ou de uma ressaca.”

Ficha 229 – **Pernambucana** (substantivo) _____

“Ramiro examinou bem o dorminhoco e de repente, tirando a pernambucana da cinta, ia pular no Benício.” (UAT, p. 132, linha 27)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Pernambucana. “S. f. Bras 1. Faca de ponta.”

2. Bariani: n/e

Ficha 230 – **Perrengado** (adjetivo) _____

“Buli gente num bole, mais bicho... o sinhô anda perrengado...” (PN, p. 229, linha 10)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Perrengue. “Adj. 2. Bras. Fraco, desalentado; lerdo. 3. Bras. Imprestável, ruim.”

2. Bariani:

Perrengue. “2. Adoentado; indisposto.”

Ficha 231 – **Pescoções** (substantivo) _____

“Um medo danado de que o louco entrasse ali e matasse meu pai, me matasse, matasse minha mãe, quebrasse os santos e desse pescoções na preta Joana...” (AL, p. 20, linha 11)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Pescoção. “S. m. Bras. 2. Sopapo, taponá, tabefe.”

2. Bariani:

Pescoção. “Tapa, soco.”

Ficha 232 – **Pião** (substantivo) _____

“O casco do burro e a pião de carro de boi abriram-se as estradas desse mundão analfabeto de Brasil.” (UDNV, p. 14, linha 21)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Pião. “2. No carro de bois, cravos de ferro para ferrar a roda do carro.”

Ficha 233 – **Picarço** (substantivo) _____

“Fulô olhou para o animal e reconheceu muito bem o picarço do amante.” (UAT, p. 136, linha 6)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Picarço. “S. m. Prov. Port. V. pigarço.”

2. Bariani: n/e

Ficha 234 – **Picuá** (substantivo) _____

“Tinha um picuá munto xujo na mão e pediu preu assá uma carne prele.” (VSQJ, p. 161, linha 27)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Picuá. “S. m. 2. Bras. Saco de lona ou de algodão para levar roupa ou comida.”

2. Bariani:

Picuá. “1. Cesto, mala, embornal.”

Ficha 235 – **Pilão** (substantivo) _____

“Os vizinhos viviam pedindo troços emprestados: pilão, tacho, almofariz, máquinas de moer carne.” (AL, p.42, linha 16)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Pilão. “S. m. 7. Afric. Bras. Gral de pau rijo, us. para descascar e triturar arroz, café, milho, etc.”

2. Bariani:

Pilão. “2. Toro de madeira forte cavado em forma crônica para socar arroz em casca, milho, canjica, carne e farinha para paçoca, etc.”

Ficha 236 – **Pincho** (substantivo) _____

“*Veio mansa, ronronando para ser alisada e de supetão, quando o velho a estava alisando, foi aquele pincho.*” (PN, p.238, linha 9)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 237 – **Pindaíba** (substantivo) _____

“*Bem, pagou os cinco contos, mas em compensação ficou na pindaíba.*” (AL, p. 48, linha 27)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Pindaíba. “S. f. Bras. 4. Falta de dinheiro.”

2. Bariani:

Pindaíba. “2. Falta de dinheiro.”

Ficha 238 – **Pinhéns-pinhéns** (substantivo) _____

“*[...] acordando ecos virgens nos ocos de brocotós, espantando pinhéns-pinhéns pelos gerais malvados de Goiás.*” (UDNV, p. 14, linha 18)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Pinhé. “S. m. Bras. Zool. V. gavião-carrapateiro.”

2. Bariani:

Pinhém. “Variedade de gavião, de magreza característica, que pousa nos animais para catar carrapato.”

Ficha 239 – **Pio** (substantivo) _____

“Seu coronel deu um copo d’água para o louco e nesse resto de dia e resto de noite o coitadinho não deu um pio sequer.” (AL, p.30, linha 30)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Piar. “Falar ao menos uma palavra, da um pio.”

Ficha 240 – **Piolho** (substantivo) _____

“O vulto grandão do cantor inclinou-se perto da cama, mas Benício, feito um gato, num pulo ágil, meteu-lhe a mão de pilão no alto do piolho.” (UAT, p. 134, linha 8)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Piolho. “A cabeça.”

Ficha 241 – **Piquá** (substantivo) _____

“Norato passou a mão do piquá, atirou-o às costas e foi de cabeça baixa pela estrada.” (PN, p. 234, linha 26)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Piquá. “2. Capanga, embornal.”

Ficha 242 – **Pirai** (substantivo) _____

“Viajava com uma baita pirai na mão e aquele que retardasse, marchava, quisesse ou não, debaixo do seu relho.” (DL, p.204, linha 12)

Registro em dicionários

1. Aurélio:
Piraf. “S. m. Bras. 1. Azorrague de couro cru.”

2. Bariani:
Piraf. “Grande chicote trançado de couro cru.”

Ficha 243 – **Piteira** (substantivo) _____

“Na frente da casa erguia-se o copiá feito de piteira e folhas de bananeiras.” (NSJ, p. 195, linha 8)

Registro em dicionários

1. Aurélio:
Piteira. “S. f. Bras. Bot. Grande erva rosulada, da família das agaviáceas de origem mexicana, mas já subspontânea no Brasil, e cujas folhas, grossas, longas e aceradas, fornecem boas fibras.”

2. Bariani:
Piteira. “Árvore da pita (sisal); bingueiro; jequitibá. 2. Agave.”

Ficha 244 – **Poronós** (substantivo) _____

“Notei mais, que o rosto não tinha nariz e estava cheio de calombos e poronós.” (AM, p. 245, linha 20)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:
Poronó. “Calombo; inchaço.”

Ficha 245 – **Postema** (substantivo) _____

“Toda a parte coberta pelo couro do colete, sem arejamento, virou um postema só.” (AL, p. 105, linha 16)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 246 – **Pra mode** (locução adverbial) _____

“- *Apois se é pra mode a muié ocê num carece de xujá sua arma.*” (MCA, p. 113, linha 14, 15)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Pra mode. “Por causa de.”

Ficha 247 – **Pro riba** (locução adverbial) _____

“[...] *saíra todo marcado de ponta de punhal, e uma vez com um balaço de pro riba da volta da pá direita.*” (UDNV, p. 15, linha 5)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Riba. *Pra riba de. Pra cima de.

2. Bariani:

Riba. “Para cima, acima.”

Ficha 248 – **Puçá** (substantivo) _____

“*Lá da sala, onde mamãe ficou fazendo puçá, a gente podia ouvir suas risadas...*” (AL, p. 53, linha 10)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Puçá. “S. m. 4. Bras. CE Borla de algodão com a qual se enfeitam redes. 5. Bras. SP. Tipo de renda de guarnição para vestidos

2. Bariani: n/e

Ficha 249 – **Quebrou cangalha** (expressão) _____

“*Antão quebrou cangalha, contornou o edifício pelos fundos, a turma rente com ele, e alcançou a outra entrada, do lado oposto.*” (AL, p. 94, linha 21)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Quebrar cangalha. “Guinar.”

Ficha 250 – **Quede** (pronome) _____

“*Ficô com sodade de casa, mas quede achá jeito de vortá.*” (OP, p. 226, linha 15)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Quede. “Bras. Pop. F. empregada interrogativamente no sentido de: que é de? Onde está?”

2. Bariani:

Quede. “Cadê, que é de, onde está.”

Ficha 251 – **Quero-queros** (substantivo) _____

“*Quero-queros voaram gritando, porque vinha gente no trilho.*” (PV, p. 236, linha 22)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Quero-queros. “S. m. Bras. Zool. Ave caradriiforme, caradriídea, do gênero *Belonopterus*, com duas subespécies brasileiras (...). A coloração geral é cinzento-clara, com ornatos pretos na cabeça, peito, asa e cauda, as coberteiras maiores e abdome brancos, bico e pernas encarnados. Caracteriza-se sobretudo pelo esporão vermelho no encontro das asas e penas longas da região posterior da cabeça.”

2. Bariani:

Quero-queros. “Ave pernalta, espécie de curicaca.”

Ficha 252 – **Quitute** (substantivo) _____

“*Um cachorro romântico passou pela porta e foi comer esse quitute lá não sei onde.*” (PNL, p. 127, linha 10)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Quitute. “S. m. 1. Angol. Bras. V. petisco.”

2. Bariani:

Quitute. “Petisco.”

Ficha 253 – **Rabo dos olhos** (expressão) _____

“Benício fez que dormia, mas ficou vigiando o bruto com o rabo dos olhos.” (UAT, p. 132, linha 25)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Rabo do olho. “Olhar com o canto do olho, de soslaio.”

Ficha 254 – **Recortado** (substantivo) _____

“Meteu-se pela roça, onde vivia, de fazenda em fazenda, tocando viola, cantando recortado, tirando terços e velando defuntos.” (UDNV, p.18, linha 14)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Recortado. “S. m. 6. Bras. MG SP GO MT Dança de roda, do tipo cateretê, ao som da viola. 7. Bras. GO Canto popular, complementar da moda (6), em andamento vivo com assunto humorístico ”

2. Bariani:

Recortado. “Complemento das modas de viola, em forma de catira, de andamento mais ligeiro e com tema humorístico ou moralizante.”

Ficha 255 – **Ribá** (verbo) _____

“O mió mermo é ribá criolim.” (AL, p. 106, linha 21)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 256 – **Rídico** (adjetivo) _____

“Achava que sá Maria iria dizer que ele era um sovina – “um rídico”.”(AL, p. 67, linha 25)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Rídico. “Adj. Bras. MG Fam. V. avaro.”

2. Bariani:

Rídico. “Avarento; pessoa que nega tudo ao próximo.”

Ficha 257 – **Riso desbotado** (expressão) _____

“– *Estou melhor, - respondeu ela rindo um riso tão desbotado...*” (AL, p. 35, linha 10)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 258 – **Ruana** (substantivo) _____

“*O baiano vinha montado, carregando o Angelino no arção da cutuca, com a ruana do companheiro amarrada à cauda do seu pelo de rato.*” (UDNV, p. 17, linha 20)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Ruana. “Besta clara de crinas amarelas.”

Ficha 259 – **Sapata** (substantivo) _____

“*Chegados à cadeia, subiam à sapata da janela, introduziam por entre o xadrez o prato.*” (AL, p. 30, linha 10)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 260 – **Sapiroquentos** (adjetivo) _____

“Espetou seus olhos vagos, empapuçados, sapiroquentos nas brasas, como se os quisesse assar a todo o custo.” (NSJ, p. 196, linha 24)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Sapirooca. “Adj. Bras. 2. Diz-se dos olhos inflamados ou sem pestana.”

2. Bariani:

Sapiroquento. “Com sapiroca. Sapirooca. 1. Olho branco, inflamado ou sem pestanas. 2. Inflamação da pálpebra.”

Ficha 261 – **Sem tirá nem pô** (expressão) _____

“[...] - o coati lá de casa foi desse jeitim, sem tirá nem pô.” (OP, p. 226, linha 18,19)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Sem tirar nem pôr. “*Exatamente; tal qual; sem diferença nenhuma; sem tirar nem botar.”

2. Bariani:

Sem tirar nem pôr. “Do mesmo modo; sem qualquer diferença; exatamente.”

Ficha 262 – **Seu bão dele** (expressão) _____

“[...] – Tambiú era um que já estava muito “seu bão dele” noutro lugar.” (CBT, p. 120, linha 14)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Seu bom dele. “À vontade; feliz; satisfeito.”

Ficha 263 – **Sojigava** (verbo) _____

“Na escuridão do rancho, os olhos de pai Norato atraíam irresistivelmente e um medo ruim sojigava a mulher.” (PN, p. 237, linha 11)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Sojigar. “V. t. d. Bras. N. E. MG Açor. Pop. Dominar, conter, aguentar, subjugar.”

2. Bariani: n/e

Ficha 264 – **Sovas** (substantivo) _____

“Havia sovas marcadas com semanas de antecedência, que a gente esperava numa ansiedade angustiada...” (AL, p. 32, linha 2)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Sova. “S. f. 4. Bras. Fam. Surra.”

2. Bariani: n/e

Ficha 265 – **Suçuarana** (substantivo) _____

“A suçuarana esturrou grosso e marchou agachadinha para ele...” (PN, p. 237, linha 21)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Suçuarana. “S. f. Bras. Zool. Mamífero carnívoro, felídeo, comum em toda a América nos tempos coloniais.”

2. Bariani:

Suçuarana. “Onça parda, de porte médio.”

Ficha 266 – **Sucupira** (substantivo) _____

“Mais adiante um sucupira abria sua copa roxa, que era antes um grito aflitivo, no ambiente sonambulesco.” (LS, p. 147, linha 11)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Sucupira. “S. f. Bras. Bot. 1. Designação comum a espécies papilionóideas, do gênero *Ormosia*, caracterizadas pelas sementes muito duras e de coloração vermelho-sanguínea, com mancha negra. São árvores providas de frutos do tipo vagem.”

2. Bariani:

Sucupira. “Árvore do Cerrado que pode ser branca, de flores lilases claras, e preta, de flores roxas.”

Ficha 267 – **Sumana** (substantivo) _____

“Num conto nada, Sinhana, obra de uma sumana, óia urubu fazeno roda na beira do currá.”
(OP, p. 226, linha 12, 13)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Sumana. “M. q. semana.”

Ficha 268 – **Supetão** (substantivo) _____

“Podia ser meio-dia quando o carro estacou de supetão.” (AM, p. 241, linha 12)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Supetão. “*De supetão. De súbito; de repente; repentinamente; imprevistamente.”

2. Bariani: n/e

Ficha 269 – **Tabocuçu** (substantivo) _____

“Levava caça aos gatinhos de suçaranas entocados nas moitas de tabocuçu.” (PN, p. 230, linha 6)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 270 – **Taco** (substantivo) _____

“- Essa pequena tá ficano um taco.” (VSQJ, p. 157, linha 15)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Taco. “S. m. 8. Bras. D. Gír. Indivíduo jeitoso, capaz, hábil.”

2. Bariani:

Taco. “Pessoa muito bonita.”

Ficha 271 – **Talagada** (substantivo) _____

“*Mudou-se de lugar, mexeu-se, tomou uma talagada braba de pinga...*” (CBT, p.119, linha 5)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Talagada. “S. f. Bras. Pop. Porção de bebida alcoólica que se toma duma só vez.”

2. Bariani:

Talagada. “Grande gole de bebida forte, como cachaça.”

Ficha 272 – **Tantã** (adjetivo) _____

“*Os cascos do animal foram cutucando a noite como um tantã fantasma até que o som se perdeu ao longe...*” (DL, p.212, linha 20)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Tantã. “Adj. Bras. Fam. Amalucado, maluco, desequilibrado, tonto.”

2. Bariani:

Tantã. “Abobalhado.”

Ficha 273 – **Taquaras** (substantivo) _____

“*[...] – e que arrastava as palhas, as taquaras da parede, os detritos da habitação.*” (NACC, p. 8, linha 16)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Taquara. “S. f. Bras. 1. Bot. Designação comum a diversas plantas da família da gramíneas, dotadas de caule oco.”

2. Bariani:

Taquara “Da mesma família da taboca, mas de gomos mais compridos e mais finos.”

Ficha 274 – **Taturana** (substantivo) _____

“Mexeu, virou e só viu um mandruvá e uma taturana.” (PN, p. 233, linha 18,19)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Taturana. “S. f. Bras. 1. Zool. V. tatarana. 2. Espécie de vespídeo.”

2. Bariani:

Taturana. “Espécie de lagarta.”

Ficha 275 – **Tauá** (substantivo) _____

“[...] o mastro pintado de tauá e oca e com o pé à beira do buraco...” (NSJ, p. 195, linha 4)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Tauá. “S. m. Bras. 1. Argila aluvional colorida por óxido de ferro. 2. Tinta amarela extraída dessa argila.”

2. Bariani:

Tauá. “Tinta para decoração de cerâmica rústica.”

Ficha 276 – **Tesou** (verbo) _____

“O barqueiro contava também com a condecoração de umas três orelhas arrancadas a outras tantas vítimas e tesou com ele...” (CBT, p. 121, linha 14)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Tesar. “V. t. d. 2. Mar. G. Bras. Exigir de (um subordinado), com rigor, o cumprimento das suas obrigações.”

2. Bariani: n/e

Ficha 277 – **Tiradeiras** (substantivo) _____

“No outro dia acharam o rodeiro do carro partido, atolado no brejo; pedaços de cangas, canzís, tiradeiras...” (AL, p. 22, linha 22)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Tiradeira. “S. f. 2. Bras. Correia ou corrente que, nos carros de boi puxados por quatro animais, prende a canga dos da frente à dos do coice.”

2. Bariani:

Tiradeira. “Corda grossa de couro cru, que se enfia num furo; no pé do cambão.”

Ficha 278 – **Tirando terços** (substantivo) _____

“*Meteu-se pela roça, onde vivia, de fazenda em fazenda, tocando viola, cantando recortado, tirando terços e velando defuntos.*” (UDNV, p. 18, linha 14, 15)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 279 – **Tiririca** (Adjetivo) _____

“*Meu pai soube. Ficou tiririca.*” (AL, p. 49, linha 3)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Tiririca. “Adj. 5. Bras. Fam. Muito irritado; furioso.

2. Bariani:

Tiririca. “Ficar tiririca – Zangar-se profundamente, ficar altamente irritado.”

Ficha 280 – **Titica** (substantivo) _____

“*Estava um pouco suja de titica de mosquito, mas bem identificável.*” (VSQJ, p. 169, linha 16)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Titica. “S. f. Bras. Pop. Excremento de aves. 2. Merda.”

2. Bariani:

Titica. “Em linguagem infantil, fezes de aves (principalmente galinha).”

Ficha 281 – **Tocaiando** (verbo) _____

“Da cidade de outrora, só restava uma meia dúzia de casas velhas, sujas, arruinadas, tocaindo o tempo, na dobra da serra imensa.” (CBT, p. 117, linha 5)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Tocaiar. “V. t. d. 1. Bras. Emboscar-se a fim de agredir ou matar.”

2. Bariani: n/e

Ficha 282 – **Tranca** (substantivo) _____

“É preciso mandar esse tranca embora.” (AL, p. 101, linha 13)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Tranca. “S. 7. Bras. V. avaro. 8. Bras. Indivíduo que serve de empecilho, ou que é ordinário, de mau caráter.”

2. Bariani:

Tranca. “Pessoa que atrapalha; pessoa indesejável.”

Ficha 283 – **Trem** (substantivo) _____

“É que esses peixes, fanáticos por carne, por sangue, cuidavam ser logo algum trem de comer...” (MCA, p. 110, linha 19)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Trem. “S. m. 10. Bras. MG C. O. Pop. Qualquer objeto ou coisa; coisa, negócio, treco, troço.”

2. Bariani:

Trem. “11. Coisa.”

Ficha 284 – **Trigueira** (adjetivo) _____

“Todos pagaram para ter entre suas mãos a mão trigueira e fina da diabinha da cigana.” (OESV, p. 193, linha 6)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 285 – **Troços** (substantivo) _____

“Os vizinhos viviam pedindo troços emprestados: pilão, tacho...” (AL, p. 42, linha 16)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Troço. “S. m. Bras. Gir. 2. Qualquer objeto cujo nome não importa, ou não se sabe, ou não se quer declinar; coisa, negócio, trem.”

2. Bariani:

Troço, “4. Trem; coisa.”

Ficha 286 – **Tufo** (substantivo) _____

“Novo coice melhor aplicado e um tufo d’água espirrou no escuro.” (NACC, p. 11, linha 10)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

Ficha 287 – **Varado de fome** (expressão) _____

“- Tá varado de fome, cão.” (PN, p. 235, linha 24)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Varado de fome. “Excessivamente faminto.”

Ficha 288 – **Vassourinha** (substantivo) _____

“Todo o mundo saía procurando o louro, revirando as vassourinhas, os ora-pro-nóbis das cercas.” (OP, p. 223, linha 10)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Vassourinha. “S. f. 2. Bras. Bot. Erva da família das escrofulariáceas, amplamente disseminada como ruderal, que tem pequenas flores alvas inaparentes e que, como é muito ramosa e lenhificada, pode ser congregada em feixes para compor vassouras simples e baratas.”

2. Bariani:

Vassourinha. “Conjunto de plantas de pouco crescimento e quase rasteiras.”

Ficha 289 – **Veneta** (substantivo) _____

“Mamãe ficava aflitíssima, vendo a hora que meu pai brigava com sá Maria Lemes (...). Sabia que era veneta.” (AL, p. 50, linha 19)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Veneta. “S. f. 2. P. Impulso repentino.”

2. Bariani:

Veneta. “1. Ter desejo repentino de. 2. Resolver de repente. 3. Entregar-se a um impulso irresistível.”

Ficha 290 – **Zanga** (verbo) _____

“Mas é preciso adivirti essa nação de povo que viero rezá pra Nossa Senhora d’Abadia do Muquém e fé nela que num hai de tê nada e meu zóio num zanga.” (CBT, p. 123, linha 29)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani:

Zangar. “3. Estragar; apodrecer; deteriorar.”

Ficha 291 – **Zanzou** (verbo) _____

“Anísio zanzou no matagal o dia inteiro.” (CIOL, p. 184, linha 1)

Registro em dicionários

1. Aurélio:

Zanzar. “V. int. Bras. V. vaguear.”

2. Bariani:

Zanzar. “Andar à toa; vagabundear.”

Ficha 292 – **Zóio de boi** (expressão) _____

“- *Fio, fais um zóio de boi lá fora pra nós.*” (NACC, p.3, linha 1)

Registro em dicionários

1. Aurélio: n/e

2. Bariani: n/e

4.2 Análise quantitativa

Considerando o objetivo proposto nesta pesquisa - a elaboração do Glossário, será apresentada nesta seção uma análise quantitativa das lexias selecionadas, a fim de melhor operacionalizar o processo de sistematização dessas unidades linguísticas, bem como verificar que tipo de itens lexicais compõe a nomenclatura deste importante instrumento lexicográfico.

4.2.1 Quanto ao número de lexias que aparecem nos dicionários recorridos

Das 292 lexias apresentadas nas fichas lexicográficas, verifica-se que 217 são dicionarizadas. Para melhor ilustrar o número de lexias encontradas em cada dicionário, fez-se um gráfico:

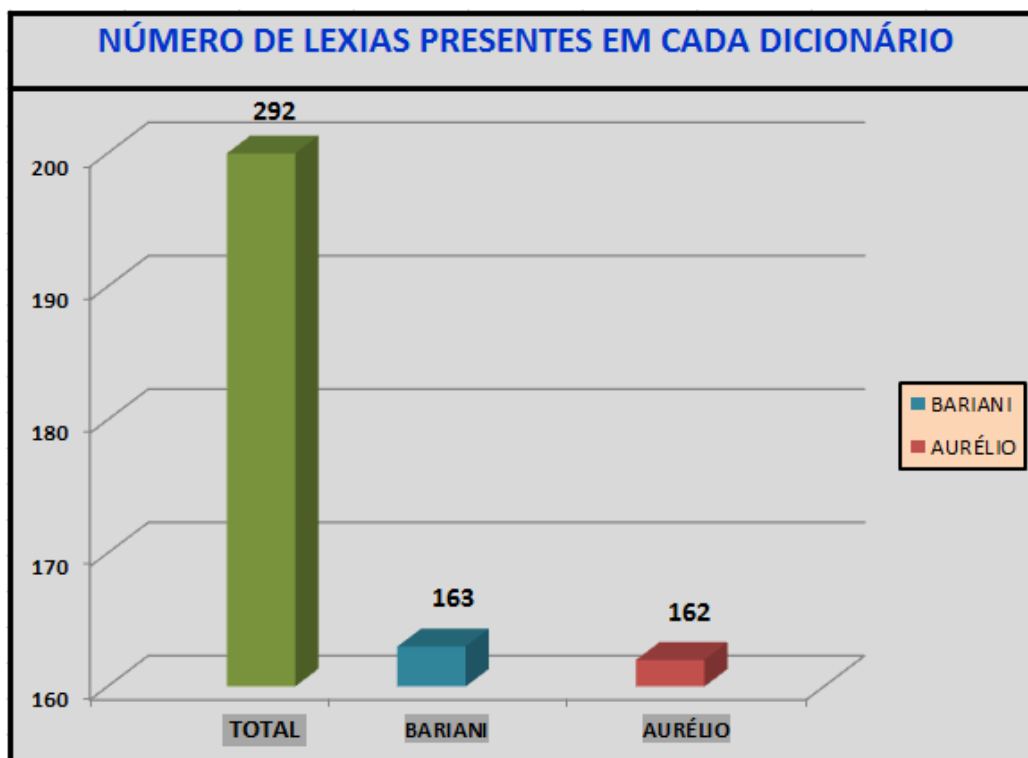


Gráfico 1: Número de lexias encontradas em cada dicionário

O gráfico exhibe, em números absolutos, o número de lexias presentes em cada dicionário: a barra azul, correspondente ao dicionário de Bariani Ortêncio, mostra os 163 vocábulos encontrados nessa obra, o que corresponde a 55, 82% dos 292 vocábulos dicionarizados; já o dicionário Aurélio, representado pela barra vermelha, apresenta as 162 lexias, o que equivale a 55, 48% desse total. Vale lembrar que os vocábulos com sentido incompatível às acepções dicionarizadas foram computados como não dicionarizados.

4.2.2 Quanto às lexias dicionarizadas e não dicionarizadas

Ao analisar as 292 lexias constantes nas fichas constata-se que diversos vocábulos não aparecem em nenhum dos dicionários examinados, já outros são encontrados em pelos menos um desses dicionários. O gráfico a seguir mostra os números encontrados:



Gráfico 2: Distribuição percentual das lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas

Nesse gráfico, as 292 lexias apresentadas nas fichas lexicográficas estão dispostas em dois grupos: de um lado, as lexias dicionarizadas, representadas pela cor azul, e de outro, as lexias não dicionarizadas, representadas pela cor vermelha. Entre os dois grupos, predominam as primeiras com 74, 31% ou 217 lexias dicionarizadas, enquanto as demais atingem apenas um percentual de 25, 68% ou 75 lexias não dicionarizadas.

4.3 Distribuição das lexias em campos lexicais

Ponderando sobre a meta traçada para este estudo, acredita-se que a sistematização dos dados por meio do processo de agrupamento em campos lexicais favorece a identificação, a compreensão do sentido de cada unidade lexical, bem como a visualização das relações semânticas entre cada uma, o que facilita a elaboração de definições dos itens não dicionarizados. Por esta razão, busca-se nesta seção, apresentar um quadro representativo das lexias distribuídas em campos lexicais. Os dados serão organizados em redes de significações com base em um dos importantes domínios da Lexicologia: a teoria dos campos lexicais.

É importante mencionar que o estudo dos campos lexicais se desenvolveu a partir da primeira metade do século XX, sob a influência das ideias de Saussure propagadas através de seu livro *Curso de Linguística Geral* (1916). Nesta obra, o autor conceitua a língua como um sistema linguístico, composto de elementos interdependentes que formam um conjunto solidário, e ressalta a impossibilidade de analisar os elementos linguísticos isolados do

sistema que eles compõem. Estes princípios teóricos deram origem a vários trabalhos, dentre os quais convém destacar: a teoria dos campos linguísticos adotada por Jost Trier (1934); os campos nocionais de George Matoré (1953); os campos lexicais de Horst Geckeler (1976); e a teoria dos campos lexicais de Eugênio Coseriu (1977).

A teoria dos campos linguísticos adotada por Trier (1934) trouxe importantes contribuições para os estudos linguísticos, principalmente, no que tange ao estudo do léxico sob o enfoque de sistema. Sua teoria está intimamente relacionada às formulações teóricas estabelecidas por Humboldt (noção de articulação) e Saussure (ideia de sistema) e destaca-se por considerar o vocabulário de uma língua como uma massa léxica semanticamente articulada e estruturada em campos lexicais que podem estar vinculados entre si por relações de coordenação ou de hierarquia.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Matoré (1953) propôs um estudo a partir de campos nocionais, ou seja, um estudo a partir de palavras-chaves. Para o pesquisador, estas palavras constituem o cerne do campo nocional, visto que comandam outras dentro de um campo escolhido podendo caracterizar períodos históricos de uma sociedade. Isto implica dizer que, segundo a sua teoria lexicológica:

[...] Cada um dos períodos históricos é caracterizado por palavras-testemunhas, ou seja, neologismos cujo nascimento, em um dado período e numa dada comunidade linguística, é determinado por situações de ordem social e econômica, totalmente novas. Se as palavras-testemunhas forem muito numerosas, será preciso escolher palavras-chaves, caracterizando o período em questão (SOUZA, 2008, p. 30).

Sob outra perspectiva, Geckeler (1976) buscou analisar os campos lexicais a partir da noção de lexema - considerado por ele, como uma unidade léxica abstrata de uma língua que pode fazer parte de um ou vários campos lexicais. Entretanto, é com os estudos de Eugênio Coseriu que a teoria dos campos lexicais ganhou ênfase.

Coseriu (1977), ao elaborar a teoria dos campos lexicais instituiu alguns princípios básicos para uma análise lexical: a funcionalidade, a oposição, a sistematicidade e a neutralização. O autor propôs um estudo estrutural da palavra mediante a noção de sistema: demonstrou que as palavras formam sistemas relacionados entre si e definiu campo léxico como uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se dividem em uma zona de significação comum e se encontram em oposição imediata umas com as outras.

Biderman (1981), por outro lado, também trouxe uma grande contribuição para os estudos referentes aos campos lexicais ao tratar do armazenamento do léxico na memória do falante. Segundo a autora, há processos mnemônicos na memória do falante, que de forma

ordenada, fornece várias palavras de um mesmo subsistema léxico ao indivíduo. Nas palavras de Biderman:

[...] a memória registra, de maneira ordenada, os sistema lexical. A experiência cotidiana comprova a existência de processos mnemônicos, estruturalmente ordenados, de tal forma que quando queremos lembrar de um vocabulário, desencadeia-se um processo que nos fornece, normalmente em série, várias palavras que integram um mesmo subsistema léxico ou então, um determinado campo semântico (BIDERMAN, 1981, p. 144).

Diante de todas essas abordagens, entende-se que campo lexical é o conjunto de palavras que a língua agrupa para designar as similaridades e os diferentes traços semânticos. Em outros termos, pode-se dizer que é o conjunto de lexemas que cobre uma área conceitual.

Todos esses estudos aqui apresentados, evidentemente de forma sintética, mostram um pouco das diferentes facetas dos estudos associados aos campos lexicais. Apesar dos diferentes pontos de vista, eles convergem em um ponto: a ideia de que as palavras mantêm intrínseca relação. No intuito de realçar esta relação e de enfatizar a importância dos campos lexicais em uma análise lexical é que se mostrou essa pequena trajetória, que acredita ser significativa para que se possa fazer uma análise mais precisa e coerente das unidades lexicais que representam o léxico rural em *Ermos e Gerais*.

A seguir, será apresentado um quadro representativo das lexias distribuídas em campos lexicais, conforme mostra a tabela:

<u>Macrocampo</u> Natureza	<u>Macrocampo</u> Sociedade	<u>Macrocampo</u> Atitudes/Características
<u>Campos léxicos:</u> flora/fauna; água; espaço físico/ relações espaciais; tempo/ relações temporais	<u>Campos léxicos:</u> alimentação; ocupações; saúde/doenças; tratamentos; crenças/costumes; produtos: materiais de construção, objetos, utensílios, coisas, instrumentos musicais/música; fazenda: ferramentas, transporte de pessoas/objetos e/ou animais, construções; quantidade/tamanho	<u>Campos léxicos:</u> estado; vontade; convivência; conhecimento; existência; sentimento; características; modo/explicação; movimento

Tabela 3: Distribuição dos campos lexicais

Quadro geral de classificação:

1) Natureza

Flora

bamburral, capão, caraíbas, embira, gameleira, mataria, paulão, piteira, sucupira,umarés, tabocoçu, taquaras, vassourinha.

Fauna

alimárias, boipeva, brabeza, caga-fogo, canguçu, corós de fogo, curiangus, curraleiros, gué-gué, madrinha, mamotes, madruvá, meleta, papuíra, pinhéns-pinhéns, picarço, quero-queros, ruana, suçuarana, taturana.

Água

corgo, entrada de águas,perau, tufo d'água.

Espaço físico/ Relações espaciais

adonde, apartador, bandas, brejo, breu, brocotós, cafundós, caixa-pregos, calcanhar-de-judas, copiá, estirão, gerais, im riba, itambé, a cavaleiro, moirão, morrão, ninho da noite, oco de mundo, perambeira, pro riba, quede, sapata.

Tempo/ Relações temporais

a miúdo, átimo, eito, indês, inté, inzona, mascado, pé ante pé, supetão.

2) Sociedade

Alimentação

Quitute.

Ocupações

arrieiro, bate-paus, carapina.

Saúde/doenças

ar de estupor, batatões, borboletas, calombo, doentes da bola, macutena, poronó, postema, zanga.

Tratamentos

beberagens.

Crenças e costumes

Coresma, fechamento do corpo, zóio de boi.

Produtos**Materiais de construção**

Oca, tauá.

Objetos, utensílios, coisas

Badana, baixeiro, bofes, cabaça, canjica dos dentes, caoia, capitães, caroça, chanca, coités, cuias, cuitezinhos, godó, jirau, ligares, molambos, mundéu, mundice, nacos, pá, pacuera, pança, paulão, piolho, puçá, titica, trem, troço.

Instrumentos musicais/música

Catira, cururu , recortado.

Fazenda**Ferramentas**

cangalha, cutuca, lapiana, lazarina, parabélum, mão de pilão, monjolo, pernambucana, pião, pilão, piraí, tiradeiras.

Transporte de pessoas/objetos e/ou animais

Garupa, picuá, piquá.

Construções

biboca, paiol.

Quantidade/tamanho

baita, danada, talagada, tufo.

3)Atitudes

Estado

abombados, aflissurada, aguados, amoitada, amolada, aparência, atulhada, avexado, babujado, banzeira, bexigoso, bochorno, botucados, breado, catadura, catingudo, chumbado, destraviado, embrulhado, emperreado, encandeou, encimava, entocado, escafedido, escanchada, escangotada, estuporada, feito muié, friorentos, fuxicado, jururu, palor, pança, pardavasco, pelanquento, perrengado, pindaíba, riso desbotado, sapiroquentos, seu bão dele, tiririca, varado de fome.

Vontade

à sanha, assomo, berreiro, bico, boca de pito, bramura, bumbunado, de esquelha, de tocaia, disgrama, escamoteou, esporro, esturrava, eta, garraro, instou, largou de mão, levasse tudo a breca, malinagem, muxoxo, ora bolas, pio, rabo dos olhos, sojigava, tesou, tocaiando, veneta.

Convivência

aloite, arenga, assucedede, banzé, bas noites, batê língua, empertenença, frejes, fuzuê, monã, pega pra capar.

Conhecimento

analfabeto.

Existência

biruzinho, curumim, curupira, dito-cujo, gaja, mecê.

Sentimento

Banzo, gastura, jeriza.

Características

ancuda, bão, bicharedo, braba, bruaca, cismarento, destorcido, duma figa, encapetada, endiabrado, escanchelado, fouveiro, ligite, navalha, num é frô de cheirá, olhos de pua, pamonha, rídico, taco, tantã, tranca, trigueira.

Modo/explicação

a mó que, apoiis, intãoce, pra mode, sem tirá nem pô.

Movimento

abriu do pala, abriu o pé no mundo, amontoou, arrepiou caminho, bamo, baque do catulé, bateção, boleava, boléus, bolo, bordo, botucara, buli, carreria, chascão, chispavam, cocre, deponta, desabalou, embocou, embrenhou, enfincou, entrouxava, espia, estorceram, estrebuchava, estrepolias, estuporavam, guizalhar, metia, pescoções, pincho, quebrou cangalha, riba, sovas, tirando terços, zanzou.



Foto n° 7: Pássaro - “João bobo” (acervo particular)

V GLOSSÁRIO

A

A CAVALEIRO (n/d) exp. Em cima. "*O rancho se erguia num morrote a cavaleiro de terrenos baixos e paludosos.*" (NACC, p. 5, linha 5)

A MIÚDO (A) loc. adv. Com frequência, com menor espaço de tempo. "[...] *de o senhor vir na minha casa mais a miúdo.*" (AL, p. 52, linha 28)

A MÓ QUE (n/d) loc. adv. Parece que, como que. "*A mó que tão inté sargada, Izé!*" (MCA, p.115, linha 6)

À SANHA (n/d) loc. adv. Fúria. "*Entregar-se inerme à sanha do Louco, em holocausto da causa que defendia.*" (AL, p. 75, 76, linha 30)

ABOMBADO (A) adj. Cansado, com dificuldade de respiração devido o esforço. "*Só os cavalos abombados, aguados, aguachados.*" (DL, p. 204, linha 16)

ABRIR DO PALA (A/B). exp. Fugir. "*Desse lugar, ameaçado de morte, porque o chefe não brincava mesmo, abriu do pala, indo sair num porto do Tocantins.*" (CBT, p. 121, linha 6)

ABRIR O PÉ NO MUNDO (n/d) exp. Fugir, sair correndo. "*Aos 18 anos pai Norato deu uma facada num rapaz, num adjutório, e abriu o pé no mundo.*" (PN, p. 229, linha 2)

ADONDE (A/B) adv. Aonde, onde. "*Adonde será que tá chulinho?*" (NACC, p. 7, linha 17)

AFLISSURADA (A) adj. Aflita, com muito medo. "*Quelemente segurou-se bem aos buritis e atirou um coice valente na cara aflissurada da velha Nhola.*" (NACC, p. 11, linha 5)

AGUADO (B) adj. Animal frouxo por ter vertido muito suor (água), desidratado. "*Só os cavalos abombados, aguados, aguachados.*" (DL, p. 204, linha 16)

ALIMÁRIA (A/B) s. animais de carga, conjunto de equinos e muares. "*As alimárias rinchavam e se escoicinhavam no curral ao lado...*" (NSJ, p. 195, linha 11)

ALOITE (A/B) s. Esforço, luta. "*Uma mão de aloite de feras.*" (AL, p. 21, linha 26)

AMOITADA (A/B) adj. Escondida. "*A onça estava com uma carniça de veado quente ainda amoitada nas folhas secas.*" (PN, p. 235, linha 28)

AMOLADA (A) adj. Aborrecida. "*Que diabo! – Levantou-se com a cara amolada.*" (AL, p. 35, linha 22)

AMOLANDO (A) v. Aborrecendo. "*A lembrança dos favores merecidos continuava, entretanto, amolando seu João.*" (AL, p. 57, linha 18)

AMONTOAR (n/d) v. Cair. "*Anísio meteu novo golpe e o negro amontoou, vomitando sangue.*" (CIOL, p. 186, linha 19, 20)

ANALFABETO (n/d) fig. Sem conhecimento. “*O casco de burro e a pião de carro de boi abriram-se as estradas desse mundão analfabeto de Brasil.*” (UDNV, p. 14, linha 22)

ANCUDA (A) adj. Bunduda. “*Nunca tiveram filhos e cada ano a mulher ficava mais ancuda, mais preguiçosa, mais bonita.*” (UAT, p. 131, linha 22)

APARENÇA (n/d) s. Aparência. “*- É só aparência, dona Zefinha, tô mas é munto perrengue.*” (AL, p. 63, linha 6)

APARTADOR (B) s. Currel que separa os bezerros das mães, para eles não mamarem, ou que separa outros animais. “[...] *o avô de Quelemente veio de Minas e montou ali sua fazenda de gado, pois a formação geográfica construíra um excelente apartador.*” (NACC, p. 5, linha 15)

APOIS (A/B) conj. Pois. “*Quando ocê passou correno na porta da cadeia não ouviu grito? Apois era dele...*” (AL, p. 96, linha 26)

AR DE ESTUPOR (n/d) exp. Paralisia, sem governo nas pernas. “*Havia vinte anos apanhara um “ar de estupor” e desde então nunca mais se valera das pernas...*” (NACC, p. 4, linha 4, 5)

ARENGA (A/B) s. Enredo, discussão. “*Precisava impressionar, arrastar a arenga para o patético, para o sentimental.*” (AL, p. 39, linha 2)

ARREPIOU CAMINHO (B) exp. Retornar, fugir. “*Antão na frente da turma, na sua correria curta e tonta, arrepiou caminho, e entrou pela rua Direita.*” (AL, p. 93, linha 28)

ARRIEIRO (B) s. Aquele que guia pelas estradas os animais de carga. “*Um arrieiro como esse que morreu, o Moisés, era bicho destorcido.*” (UDNV, p. 14, linha 8)

ASSOMO (n/d) s. Impulso. “*Ele, num assomo indecente de sinceridade, abraçou-a*” (CIOL, p. 182, linha 29)

ASSUCEDER (n/d) v. Suceder, acontecer. “*Mas é isso mesmo: tudo de ruim que assucede é o filho do Clemente.*” (AL, p. 99, linha 12)

ÁTIMO (A/B) s. Em curto espaço de tempo, num relance, rapidez. “*Negou o corpo assim de banda e num átimo já se levantou com a garrucha...*” (UAT, p. 132, linha 29)

ATULHADA (n/d) adj. Cheia. “[...] *mas Bentinho já o empurrava para a sala atulhada de gente...*” (AL, p. 51, linha 21)

AVEXADO (B) adj. Apressado. “*- Nada, seu Bentinho, já estava avexado por entregar isso.*” (AL, p. 52, linha 8)

B

BABUJADO (A) adj. Sujo de baba. “*O anacoreta aí, destampou a cabaça e sacudiu-a em cima do fígado babujado.*” (PN, p. 236, linha 14)

BADANA (A) s. Pele macia e lavrada que se coloca sobre o coxinilho. “[...] *o afirmava o cabo do relho na badana, escorando-se nele, e lá se ia choramingando uma toada.*” (UDNV, p. 15, linha 24)

BAITA (A/B) adj. Grande, enorme. “*Ela receava a baita cascavel que inda agorinha atravessou a cozinha...*” (NACC, p. 7, linha 1)

BAIXEIRO (A/B) s. Saco de aniagem que se coloca no lombo do animal, sob a cela. “*Foi puxar o baixeiro e nisto esbarrou com água.*” (NACC, p. 7, linha 7)

BAMBURRAL (A/B) s. Mato emaranhado, de difícil penetração. “*Meu cavalo rinchou digno e honesto porque a ruína de uma cancela pulou de dentro da escuridão, como o imprevisto de uma tocaia, por entre o bamburral alto e triste.*” (CIOL, p. 175, linha 9)

BAMO (n/d) v. Vamos. “- *Bamo vê intãoce, baiano, quar que vale mais: sua pernambucana ou minha tronchada.*” (UDNV, p. 16, linha 21)

BANDAS (A/B) s. Lugar, região. “*Ele se virava para as bandas onde devia estar o animal...*” (PN, p. 232, linha 3)

BANZÉ (B) s. Barulho, gritaria. “*A mulher de Valentim, para dar um cocre no filho, aprontava um banzé que a cidade inteira ouvia.*” (PN, p. 235, linha 15)

BANZEIRA (A/B) adj. Tristonha. “*A infeliz pego a vive banzeira pulos canto do terreiro...*” (OP, p. 226, linha 7)

BANZO (A/B) s. Tristeza. “[...] *uma moda de viola. Chorosa, longa, com sabor arrependido de banzo*” (NSJ, p. 196, linha 11)

BÃO (B) adj. Bom. “*Ques menino bão, gente.*” (OP, p. 222, linha 17)

BAQUE DO CATULÉ (n/d) exp. O mesmo que “No barulho da arma”, quando detona. “*Se ocê num me mata o baque do catulé, eu te pico...*” (UDNV, p. 16, linha 24)

BAS NOITES (n/d) exp. O mesmo que “Boas noites”, expressão que antigamente se usava no plural. “- *Bas noites.*” (CIOL, p. 176, linha 9)

BATATA (n/d) s. Bicho de pé. “*Aqueles imensos batatões arroxeados, nojentos, que o homem coçava com os dentes...*” (AL, p. 103, linha 21)

BATÊ LÍNGUA (n/d) exp. Falar difamando, comentar. “*Aqui o povo garra logo a batê língua.*” (UAT, p. 135, linha 7)

BATEÇÃO (n/d) s. Pulsar acelerado. “*Seu Jeremias sentiu a mesma falta de fôlego, a mesma bateção de coração...*” (VSQJ, p. 198, linha 6)

BATE-PAU (A) s. Indivíduo armado e posto a serviço da polícia rural. “*Deu no delegado, nos bate-paus, saiu pelas ruas dando tiros nas paredes.*” (AL, p. 21, linha 20)

BEBERAGENS (n/d) s. Garrafada, remédio líquido. “*Vivo disso: beberagens contra gálico, benzeduras, responso, fechamento do corpo...*” (PN, p. 232, linha 6)

BERREIRO (A) s. Gritaria, chorar muito. “[...] *esperava que a cada momento que André Louco recomeçasse o seu berreiro insistente...*” (AL, p. 25, linha 14)

BEXIGOSO (n/d) adj. Que tem marcas de doença, “bexiga” (varíola) na pele do rosto. “*De noite, na vendola porca de um cearense bexigoso...*” (CBT, p. 118, linha 5)

BIBOCA (A/B) s. Habitação pequena, pobre, habitação rústica. “*A irmã dele era Maragã, habitava uma biboca perto da fonte do funil.*” (AL, p. 28, linha 13)

BICHAREDO (n/d) s. Diz-se de pessoa brava, agressiva. “*O bicharedo estava meio atordoado, zonzó, mas ainda lutou*” (AL, p. 61, linha 4)

BICO (A/B) s. Ficar calado. “*- Agora, bico, ouviu? nada de gritaria.*” (AL, p. 32, linha 1)

BIRUZINHO (B) s. Criança nova. “*E ainda continuaram no mesmo lugar a velha Nhola, o filho Quelemente e o neto, um biruzinho sempre perrengado.*” (NACC, p. 6, linha 3)

BOCA DE PITO (B) exp. Tomar um gole de café para fumar em seguida. “[...] *ia à cozinha arranjar um cafezinho para fazer boca de pito.*” (VSQJ, p. 201, linha 25)

BOCHORNO (n/d) s. Calmaria. “*Foi quando eu, que estava deitado no chão com a barriga para cima, dei aquele tranco: uma cascavel tiniu o chocalho com uma raiva selvagem, que abalou o bochorno.*” (AM, p. 242, linha 14)

BOFES (A) s. Fressura dos animais. “*Subitamente, ela sentiu o coração parar de repente, um vazio gelado por dentro dos bofes...*” (AL, p. 41, linha 18)

BOIPEVA (A/B) s. Um tipo de cobra, também conhecida por capitão-do-mato. “*Uma boipeva saiu de dentro num pulo.*” (PN, p. 236, linha 15)

BOLEAR (B) v. Balançar, rodar uma vasilha (peneira, tacho, bateia), um saco. “*Pegava aqueles fardos de algodão, boleava, dava um gemido fundo, e sapecava uma tapa estalada no fundo do dito.*” (UDNV, p. 15, linha 10)

BOLÉU (A/B) s. Solavanco. “*Tudo isso descia em longa fila, aos mansos boléus de ondas...*” (NACC, p. 8, linha 18)

BOLO (B) s. Surra, pancada na mão. “*Vá busca o chinelo! – e meteulhes os bolos. Foram seis bolos.*” (AL, p. 32, linha 16)

BORBOLETA (n/d) fig. Zumbido. “*Queixava-se, em ceras quadras, de umas zonzuras, umas borboletas nos ouvidos...*” (AL, p. 24, linha 18)

BORDO (A) s. Passeio, volta. “*- Então deu um bordo pela fazenda?*” (CIOL, p. 176, linha 28)

BOTUCADO (n/d) adj. Assustado, arregalado. “*Joana chegou [...] atarantada, agitada, as sobranceiras erguidas, os olhos botucados.*” (AL, p. 34, linha 12)

BOTUCAR (n/d) v. Bater de raspão. “*A bala botucara na maçã do rosto.*” (CBT, p. 120, linha 1)

BRABA (A) adj. Brava, muito forte, intensa. “*Rodoleiros cor de casca de ferida braba saíram tontos...*” (PN, p. 235, linha 21)

BRABEZA (B) s. Gado criado à solta no mato, o que o torna feroz. “*[...] Benício apanhou um laço forte de pegar brabeza para capar...*” (UAT, p. 134, linha 11)

BRAMURA (B) s. Barulho. “*Todo santo dia esse endiabrado faz uma bramura aqui.*” (AL, p. 81, linha 4)

BREADO (A/B) adj. Sujo, labreado. “*O rosto estava breado de sangue e as mãos também.*” (VSQJ, p. 168, linha 3)

BREJO (A) s. Terreno úmido, encharcado. “*No outro dia acharam o rodeiro do carro partido, atolado o brejo...*” (AL, p. 22, linha 21)

BREU (A) s. Muito escuro. “*[...] enquanto os faróis estupravam as trevas, abrindo rasgões brutais de luz no breu.*” (AM, p. 247, linha 27)

BROCOTÓ (A/B) s. Borocotó, lugar isolado de difícil acesso. “*O coronel tangeria muitos burros por essas estradas agressivas, em todos os sentidos, acordando ecos virgens nos ocos de brocotós...*” (UDNV, p. 14, linha 17)

BRUACA (B) s. Mulher feia, sem atrativos. “*Suas filhas tão mesmo precisando dele pra sustenta marido no luxo. Taque seus cobres naquelas bruacas, viu.*” (AL, p. 51, linha 8)

BULIR (A) v. Seduzir, deflorar. “*Buli gente num bole, mais bicho...*” (PN, p. 229, linha 9)

BUMBUNADO (B) s. Produzir com ininteligível ou repetido. “*Um grito rouco, umas vozes altas, um bumbunado vieram do invisível...*” (AL, p. 21, linha 11, 12)

C

CABAÇA (A/B) s. fruto do cabaceiro, vasilha para transporte de líquidos feita desse fruto seco. “*Depois tirou de dentro do picuá uma cabaça.*” (PN, p. 235, linha 20)

CAFUNDÓ (A) s. Lugar ermo e afastado, de acesso difícil. *“Essa aguinha, olhe, mexe, vira e vai juntar-se a uma outra perdida nos cafundós desse mundão danado.”* (PN, p. 210, linha 2)

CAGA-FOGO (A/B) s. Pirilampo, vagalume. *“Benício voltou para dentro do rancho, depois que viu que os vultos dos visitantes tinham sido mastigados pela treva da noite riscada de caga-fogo...”* (PN, p. 210, linha 2)

CAIXA-PREGOS (B) s. Lugar ermo, distante. *“Naquele caixa-pregos acumulavam-se as nuvens que o vento arrecadava em seu percurso pelo vale e que iam coroar de branco os altos picos.”* (MCA, p. 109, linha 14)

CALCANHAR-DE-JUDAS (A/B) s. Cafundó, lugar muito longe. *“Pois aí mesmo, nesse calcanhar-de-judas, nesse lugar que apresentava uma beleza heroicamente inconsciente de suicídio...”* (MCA, p. 110, linha 29)

CALOMBO (A/B) s. Pequeno caroço, lobinho. *“Fui achar um animal cheio de calombos, peladuras, orelhas gafentas...”* (AM, p. 243, linha 21)

CANGALHA (A/B) s. Forquilha que se coloca no pescoço do boi ou da vaca para não vazar cerca de arame. *“Entre cangalhas velhas e cadeiras quebradas estava um crucifixo...”* (CIOL, p. 180, linha 4)

CANGUÇU (A/B) s. Onça pintada. *“Uma canguçu de orelhas chatas o negaceava.”* (PN, p. 233, linha 20)

CANJICA DOS DENTES (B) exp. Dente humano. *“O negro estava um anjo – rindo, mostrando a canjica dos dentes alvos, muito satisfeito com a embriaguez.”* (LS, p. 148, linha 25)

CAOIA (B) s. Caolha, nota antiga de 500 mil-réis. *“Óia as caoia – tirou do bolso da calça um manajo de notas velhas amassadas.”* (AL, p. 98, linha 13)

CAPÃO (A/B) s. Porção de mato. *“No meio da encosta crescia um capão, por onde passava uma estrada alva e torta que levava para qualquer parte do mundo.”* (OESV, p. 91, linha 8, 9)

CAPITÃO (A/B) s. Bolo da comida amassado com as pontas dos dedos e levado à boca com as mãos. *“Derrubou farinha de mandioca em cima, mexeu e pôs-se a fazer grandes capitães com a mão, com que entrouxava a bocarra.”* (NACC, p. 4, linha 25)

CARAÍBA (A/B) s. Árvore do Cerrado, de flores amarelas; ipê-do-campo. *“Sua alma teria o aspecto duro dessas planícies secas, nos dias fumarentos de agosto, onde taras e desequilíbrios hereditários se levantariam em colorações rubras de caraíbas amarelas.”* (VSQJ, p. 166, linha 19)

CARAPINA (A/B) s. Carpinteiro. *“Nalgum ponto da cidade o carapina martelava o caixão do filho de Valentim.”* (AL, p. 87, linha 18)

CAROÇA (B) s. Capa feita de folha de buriti para se proteger da chuva, espécie rústica de capa de chuva. *“Dependurou numa forquilha a caroça, - que é a maneira mais analfabeta de se esconder da chuva...”* (NACC, p. 4, linha 12)

CARRERIA (n/d) s. Corrida. “*Antão, na frente da turma, na sua carreira curta e tonta, arrepiou caminho, e entrou pela rua Direita.*” (AL, p. 93, linha 28)

CATADURA (n/d) s. Face, rosto, semblante. “*Nos dorsos ofegantes, suarentos dos cavalos, passavam homens maltrapilhos, cor de chão, catadura barbuda e selvagem...*” (DL, p. 203, linha 17)

CATINGUDO (A) adj. Que exala catinga, ou mau cheiro. “*Os cabelos de Fulô desprendiam um cheiro catingudo de tutano curtido que arrebatava seu Benício.*” (UAT, p. 131, linha 7)

CATIRA (A/B) s. Cateretê; dança só de homens, com sapateado e bater de palmas. “*Morreu depois de um pagode, onde cantou a noite inteirinha um catira doído, cheio de morena e ai-ai-lá-rai...*” (UDNV, p. 18, linha 19)

CHANCA (A/B) s. Pé grande. “*E tirando o calçado, meteu a chanca com raiva na estrada.*” (AM, p. 241, linha 19)

CHASCO (A/B) s. Empurrão. “*Antão era negro retaco, acostumado a bolear fardos de quatro arrobas e tanto e deu no André um chascão que o botou muito longe, espapaçado.*” (AL, p. 21, linha 29)

CHISPAR (A/B) v. Correr à toda velocidade. “[...] *Moisés saiu livre, automóveis e caminhões chispavam pelos chapadões empoeirados.*” (UDNV, p. 18, linha 7)

CHUMBADO (A/B) adj. Embriagado, bêbado. “*Foi então que, chumbado, Tambiú gritou com o Nequinho que lhe tirasse de riba aquele “zóio de poico”.*” (CBT, p. 119, linha 10)

CISMARENTO (A) adj. Cheio de cismas, apreensivo, preocupado, pensativo. “*Meu amigo continuava cismarento, reinando não sei que ruindade...*” (CIOL, p. 177, linha 26)

COCRE (A/B) s. Croque, pancada na cabeça com as juntas dos dedos da mão fechada. “*A mulher do Valentim, para dar um cocre no filho, aprontava um banzé...*” (AL, p. 32, linha 22)

COITÉ (A/B) s. Vasilha feita do fruto do cuitezeiro que serve como copo; cuia. “*Dentro da casa, boiavam pedaços de madeira, cuias, coités, trapos...*” (NACC, p. 8, linha 2)

COPIÁ (A) s. Alpendre. “*A meninada fazia aquele barulhão desgraçado, brincando de pegas nas folhas do copiá.*” (NSJ, p. 196, linha 27)

CORESMA (A) s. Quaresma. “*-Num vê que na coresma os canhorro, de noite, ficava latino tanto?*” (AL, p. 29, linha 3)

CORGO (A/B) s. Córrego. “*Sinhana voltou do “corgo”, chamou o louro e ele não respondeu.*” (OP, p. 222, linha 8)

CORÓ DE FOGO (n/d) s. Bicho de pau podre. “*E a mata inteira se iluminou – os troncos, os paus podres, as folhas, o solo, os pirilimpos, os corós de fogo...*” (PN, p. 238, linha 25)

CUIA (A/B) s. Vasilha feita com a metade de uma cabaca cortada, muito usada para lavar arroz. “*Dentro da casa, boiavam pedaços de madeira, cuias, coités, trapos...*” (NACC, p. 8, linha 2)

CUITEZINHO (A/B) s. Coité; vasilha feita do fruto do cuitzeiro, com serventia de copo. “*Uma velha trouxe café em cuitzeinhos e depois de bebê-los saímos até a porta.*” (CIOL, p. 176, linha 18, 19)

CURIANGU (A/B) s. Pássaro noturno que emite um ruído característico: que canta “amanhã eu vou... amanhã eu vou...”. “*Já tinha curiangos soluçando nas trevas, quando o capitão Filó Simões deu por fé...*” (UDNV, p. 17, linha 3)

CURRALEIRO (A/B) s. Raça de gado bovino. “*Ali criava seus 3.000 e poucos curraleiros.*” (UAT, p. 130, linha 5)

CURUMIM (n/d) s. O mesmo que criança. “*A tristeza irônica das grandes taperas mostrava o rico fastígio burguês, gordo e fácil daqueles tempos de Brasil curumim.*” (CBT, p. 117, linha 12)

CURUPIRA (A/B) s. Duende do sertão cujos pés se posicionam do lado inverso. “*Ou aqueles estalidos eram do curupira que de noite andava passeando pelo vigamento...*” (AL, p. 27, linha 18)

CURURU (A/B) s. Dança sertaneja semelhante à catira. “*O corpo de Januário deu uns corcovos elegantes [...] uns passos engraçados de cururu ou de recortado.*” (MCA, p. 114, linha 8)

CUTUCA (A/B) s. Tipo de arreio para montaria que consiste em uma sela grosseira, cuja cobertura é removível, podendo-se forrá-la com rede, roupas de uso e panos. “*O baiano vinha montado, carregando o Angelino no arção da cutuca...*” (UDNV, p. 17, linha 20)

D

DANADA (A) adj. Muito grande. “*Tive uma dó danada de ver como vai tudo em ruína.*” (CIOL, p. 176, linha 29)

DE ESGUELHA (A) exp. De través, de lado, olhar enviesado. “*Sá Maria falava com raiva, balançando a cabeça, fitando meu pai de esquelha.*” (AL, p. 65, linha 19)

DE TOCAIA (A/B) exp. Espreita ao inimigo. “*Abriu uma delas, ficou no escuro, com o corpo para dentro, de tocaia.*” (AL, p. 60, linha 12)

DE-PONTA (n/d) loc. s. Mergulho com a cabeça para baixo. “*[...] que o menino estava vadiando no rio cheio e deu um de-ponta.*” (MMA, p. 139, linha 10)

DESABALAR (n/d) v. Correr velozmente. “*Mal, porém deu os primeiros passos, desabalou para trás numa corrida curta e feroz.*” (AL, p. 93, linha 18, 19)

DESTORCIDO (A) adj. Desembaraçado, ligeiro, hábil. “*Um arrieiro como esse que morreu, o Moisés, era bicho destorcido.*” (UDNV, p. 14, linha 9)

DESTRAVIADO (B) adj. Perdido. “*Disse que estava “destraviado”, e podia ser mesmo, porque por aqueles ocos só havia trilhos indecisos de antas e de gado brabeza.*” (MCA, p. 111, linha 4)

DISGRAMA (n/d) interj. Forma de xingamento; o mesmo que desgraça com xingo. “*- Eta, disgrama!...*” (CBT, p. 123, linha 1)

DITO-CUJO (A) s. cujo; pessoa morta. “*Tambiú, como se chamava o dito-cujo...*” (CBT, p. 118, linha 26)

DOENTE DA BOLA (n/d) exp. Doido, louco. “*Narrou casos de mortes praticadas por loucos, de fatos idênticos, em que pessoas já falecidas haviam lutado com indivíduos doentes da bola.*” (AL, p. 87, linha 26)

DUMA FIGA (A) exp. Diz-se de pessoa fingida, de pouco apreço. “[...] *Óia, nego дума figa, num garra com empertenença não...*” (CBT, p. 121, linha 14)

E

EITO (B) s. Medida de tempo não muito precisa. “[...] *disse o coronel como se durante todo aquele eito de tempo estivesse revivendo seu tempinho de moço...*” (UDNV, p. 14, linha 6)

EMBIRA (A/B) s. Fibra de certas árvores usada para amarrar. “*Os torrões de barro do pau-a-pique se desprendiam dos amarrilhos de embiras e caíam n’água...*” (NACC, p. 7, linha 20)

EMBOCAR (A) v. Entrar. “*Mal o demente embocou no largo da matriz, foram chamar o carcereiro.*” (AL, p. 59, linha 29)

EMBRENHAR (A) v. Meter-se. “*Depois embrenhou-se na verdura da floresta.*” (PN, p. 235, linha 25)

EMBRULHADO (n/d) adj. Envolvido. “[...] *de certo tempo para cá vinha embrulhado num mutismo eloquente.*” (CIOL, p. 175, linha 15)

EMPERREADO (n/d) adj. Exagerado. “*Ela também tinha muita devoção com as almas e um medo emperreado de ficar louca.*” (AL, p. 24, linha 16)

EMPERTENENÇA (n/d) s. Atrevimento. “[...] – *Óia, nego дума figa, num garra com empertenença não...*” (CBT, p. 121, linha 15)

ENCANDEAR (A) v. Ficar deslumbrado; alumiar os olhos. “*Ela encandeou os olhos de pupilas acinzentadas e perguntou a Luís por que não acendia de novo o rolo.*” (LS, p. 149, linha 28)

ENCAPETADA (n/d) adj. Muito alto. “*Depois, um se desprende de aquela altura encapetada, e com as asas feito foices, veio descendo numa velocidade enorme.*” (AM, p. 242, linha 7)

ENCIMAR (n/d) v. Parecer, assemelhar, dar aparência de algo. “*Desenhava-se na parede a sombra fugidia, esgarçada de um crânio completamente calvo que encimava um esqueleto*” (LS, p. 150, linha 7)

ENDIABRADO (B) adj. Aquele que é mau, travesso, traquina. “*Todo santo dia esse endiabrado faz uma bramura aqui.*” (AL, p. 81, linha 4)

ENFINCAR (A) v. Fincar. “*O menino saiu do rancho [...] enfiçou o calcanhar na lama, rodou sobre ele o pé...*” (NACC, p. 3, linha 4)

ENTOCAR (A) v. Meter em toca; não sair de dentro de uma residência, do quarto, de um comôdo. “*Não dormiu, não respondeu ao bilhete e ficou entocado dentro da loja...*” (AL, p. 49, linha 25)

ENTRADA DE ÁGUAS (n/d) exp. Começo do tempo das chuvas. “*Nessa derradeira entrada de águas então ele se encorajou de uma vez no poleiro...*” (OP, p. 221, linha 16)

ENTROUXAR (n/d) v. Encher. “*Derrubou farinha da mandioca em cima, mexeu e pôs-se a fazer grandes capitães com a mão, com que entrouxava a bocarra.*” (NACC, p. 4, linha 26)

ESCAFEDER (A) v. Fugir às pressas. “*Chiquinho e os outros já se haviam escafedado...*” (AL, p. 97, linha 4)

ESCAMOTEAR (n/d) v. Fazer sumir, desaparecer. “*Por um golpe de lábia, porém, o dentista escamoteou o jurisconsulto, cujas intenções traiçoeiras descobriu em tempo.*” (AL, p. 84, linha 18, 19)

ESCANCHADA (B) adj. Levantada, com os cães da arma de fogo; engatilhada. “[...] *levantou-se com a arma já escanchada nos peitos do cantor.*” (UAT, p. 133, linha 2)

ESCANCHELADO (B) adj. Desarrumado, bambo, desconjuntado. “*Meu pai voltou lá de dentro, trazendo o derradeiro tamborete, todo escanchelado.*” (AL, p. 77, linha 25)

ESCANGOTADA (A/B) adj. Com a cabeça caída para trás. “*A criança roxa, escangotada, sem cuja boca aberta a mulher metia a pelanca dos peitos murchos.*” (VSQJ, p. 155, linha 4)

ESPIAR (A) v. Olhar. “*- Chi! tá um mar d’água. Quê vê, espia...*” (NACC, p. 3, linha 13)

ESPORRO (A/B) s. Bronca, censura violenta. “*Mentalmente aguardava um aparte de Joana e o esporro de papai.*” (AL, p. 59, linha 2)

ESTIRÃO (A/B) s. Trecho de estrada a percorrer. “*Quando as forças legalistas chegavam num estirão de estrada, viam a malta desaparecendo...*” (DL, p. 204, linha 7)

ESTORCER (A) v. Contorcer-se. “*Havia vinte anos apanhara um “ar de estupor” e desde então nunca mais se valera das pernas, que murcharam e se estorceram.*” (NACC, p. 4, linha 6)

ESTREBUCHAR (A) v. Mexer muito, debater-se. “*Agora a mulher estrebuchava molemente, como uma chama que se estivesse apagando num sepulcro.*” (NSQJ, p. 156, linha 22)

ESTREPOLIA (B) s. Perallice, traquinice. “*Romãozinho era um espírito diabólico que andava enchendo o sertão de estrepolias.*” (AL, p. 88, linha 27)

ESTUPORADA (A) adj. Desprezada, inválida. “*O menino chorava aos berros, tratando de subir pelos ombros da estuporada e alcançar o teto.*” (NACC, p. 7, linha 28)

ESTUPORAR (n/d) v. Debater, agitar. “*Havia um remanso escuramente frio, onde as águas viscosas se estuporavam em lerdo torvelinho, ajuntando folhas, garranchos.*” (MCA, p. 110, linha 15)

ESTURRAR (A/B) v. Urrar (onça-pintada). “*A onça esturrava e o monge saía com passo firme por entre os troncos respeitáveis.*” (PN, p. 230, linha 13)

ETA (A/B) interj. Exprime alegria, admiração, satisfação. “*Eta chão parado!*” (UDNV, p. 14, linha 24)

F

FECHAR O CORPO (B) exp. Tornar o corpo imune a facada, tiro, picada de cobra, feitiços. “*Vivia disso: beberagens contra gálico, benzeduras, responso, fechamento de corpo, etc.*” (PN, p. 232, linha 7)

FEITO MUIÉ (n/d) exp. Igual a mulher. “*- Esse minino é feito muié. Tem medo docês...*” (AL, p. 33, linha 9)

FOUVEIRO (B) adj. Indivíduo de cor acinzentada. “*A preta Joana rolava uns olhos arregalados, com uma expressão agônica no rosto fouveiro, a beíçorra estalando.*” (AL, p. 20, linha 29)

FREJE (n/d) s. Briga, arruaça. “*Em Araguari, em muitos outros pousos, metera-se em frejes dos trezentos, de que saíra todo marcado de ponta de punhal.*” (UDNV, p. 15, linha 2)

FRIORENTO (n/d) adj. Cheio de frio. “*Os gritos friorentos das marrecas povoavam de terror o ronco medonho da cheia.*” (NACC, p. 6, linha 22)

FUXICADO (n/d) adj. Enrugado. “*No canto escuro do quarto, o pito da velha Nhola acendia-se e apagava-se sinistramente, alumando seu rosto macilento e fuxicado.*” (NACC, p. 6, linha 26)

FUZUÊ (A/B) s. Confusão, briga, encrenca. “*Aí então o fuzuê engrossou.*” (AL, p. 23, linha 15)

G

GAJA (n/d) s. Feminino de gajo, o mesmo que a gíria “cara” para se referir a alguém de forma depreciativa. “- *Você quer tomar conta dessa gaja, Brasa?*” (DL, p. 214, linha 11)

GAMELEIRA (A/B) s. Figueira de duas raízes com a qual se fazem gamelas. “*O bando de pássaros-pretos, porque um gado passou correndo pelo largo, voou e foi pousar na gameleira...*” (UDNV, p. 14, linha 3)

GARRAR (B) v. Começar. “[...] *qui o povo garraro a fala que a minina tomem era fia de seu Carlos...*” (LS, p. 149, linha 9)

GARUPA (n/d) s. Parte traseira que permite algo ou alguém montar, por extensão de carona. “*As três pessoas agarraram-se freneticamente aos buritis, mas um tronco de árvore que derivava chocou-se com a embarcação, que agora corria na garupa da correnteza.*” (NACC, p. 9, linha 26)

GASTURA (A/B) s. Arrepio, aflição, irritação nervosa, originados por sons ou ruídos. “*E o guizalhar áspero de usa raiva ficou empestando a calma, dando uma gastura enjoada na gente.*” (LS, p. 149, linha 9)

GERAIS (A/B) s. Sertão. “*O coronel tangerá muitos burros por essas estradas agressivas, em todos os sentidos, acordando ecos virgens nos ocos de brocotós [...] pelos gerais malvados de Goiás*” (UDNV, p. 14, linha 18)

GODÓ (B) s. Caldo grosso, viscoso de sujeira. “*Por isso, até hoje, se Maragã visse um tacho de sabão, podia ele estar já no ponto de secar, a massa dessorava, virava um godo fedorento*” (AL, p. 28, linha 27)

GUÉ-GUÉ (n/d) s. Cachorro pequeno de raça fraca; vira lata. “*A voz irritante de um gué-gué sacudiu a pasmeira...*” (CIOL, p. 175, linha 10)

GUIZALHAR (A/B) v. Agitar guizos. “*E o guizalhar áspero de sua raiva ficou empestando a calma, dando uma gastura enjoada na gente.*” (AM, p. 242, linha 14)

I

IM RIBA (A/B) loc. adv. Em cima, sobre. “- *Ocê bota a gente hoje im riba do jirau, viu?*” (NACC, p. 6, linha 27)

INDÊS (n/d) loc. adv. Desde que “- *Foi o que falei indês que ele chegô*” (AL, p. 59, linha 12)

INSTAR (n/d) v. Insistir, pedir. “[...] *e foi atrás de padrinho, instou, fez tudo que pôde, mas ele não quis voltar.*” (PN, p. 235, linha 13)

INTÃOCE (n/d) adv. Então. “*Apois intãoce ele vorta – interpelou o compadre agachado na sombra.*” (UAT, p. 129, linha 13, 14)

INTÉ (A/B) prep. Até. “*Cum essa bicha eu infrento inté o cão, Moisés.*” (UDNV, p. 16, linha 15)

INZONA (A/B) s. Lerdeza, demora. “*Larga de inzona, porqueira.*” (PNL, p. 125, linha 11)

ITAMBÉ (A/B) s. Itaimbé; monte agudo e escarpado “*Muito mais longe, num itambé, a mesa do carro .*” (AL, p. 22, linha 25)

J

JERIZA (A/B) s. Ojeriza, raiva. “*Tinha uma “jeriza” especial dos casos sem-vergonhas de Manuel.*” (AL, p. 77, linha 1)

JIRAU (A/B) s. Cama de varas. “*- Océ bota a gente hoje im riba do jirau, viu?*” (NACC, p. 6, linha 27)

JURURU (A/B) adj. Triste, abatido. “*Coitado, tava tão jururu.*” (OP, p. 225, linha 19)

L

LAPIANA (B) s. Faca muito comprida. “*Na mão esquerda – era canhoto, o malvado – estava numa baita lapiana dois palmo.*” (CBT, p. 122, linha 15)

LARGAR DE MÃO (B) exp. Desistir, abandonar. “*- Isso aqui já foi fazenda toda a vida. Agora é que seu Anísio largou de mão.*” (CIOL, p. 177, linha 5)

LAZARINA (A/B) s. Espingarda chumbeira de cano bem comprido. “*Uma vez, Januário ainda tinha a lazarina, pregou um tiro num veado.*” (MCA, p. 110, linha 21)

LEVAR TUDO A BRECA (A/B) exp. Estar disposto a tudo; estar disposto ao prejuízo. “*O diabo é que só tinha um punhal, mas que levasse tudo a breca.*” (CIOL, p. 181, linha 6)

LIGAL (A/B) s. Couro cru, de boi, com que se recobrem as cargas transportadas por animais, a fim de as proteger contra a chuva. “*Arrumava os dobros, ajeitava os ligares, arrochava a sobrecarga...*” (NACC, p. 15, linha 12)

LIGITE (n/d) adj. Legítimo. “*- Baiano dos ligite, - como dizia o coronel...*” (UDNV, p. 14, linha 29)

M

MACUTENA (A/B) s. Leproso. “- *Aí num tem pirigo de fica macutena. De jeito nenhum!*” (AM, p. 247, linha 18)

MADRINHA (B) s. Égua ou mula que viajava na frente da tropa cargueira (com polacos) para servir de guia aos outros animais. “[...] *dava umas ordens secas e eis a tropa tilintante, em fila, atrás da madrinha, num trotão estugado...*” (UDNV, p. 15, linha 14)

MALINAGEM (B) s. Maldade. “*Tambiú, como se chamava o dito-cujo, tornou-se conhecidíssimo pela sua malinagem.*” (CBT, p. 118, linha 27)

MAMOTE (A) s. Animal crescido que ainda mama. “[...] *tomei com o chofer, um bom copo de leite quente, tirado ao pé da vaca, no maior dos atentados legais contra os direitos dos mamotes.*” (AM, p. 239, linha 6)

MANDRUVÁ (A) s. Mandorová. “*Mexeu, virou e só viu um mandruvá e uma taturana.*” (PN, p. 233, linha 18)

MÃO DE PILÃO (B) s. Haste de madeira trabalhada, de socar ingredientes no pilão. “*O vulto grandão do cantor inclinou-se perto da cama, mas Benício, feito um gato, num pulo ágil, meteu-lhe a mão de pilão no alto do piolho*” (UAT, p. 134, linha 8)

MASCADO (n/d) adj. Vagabundo. “*O coronel foi nesse tom mascado, gostoso, lembrando eras ferozes, em que Araguari era ponta de linha.*” (UDNV, p. 14, linha 11)

MATARIA (A) s. Grande extensão de mata ou mato. “*E mergulhava outra vez na luz verdolenga da mataria.*” (PN, p. 231, linha 15, 16)

MECÊ (A) pron. Vossa mercê, você. “*Polo amô da mãe do sinhô que mecê num chegô nem a conhecê.*” (CIOL, p. 186, linha 17)

MELETA (B) s. Tamanduá-mirim. “*O meleta morreu no baque.*” (UDNV, p. 16, linha 11)

METER (A) v. Jogar, atacar. “*Meu pai se levantava. Abria a janela e metia pedradas no cachorro.*” (AL, p. 25, linha 8)

MOIRÃO (B) s. Mourão, tronco de madeira enfincado no chão. “*Passou a ser um espetáculo concorrido esse de André estrebuchar no moirão, no meio do largo da cadeia.*” (AL, p. 89, linha 26)

MOLAMBO (n/d) s. Coisa estragada. “*Dilacerou-lhe o ventre e em seguida arrastou aqueles molambos lá para a grotta.*” (PN, p. 238, linha 13)

MONÃ (B) s. Barulho, algazarra. “*De minhãzinha, que monã que ele num fazia.*” (OP, p. 225, linha 24)

MONJOLO (A/B) s. Engenho rústico movido por água e destinado a pilar milho, café. “*Ele, então, foi à janela, ralhou com alguém que corria atrás dos patos no rego do monjolo...*” (LS, p. 147, linha 14)

MORRÃO (n/d) s. Ponta de cigarro. “*Se pudesse fumar! Mas isso chamaria a atenção: a claridade do fósforo, o morrão do cigarro.*” (CIOL, p. 185, linha 30)

MUNDÉU (A/B) s. Armadilha de caça. “*No mais, era só armar o mundéu para pegar quantos caititus, quantas pacas, quantos bichos quisesse*” (MCA, p. 110, linha 6)

MUNCICE (B) s. Imundícia. “*- Com essa chuveira de dilúvio, tudo quanto é mundice entra pro rancho e eu num quero drumi no chão não.*” (NACC, p. 6, linha 29)

MUXOXO (n/d) s. Movimento com o ombro que expressa dúvida ou depreciação. “*- Num sei, - disse Mané num muxoxo...*” (AL, p. 99, linha 6)

N

NACO (n/d) s. Pedaco. “*Pelo curral, porcos mortos; um novilho jungido ao moirão olhava a fogueira, onde nacos de outros bois se tostavam.*” (DL, p. 212, linha 25)

NAVALHA (n/d) adj. Exímio, perito. “*As pernas fortes, tostadas, mal encobertas, aumentavam o desejo de Izé, que era um navalha na valsa.*” (MCA, p. 112, linha 17)

NUM É FRÔ DE CHEIRÁ (A/B) exp. Ser mau-caráter, desonesto. “*Seu Quelemente num é frô de cheirá.*” (AL, p. 66, linha 4)

O

OCA (B) s. Óxido de ferro ou mineral ferroso, que serve de tinta avermelhada para pintura de casas. “*Um casarão baixo, de janelas de grades, pintado a oca.*” (AL, p. 25, linha 22)

OCO DE MUNDO (A/B) exp. Lugar distante, de difícil acesso. “*A gente sozinha toda a vida nesse oco de mundo.*” (PN, p. 233, linha 15, 16)

OLHOS DE PUA (n/d) exp. Olhos atentos; tentar ver através das trevas, do escuro. “*É o mato? – perguntou engasgadamente Nhola, cujos olhos de pua furavam o breu da noite.*” (NACC, p. 9, linha 15)

ORA BOLAS (n/d) interj. Expressa contrariedade. “*Eu não sou bicho, ora bolas!*” (DL, p. 208, linha 14)

P

PÁ (n/d) s. Espádua ou escápula. “*Em Araguari, em muitos outros pousos, metera-se em frejes dos trezentos, de que saíra todo marcado de ponta de punhal, e uma vez com um balaço de pro riba da pá direita.*” (UDNV, p. 15, linha 5)

PACUERA (A/B) s. Fressura de animais. “*Tirou um taco de pacuera e voltou.*” (PN, p. 235, linha 28)

PAIOL (A/B) s. Cômodo em que ficam armazenadas espigas de milho ou outros cereais. “*Três anos depois, mais ou menos, estava André carreando milho da roça para o paiol...*” (AL, p. 22, linha 6)

PALOR (n/d) s. Calor. “*O coronel, circunspecto, muito senhor de si, comia o bigodão branco e suas pupilas se cobriam de um palor vítreo de lascívia senil.*” (VSQJ, p. 157, linha 13)

PAMONHA (A/B) adj. Indivíduo molenga, preguiçoso. “*- Ô, lerdeza! Veja o que faz, pamonha!*” (CEDC, p. 152, linha 20)

PANÇA (A/B) s. Barriga, estômago. “*Encheu-lhe a pança, aguentou a fala engrolada, perdeu horas de sono e de trabalho.*” (AL, p. 47, linha 28)

PANÇA (n/d) s. Gravidez. “*Arranjam pança e vão pôr culpa em gente de casa.*” (VSQJ, p. 158, linha 18)

PAPUÍRA (B) s. Raça de galinha comum, caipira. “*É a derradeira papuíra. O resto o bicho comeu.*” (LS, p. 148, linha 14)

PARABÉLUM (A) s. Certa pistola automática, de procedência alemã. “*Ele conservava da antiga farda um resto de culote, uma bota que lhe vinha até os joelhos e o parabélum.*” (DL, p. 204, linha 25)

PARDAVASCO (A) adj. Muito pardo. “*Olhei para cima – um céu pardavasco de água suja, onde rolava um sol defunto de laranja podre.*” (LS, p. 143, linha 15)

PAULÃO (n/d) s. Pau grande, árvore grande. “*Mas se o negro estivesse mesmo ali atrás desse paulão, de tocaia...*” (CIOL, p. 184, linha 29)

PÉ ANTE PÉ (A) exp. Devagar, cautelosamente. “*A noite entrava pé ante pé na varanda, como um ladrão terrível...*” (LS, p. 144, linha 16)

PEGA PRA CAPAR (B) exp. Confusão. “*Estavam nesse pega pra capar, quando o delegado chegou.*” (AL, p. 100, linha 3)

PELANQUENTO (n/d) adj. Cheio de pelanca, rugas “*Uma analfabeta candeia de azeite deslizou de dentro do casarão, iluminando um rosto pelanquento.*” (CIOL, p. 176, linha 7, 8)

PERAMBEIRA (A) s. Precipício, abismo. “[...] o diabo refugiava-se ali dentro fugindo à inundação que aos poucos ia galgando a perambeira do morrote.” (NACC, p. 6, linha 10)

PERAU (A/B) s. Declive rápido do fundo do mar ou de um rio, junto à costa ou à margem. “Lá se foi Quelemente gritando dentro da noite, até que água lhe encheu a boca aberta [...] e foi deixa-lo empanzinado, nalgum perau distante, abaixo da cachoeira.” (NACC, p. 12, linha 25)

PERNAMBUCANA (A) s. Faca de ponta. “Ramiro examinou bem o dorminhoco e de repente, tirando a pernambucana da cinta, ia pular no Benício.” (UAT, p. 132, linha 27)

PERRENGADO (A/B) adj. Adoentado, fraco, indisposto. “Buli gente num bole, mais bicho [...] o sinhô anda perrengado...” (PN, p. 229, linha 10)

PESCOÇÃO (A/B) s. Tapa no rosto ou no pescoço; sopapo. “Um medo danado de que o loco entrasse ali e matasse meu pai, me matasse, matasse minha mãe, quebrasse os santos e desse pescoções na preta Joana..” (AL, p. 20, linha 11)

PIÃO (B) s. Cravos de ferro para ferrar a roda do carro de bois. “O casco do burro e a pião de carro de boi abriram-se as estradas desse mundão analfabeto de Brasil.” (UDNV, p. 14, linha 21)

PICARÇO (A) s. Pigarço, tipo de cavalo. “Fulô olhou para o animal e reconheceu muito bem o picarço do amante.” (UAT, p. 136, linha 6)

PICUÁ (A/B) s. cesto; saco de lona ou de algodão para levar roupa ou comida. “Tinha um picuá munto xujo na mão e pediu preu assá uma carne prele.” (VSQJ, p. 161, linha 27)

PILÃO (A/B) s. Toro de madeira forte cavado em forma crônica para socar arroz, milho, etc. “Os vizinhos viviam pedindo troços emprestados: pilão, tacho, almofariz, máquinas de moer carne.” (AL, p. 42, linha 16)

PINCHO (n/d) s. Pulo, ataque, atirada. “Veio mansa, ronronando para ser alisada e de supetão, quando o velho a estava alisando, foi aquele pincho.” (PN, p. 238, linha 9)

PINDAÍBA (A/B) s. Falta de dinheiro. “Bem, pagou os cinco contos, mas em compensação ficou na pindaíba.” (AL, p. 48, linha 27)

PINHÉM-PINHÉM (A/B) s. gavião-carrapateiro. “[...] acordando ecos virgens nos ocos dos brocotós, espantando pinhéns-pinhéns pelos gerais malvados de Goiás.” (UDNV, p. 14, linha 18)

PIO (B) s. Falar ao menos uma palavra. “Seu coronel deu um copo d’água para o louco e nesse resto de dia e resto de noite o coitadinho não deu um pio sequer.” (AL, p. 30, linha 30)

PIOLHO (B) s. Cabeça. “O vulto grandão do cantor inclinou-se perto da cama, mas Benício, feito um gato, num pulo ágil, meteu-lhe a mão de pilão no alto do piolho.” (UAT, p. 134, linha 8)

PIQUÁ (B) s. Capanga, embornal. “Norato passou a mão no piquá, atirou-o às costas e foi de cabeça baixa pela estrada.” (PN, p. 234, linha 26)

PIRAÍ (A/B) s. Grande chicote de couro cru. “Viajava com um baita pirai na mão e aquele que retardasse, marchava, quisesse ou não, debaixo do seu relho.” (DL, p. 204, linha 12)

PITEIRA (A/B) s. Árvore da pita (sisal); jequitibá. “Na frente da casa erguia-se o copió feito de piteira e folhas de bananeiras.” (NSJ, p. 195, linha 8)

PORONÓ (B) s. Calombo; inchaço. “Notei mais, que o rosto não tinha nariz e estava cheio de calombos e poronós.” (AM, p. 245, linha 20)

POSTEMA (n/d) s. Ferida cheia de pus. “Toda a parte coberta pelo couro do colete, sem arejamento, virou um postema só.” (AL, p. 105, linha 16)

PRA MODE (B) loc. adv. Por causa de. “- Apois se é pra mode a muié ocê num carece de xujá sua arma.” (MCA, p. 113, linha 14, 15)

PRO RIBA (A/B) loc. adv. Por cima de, sobre. “[...] saíra todo marcado de ponta de punhal, e uma vez com um balaço de pro riba da volta da pá direita.” (UDNV, p. 115, linha 5)

PUÇÁ (A) s. Borla de algodão com a qual se enfeitam redes. “Lá da sala, onde mamãe ficou fazendo puçá, a gente podia ouvir suas risadas...” (AL, p. 53, linha 10)

Q

QUEBRAR CANGALHA (B) exp. Guinar; virar rápido durante a corrida. “Antão quebrou cangalha, contornou o edifício pelos fundos, a turma rente com ele, e alcançou a outra entrada, do lado oposto.” (AL, p. 94, linha 21)

QUEDE (A/B) pron. Cadê, onde está. “Ficô com sodade de casa, mas quede acha jeito de vortá” (OP, p. 226, linha 15)

QUERO-QUERO (A/B) s. Ave pernalta, espécie de curicaca. “Quero-queros voaram tritando, porque vinha gente no trilho.” (PV, p. 236, linha 22)

QUITUTE (A/B) s. Petisco. “Um cachorro romântico passou pela porta e foi comer esse quitute lá não sei onde.” (PNL, p. 127, linha 10)

PUÇÁ (A) s. Borla de algodão com a qual se enfeitam redes. “Lá da sala, onde mamãe ficou fazendo puçá, a gente podia ouvir suas risadas...” (AL, p. 53, linha 10)

R

RABO DO OLHO (B) exp. Olhar com o canto do olho, de soslaio. “Benício fez que dormia, mas ficou vigiando o bruto com o rabo dos olhos.” (UAT, p. 132, linha 25)

RECORTADO (A/B) s. Complemento das modas de viola, em forma de catira, de andamento ligeiro e com tema humorístico ou moralizante. “*Meteu-se pela roça, onde vivia, de fazenda em fazenda, tocando viola, cantando recortado, tirando terços e velando defuntos.*” (UDNV, p. 18, linha 14)

RIBÁ (n/d) v. Jogar em cima. “*O mió mermo é riba criolim.*” (AL, p. 106, linha 21)

RIDICO (A/B) adj. Avarento. “*Achava que Sá Maria iria dizer que ele era um sovina – “um ridico”.*” (AL, p. 67, linha 25)

RISO DESBOTADO (n/d) exp. Sorriso envergonhado; o mesmo que sorriso amarelo. “*- Estou melhor, - respondeu ela rindo um riso tão desbotado...*” (AL, p. 35, linha 10)

RUANA (B) s. Besta clara de crinas amarelas. “*O baiano vinha montado, carregando o Angelino no arção da cutuca, com a ruana do companheiro amarrada à cauda do seu pelo de rato.*” (UDNV, p. 17, linha 20)

S

SAPATA (n/d) s. Parte inferior da janela feita de madeira, portanto a mais larga. “*Chegados à cadeia, subiam à sapata da janela, introduziam por entre o xadrez o prato.*” (AL, p. 30, linha 10)

SAPIROQUENTO (A/B) adj. Olhos inflamados ou sem pestana. “*Espetou seus olhos vagos, empapuçados, sapiroquentos nas brasas, como se os quisesse assar a todo o custo.*” (NSJ, p. 196, linha 24)

SEM TIRÁ NEM PÔ (A/B) exp. Do mesmo modo; sem qualquer diferença; exatamente. “[...] *o coati lá de casa foi desse jeitim, sem tirá nem pô.*” (OP, p. 226, linha 18, 19)

SEU BÃO DELE (B) exp. À vontade, feliz, satisfeito. “[...] *Tambiú era um que já estava muito “seu bão dele” noutro lugar.*” (CBT, p. 120, linha 14)

SOJIGAR (A) v. Subjugar; dominar. “*Na escuridão do rancho, os olhos de pai Norato atraíam irresistivelmente e um medo ruim sojigava a mulher.*” (PN, p. 237, linha 11)

SOVA (A) s. Surra. “*Havia sovas marcadas com semanas de antecedência, que a gente esperava num ansiedade angustiada...*” (AL, p. 32, linha 2)

SUÇUARANA (A/B) s. Onça parta, de porte médio. “*A suçuarana esturrou grosso e marchou agachadinha para ele...*” (PN, p. 237, linha 21)

SUCUPIRA (A/B) s. Árvore do cerrado que pode ser branca, de flores lilases claras, ou preta, de flores roxas. “*Mais adiante um sucupira abria sua copa roxa, que ra antes um grito aflitivo, no ambiente sonambulesco.*” (LS, p. 147, linha 11)

SUMANA (B) s. Semana. “*Num conto nada, Sinhana, obra de uma sumana, óia urubu fazeno roda na beira do currá.*” (OP, p. 226, linha 12, 13)

SUPETÃO (A) s. De súbito, de repente. “*Podia ser meio-dia quando o carro estacou de supetão.*” (AM, p. 241, linha 12)

T

TABOCUÇU (n/d) s. Taboca grande. “*Levava caça aos gatinhos de suçuaranas entocados nas moitas de tabocuçu.*” (PN, p. 230, linha 6)

TACO (A/B) s. Pessoa muito bonita. “*- Essa pequena tá ficano um taco.*” (VSQJ, p. 157, linha 15)

TALAGADA (A/B) s. Porção de bebida alcoólica que se toma duma só vez; grande gole de bebida forte. “*Mudou-se de lugar, mexeu-se, tomou um talagada braba de pinga...*” (CBT, p. 119, linha 5)

TANTÃ (A/B) adj. Maluco, abobalhado. “*Os cascos do animal foram cutucando a noite como um tantã fantasma até que o som se perdeu ao longe...*” (DL, p. 212, linha 20)

TAQUARA (A/B) s. Da mesma família da taboca, mas de gomos mais compridos e mais finos. “*[...] e que arrastava as palhas, as taquaras da parede, os detritos da habitação.*” (NACC, p. 8, linha 16)

TATURANA (A/B) s. Espécie de lagarta, cujo pelo tem o poder de queimadura. “*Mexeu, virou e só viu um mandruvá e uma taturana.*” (PN, p. 233, linha 18, 19)

TAUÁ (A/B) s. Argila aluvional colorida por óxido de ferro; tinta amarela extraída dessa argila. “*[...] o mastro pintado de tauá e oca e com o pé à beira do buraco...*” (NSJ, p. 195, linha 4)

TESAR (A) v. Exigir de (um subordinado), com rigor, o cumprimento das suas obrigações. “*O barqueiro contava também com a condecoração de umas três orelhas arrancadas a outras tantas vítimas e tesou com ele...*” (CBT, p. 121, linha 14)

TIRADEIRA (A/B) s. Correia ou corrente que, nos carros de boi puxados por quatro animais, prende a canga da frente à dos do coice. “*No outro dia acharam o rodeiro do carro partido, atolado no brejo; pedaços de cangas, canzis, tiradeiras...*” (AL, p. 22, linha 22)

TIRANDO TERÇOS (n/d) s. Rezar o terço, puxar o terço. “*Meteu-se pela roça, onde vivia, de fazenda em fazenda, tocando viola, cantando recortado, tirando terços e velando defuntos.*” (UDNV, p. 18, linha 14, 15)

TIRIRICA (A/B) adj. Muito irritado. “*Estava um pouco suja de titica de mosquito, mas bem identificável.*” (VSQJ, p. 169, linha 16)

TITICA (A/B) s. Excremento de aves. “*Estava um pouco suja de titica de mosquito, mas bem identificável.*” (VSQJ, p. 169, linha 16)

TOCAIAR (A) v. Emboscar-se a fim de agredir ou matar. “*Da cidade de outrora, só restava uma meia dúzia de casas velhas, sujas, arruinadas, tocaiano o tempo, na dobra da serra imensa.*” (CBT, p. 117, linha 5)

TRANCA (A/B) s. Pessoa que atrapalha; pessoa indesejável. “*É preciso mandar esse tranca embora.*” (AL, p. 101, linha 13)

TREM (A/B) s. Qualquer objeto ou coisa. “*É que esses peixes, fanáticos por carne, por sangue, cuidavam ser logo algum trem de comer...*” (MCA, p. 110, linha 19)

TRIGUEIRA (n/d) adj. De súbito, de repente. “*Podia ser meio-dia quando o carro estacou de supetão.*” (AM, p. 241, linha 12)

TROÇO (A/B) s. Trem, coisa. “*Os vizinhos viviam pedindo troços emprestados...*” (AL, p. 42, linha 16)

TUFO (n/d) s. Porção. “*Novo coice melhor aplicado e um tufo d’água espirrou no escuro.*” (NACC, p. 11, linha 10)

V

VARADO DE FOME (B) exp. Excessivamente faminto. “*- Tá varado de fome, cão.*” (PN, p. 235, linha 24)

VASSOURINHA (A/B) s. Plantas de pouco crescimento e quase rasteiras, ramosa e lenhificada. “*Todo mundo saía procurando o louro, revirando as vassourinhas, os ora-pro-nóbis das cercas.*” (OP, p. 223, linha 10)

VENETA (A/B) s. Impulso repentino. “*Mamãe ficava aflitíssima, vendo a hora que meu pai brigava com sá Marial Lemes [...]. Sabia que era veneta.*” (AL, p. 50, linha 19)

Z

ZANGAR (B) v. Adoecer, inflamar, deteriorar. “*Mas é preciso adivirti essa nação de povo que viero rezá pra Nossa Senhora d’Abadia do Muquém e fé nela que num hai de tê nada e meu zóio num zanga.*” (CBT, p. 123, linha 29)

ZANZAR (A/B) v. Andar à toa; vaguear. “*Anísio zanzou no matagal o dia inteiro.*” (CIOL, p. 184, linha 1)

ZÓIO DE BOI (n/d) exp. Simpatia para fazer estiar. “*-Fio, fais um zóio de boi lá fora pra nós.*” (NACC, p. 3, linha 1)

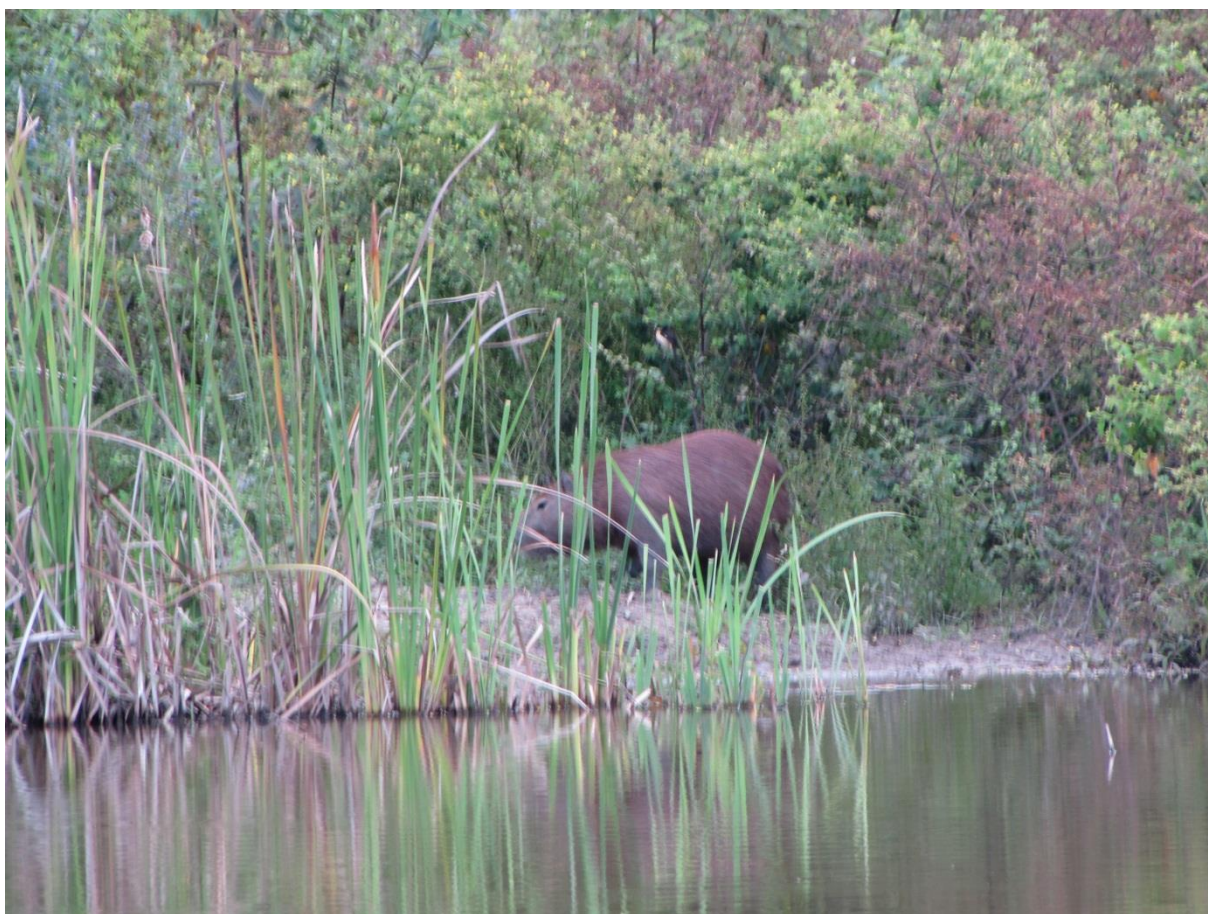


Foto n° 8: Capivara à beira da represa (acervo particular)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propôs-se neste estudo realizar uma análise lexical, considerando as relações estabelecidas entre o léxico e a cultura em um uso específico da língua portuguesa, o dialeto rural. Para tal, aplicou-se como material de análise os contos de *Ermos e Gerais* de Bernardo Élis, uma vez que representa a vida rural no interior de Goiás, precisamente a variedade linguística rural. Isto se deve pelo fato de que Bernardo Élis, desejoso em ressaltar as peculiaridades de seu Estado Natal e, ainda, colaborar para a mudança social dessa região, utilizou os recursos próprios da literatura regionalista para construir um enredo realista e memorável sobre a vida do sertanejo no interior de Goiás.

A partir desta análise e descrição das lexias que representam o falar rural nessa obra, verificou-se que as unidades lexicais empregadas são em grande número rurais, o que comprova a nossa hipótese sobre o repertório lexical do *corpus*. Disso depreende-se que Bernardo Élis criou um universo referencial, por meio da linguagem e da ambientação do texto, que permite ao leitor conhecer o universo natural, social e cultural do homem do campo na região de Goiás. Trata-se de um trabalho intencional construído a partir das experiências vivenciadas pelo autor nos sertões de Goiás e, não por acaso, a linguagem rural é um dos elementos essenciais em sua composição.

Observou-se que, das 292 lexias apresentadas nas fichas lexicográficas, 162 estão registradas no Aurélio, 163 no Bariani e 75 não aparecem em nenhuma das obras consultadas. Isto mostra que a maior parte das lexias rurais encontradas no *corpus* estão dicionarizadas. Considerando as informações dos dicionários consultados, verificou-se que estes vocábulos além de apresentar elementos específicos da linguagem rural são muitas vezes identificados (no Aurélio) como variantes usadas especificamente em algumas regiões, como Goiás, Minas Gerais, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e outras. Isto se dá pelo fato destas regiões ocuparem uma posição geográfica adjacente, ou seja, por fazerem divisa, o que possibilita o contato linguístico entre seus falantes.

Outro fator de grande importância que justifica a recorrência desses vocábulos em *Ermos e Gerais* está na própria constituição do falar rural em Goiás. Sabe-se que em Goiás a formação de falares rurais foi construída a partir do contato dialógico entre bandeirantes, índios e africanos com a entrada das bandeiras paulistas em busca de índios e ouro (Ciclo do Ouro), bem como por meio do contato com inúmeros migrantes (piauienses, mineiros, maranhenses e baianos) com a expansão da agropecuária. Como Bernardo Élis procurou representar nessa obra a vida rural no interior de Goiás, precisamente, a linguagem rural do

homem sertanejo, é comum encontrar nos contos vocábulos também recorrentes em outras regiões, especificamente, as regiões que fazem divisa com esse estado.

Dessa forma, a consulta aos dicionários possibilitou tanto a validação dos itens lexicais como sendo apropriadamente rurais, como a exclusão dos mesmos, ou seja, as lexias que, em primeira análise, julgou-se ser rurais foram imediatamente excluídas no momento em que se constatou a sua existência no dicionário (Aurélio) como sendo parte integrante do léxico geral da língua portuguesa.

Por outro lado, a distribuição das lexias em campos lexicais favoreceu a identificação, a compreensão do sentido de cada unidade lexical, bem como a visualização das relações semânticas entre cada uma. Este procedimento mostrou-se ser de extrema relevância na elaboração de definições dos itens não dicionarizados.

Por fim, o glossário, meta principal deste estudo, mostrou por simples definições os vocábulos rurais usados por Bernardo Élis em *Ermos e Gerais*. São vocábulos raros e pouco conhecidos, por isso o interesse em elucidar por meio de um instrumento lexicográfico o seu sentido na tentativa de facilitar a compreensão desta tão renomada e reconhecida obra da literatura brasileira. Pretendeu-se, com isso, mostrar a fusão entre léxico e cultura, partindo do pressuposto de que as unidades lexicais do *corpus* podem evidenciar tanto os aspectos linguísticos como os aspectos socioculturais do homem sertanejo no interior de Goiás.

Fato a ser considerado é que a linguagem nessa obra concorre para plasmar não só a ambiência do sertão goiano, mas, principalmente, o perfil físico, psicológico e social do homem sertanejo. Além de representar o modo de vida do homem do campo, ou seja, a cultura e a identidade do povo goiano, essa obra retrata, principalmente, a variedade linguística rural, revelando a exuberante estratégia de Bernardo Élis em associar os aspectos linguísticos à cultura do homem do campo para compor sua literatura.

Percebe-se que o autor estrutura suas histórias em um estilo semelhante aos contos populares. Esta similaridade se evidencia pela presença marcante da oralidade, pelo emprego de parágrafos curtos e períodos breves, pelo uso da expressão “Era uma...” no início dos contos. Todos esses recursos confere ao texto um estilo singular próprio da narrativa oral, e é através desses aspectos retóricos e semióticos, desse arranjo de palavras, que Bernardo Élis nos apresenta uma das melhores obras da nossa literatura.

Apesar de possuir uma essência regionalista, pode-se dizer que *Ermos e Gerais* alcançou uma dimensão nacional e, até mesmo, universal, já que iconiza mundos interiores e exteriores vivenciados pelo homem em diversos lugares. São histórias que apresentam

enredos memoráveis e personagens surpreendentes que fazem parte não apenas de um universo ficcional, mas de uma realidade histórica, política e social de um povo.

A linguagem rural que se entremeia ao fio narrativo como recurso ilustrativo da época como já nos referimos, não é uma herança que se esgaçou com o tempo, ela ainda permanece em nossa cultura, ou seja, ainda está impregnada na memória e na fala de muitas pessoas em diversos lugares. Portanto, este estudo é pertinente visto que tem a dimensão simbólica de um resgate daquilo que se preconiza ser menosprezado e esquecido, reforçando a necessidade de se valorizar e de se preservar a variedade linguística rural como um verdadeiro patrimônio linguístico de Goiás.

Contudo, pode-se afirmar que Bernardo Élis, valendo-se dos recursos próprios da narrativa oral construiu não só um enredo de extremo valor literário, mas uma bela obra de arte, de extremo valor linguístico, razão pela qual possui até os dias de hoje um *status* singular na literatura brasileira. A presença constante de elementos regionais na linguagem e na ambiência do texto filia a obra à tradição regionalista do sistema literário brasileiro. Não obstante, o caráter regional dos contos não traduz somente as peculiaridades física e humana do sertão goiano, mas, sobretudo, transfigura o falar rural local, em uma linguagem reconhecida nacionalmente, como forma autêntica e válida dentre as diversas manifestações linguísticas.



Foto nº 9: Manoel e Mariana na bica d'água (acervo particular)

REFERÊNCIAS

- ABDALA JR, Benjamim. *Literatura comentada, Bernardo Élis: textos selecionados, estudo histórico-literário, biografia e atividades de compreensão e criação*. São Paulo: Abril Educação, 1983.
- ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALMEIDA, Nelly Alves de. Regionalismo; Bernardo Élis. In _____. *Estudos sobre quatro regionalistas*. 2. ed. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1985, p. 15-151.
- AMARAL, Amadeu. *O dialecto caipira*. São Paulo: Casa editora “O livro”, 1920.
- ATHAYDE, Tristão de. Regionalismo Universalista. In: FREDERICO, Enid Yatsuda; LEÃO, Flávia Carneiro (Orgs). *Remate de Males: dossiê Bernardo Élis*. Campinas: Departamento de Teoria Literária – UNICAMP, 1997, p. 123-124.
- BECHARA, Evanildo. Bernardo Élis – Apresentação. In: ÉLIS, Bernardo. *Seleção*. (organização de Gilberto Mendonça Teles) 3ª.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1991.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. A estruturação mental do léxico. In: BORBA, Francisco da Silva. (Org.). *Estudos de filologia e linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981, p. 131-145.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BRIGHT, William. Introduction: The Dimensions of Sociolinguistics. In: _____. *Sociolinguistics*. Paris: The Hague, 1966, p.11-15.
- CALAGE, Eloí. Bernardo Élis, um olhar. In: UNES, Wolney (Org). *Bernardo Élis - Vida em obras*. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura - AGEPEL, 2005, p. 153-160.
- CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jésus Barbosa. *Português – Literatura, Produção de textos e Gramática*. São Paulo: Saraiva, 2001.
- CARVALHO, Nelly. Acervo Lexical. In: CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 32-45.
- COELHO, Braz José. *Linguagem: conceitos básicos*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.
- _____. *Comunicação verbal e suas implicações didático-pedagógicas*. Goiânia, Ed. UCG/Livr. Ed. Cultura Goiana, 1984.
- _____. *Educação e Linguagem: Reflexões Ligeiras*. Goiânia: Cultura Goiana, 1991.

_____. *Unidades morfológicas do português*. Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda, 2011.

_____. *Estrutura e funcionamento da língua portuguesa*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.

_____. *Linguagem – lexicologia e ensino de português*. Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda, 2008.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de semântica estrutural*. Vers. esp. De Marcos Martinez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. (Co-direção de Eduardo de Faria Coutinho) 4.ed. São Paulo: Global, 1997.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

ÉLIS, Bernardo et al. A vida são as sobras. In: FREDERICO, Enid Yatsuda; LEÃO, Flávia Carneiro (Orgs). *Remate de Males: dossiê Bernardo Élis*. Campinas: Departamento de Teoria Literária – UNICAMP, 1997, p. 15-105.

_____. *Ermos e Gerais* (contos goianos). (edição preparada por Luiz Gonzaga Marchezan). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*. São Paulo: Ática, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FREDERICO, Enid Yatsuda. Apresentação. In: _____; LEÃO, Flávia Carneiro (Org). *Remate de Males: dossiê Bernardo Élis*. Campinas: Departamento de Teoria Literária – UNICAMP, 1997. p. 9-13.

_____. Literatura e política. In: UNES, Wolney (Org). *Bernardo Élis - Vida em obras*. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura - AGEPEL, 2005, p. 121-129.

GECKELER, Horst. *Semântica estrutural y teoria do campo léxico*. Vers. esp. de Marcos Martinez Hernández rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1976.

GEERTZ, Clifford. *O saber local*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997, p. 111-245.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Atlas regionais em andamento no Brasil: perspectivas metodológicas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolinguística no Brasil – trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Uduel, 2005, p. 334-356.

ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pires Pinto de (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. vol. 4. Campo Grande: Editora UFMS, 2010.

JORGE, Miguel. Sessenta anos de ‘Ermos e Gerais’. Bernardo Élis: de corpo inteiro. In: UNES, Wolney (Org). *Bernardo Élis - Vida em obras*. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura - AGEPEL, 2005, p. 83-97.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, Oxford, Blackwell, 1972.

LYONS, John. Linguagem e Cultura, In _____. *Lingua(gem) e Linguística: uma introdução*. Tradução de Marilda WinklerAverbug e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, [1987] 2009, p. 223-244.

MALINOWSKI, Bronislaw. O problema do significado em linguagens primitivas. In: OGDEN, Charles Kay; RICHARDS, Ivor Armstrong. *O significado do significado*. Rio de Janeiro, Zahar, [1923] 1972, p. 295-330.

MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. Introdução. In: ÉLIS, Bernardo. *Ermos e Gerais* (contos goianos). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MATORÉ, George. *La méthode em lexicologie*. Domaine Française. Paris: Didier, 1953.

OLIVAL, Moema de Castro e Silva. ‘Chegou o governador’, ficção e história. O silêncio ruidoso de um grande escritor. In: UNES, Wolney (Org). *Bernardo Élis - Vida em obras*. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura - AGEPEL, 2005, p. 61-79.

ORTÊNCIO, Waldomiro Bariani. *Dicionário do Brasil Central: subsídios à Filologia*. São Paulo: Ática, 2009.

PALACIN, Luiz. *Coronelismo no extremo norte de Goiás*. O padre João e as três revoluções em Boa Vista. Goiânia; São Paulo: Cegraf / Loyola, 1990.

PAULA, Maria Helena de. *Rastros de velhos falares – léxico e cultura em formas arcaicas no vernáculo catalano*. 2007. 521 fl. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquara-SP, 2007.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: Os níveis da fala*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1987.

RIBEIRO, Gisele Aparecida. *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*. 2010. 256 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte-MG, 2010.

RIEDEL, Dirce Cortes. Saga de espantos. In: FREDERICO, Enid Yatsuda; LEÃO, Flávia Carneiro (Orgs.). *Remate de Males: dossiê Bernardo Élis*. Campinas: Departamento de Teoria Literária – UNICAMP, 1997, p. 127- 134.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Trad. Joaquim Mattoso Câmara Junior. Rio de Janeiro: Acadêmica, [1929] 1969, p. 43-62.

_____. *A Linguagem: introdução ao estudo da fala*. Trad. Joaquim Mattoso Câmara Junior. São Paulo: Editora Perspectiva, 1949.

SAUSSURE, Ferdinand. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. *Curso de Lingüística Geral*. (Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye). São Paulo: Cultrix, [1916] 2006.

SOUZA, Vander Lúcio. *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. 2008. 248 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte-MG, 2008.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolingüística*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TELES, Gilberto Mendonça. Dos Ermos aos Caminhos dos Gerais. In: FREDERICO, Enid Yatsuda; LEÃO, Flávia Carneiro (Orgs.). *Remate de Males: dossiê Bernardo Élis*. Campinas: Departamento de Teoria Literária – UNICAMP, 1997, p. 135-137.

TRASK, Robert Lawrence. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Trad. e adap. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2006.

TRIER, Jost. Das sprachliche Feld. Eine Auseinandersetzung. In: _____. *Neue Jahrbuecher fuer Wissenschaft und Jugendbildung*. Heidelberg: Winter, 1934, p. 428-449.

TURAZZA, Jeni Silva. *Léxico e criatividade*. São Paulo: Plêiade, 1996.

VICENTINI, Albertina. Bernardo Élis revisitado. In: UNES, Wolney (Org). *Bernardo Élis - Vida em obras*. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura - AGEPEL, 2005, p. 133-141.

VILELA, Mário Augusto Quinteiro. *Léxico e gramática*. Coimbra: Almedina, 1994.